



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Instituto Politécnico da Guarda

**Relatório de Estágio da Prática
de Ensino Supervisionada**

Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

Sérgio Miguel Cardoso Mendes

setembro| 2012



Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Sérgio Miguel Cardoso Mendes

Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Doutora Ana Margarida Fonseca

setembro| 2012

Agradecimentos

A tarefa de agradecer é sempre ingrata uma vez que, por um motivo ou por outro, omitimos sempre alguém que de uma maneira geral tornou possível o desenvolvimento de um longo trabalho e a respetiva apresentação deste documento. Agradeço de uma forma especial:

À Professora Doutora Ana Fonseca que sempre se mostrou disponível para me orientar neste percurso desde o primeiro momento. Registo a abertura demonstrada perante o meu projeto, o apoio amigável e sincero que proporcionou no seu desenvolvimento, com comentários críticos e sugestões, e as horas despendidas para que fosse possível terminar este relatório.

Agradeço também às professoras cooperantes Ana Catarina Castro, Fernanda Cosme, Georgete Pereira, Graciete Paixão e Tânia Costa e aos supervisores de estágio Dr.^a Ana Lopes, Dr.^a Elisabete Brito, Doutora Eduarda Ferreira e Doutor Pedro Tadeu, pela disponibilidade, orientação e apoio que me facilitaram ao longo do estágio. De entre estes destaco a Dr.^a Elisabete Brito pela sua disponibilidade de ajuda mas, principalmente, pelas palavras de estímulo, incentivo e confiança que sempre proferiu. A todos os professores do Curso de Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico pela atenção, colaboração e disponibilidade prestadas.

Ao meu grande amigo, José Luís Santos, que me sugeriu o tema a desenvolver e me auxiliou na pesquisa bibliográfica

Aos colegas e amigos que me acompanharam nesta aventura, em especial a Luciana Rios e a Margarida Pinho.....

A toda a minha família, o meu agradecimento pela colaboração e incentivo que me deram nas diferentes etapas deste percurso.

À minha esposa, Teresa Esteves, pelo estímulo, paciência e compreensão para com as minhas falhas e ausências e à minha filha Maria Rita com quem estive menos disponível durante a Prática de Ensino Supervisionada e a elaboração deste relatório

A todos estes e àqueles que, injustamente, não mencionei, o meu muito bem hajam.

Resumo

Deste documento consta a prática desenvolvida no estágio realizado de acordo com o regulamento da Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo que confere habilitação profissional para a docência no 1º Ciclo e nas disciplinas de Ciências da Natureza, História e Geografia de Portugal, Língua Portuguesa e Matemática do 2º Ciclo do Ensino Básico.

O objetivo deste relatório é refletir o percurso de formação e manifestar uma atitude crítica em relação aos desafios, processos e desempenhos do quotidiano profissional experimentado, evidenciando as dificuldades encontradas e as estratégias utilizadas para a sua superação. Será, ainda, apresentada investigação sobre uma possibilidade de abordagem do Estado Novo em História e Geografia de Portugal, que designamos de “Estado Novo visto a partir do futebol”.

O futebol é dos fenómenos sociais mais abrangentes e complexos. Apela aos sentimentos, despertando paixões e promovendo ódios que, por vezes, cegam o ser mais racional. Devido à sua relevância social pode ser alvo de instrumentalização ou, no mínimo, de manipulação. Assim, se for devidamente tratado, o futebol pode assumir um importante papel no processo de ensino aprendizagem, não só como elemento motivador, mas também como instrumento facilitador da aquisição de aprendizagens. As fontes históricas que proporciona, como reportagens, entrevistas, crónicas, fotografias, debates, tabelas de resultados e de classificações possibilitam a reflexão sobre a época a que se referem. Trata-se de um processo que permite, simultaneamente, a aquisição de processos de tratamento de fontes históricas e, por conseguinte, da metacognição.

Ao longo da investigação foi privilegiada a análise de documentos e a pesquisa bibliográfica, em especial de documentos da autoria de reconhecidos especialistas na área. O cruzamento de fontes e de informações aí contidas permitiu-nos deduzir que é possível analisar, caraterizar e interpretar o Estado Novo a partir das suas referências no mundo futebolístico, uma vez que este não surge descontextualizado da época em que é vivido e sentido.

Por toda a pesquisa que está subjacente, acreditamos que esta investigação pode ser um projeto embrionário para uma nova forma de abordar conteúdos em História e Geografia de Portugal que, em contextos muito particulares, poderá contribuir para o sucesso escolar dos alunos.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada; Futebol; Ensino de 1º e 2º Ciclo; Estado Novo

Abstract

This document is based on the teaching practice developed during the teacher training and follows the regulations issued by the Supervised Teaching Practice (STP) of the Master's degree in Teaching the 1st and 2nd Cycle. This degree will enable us to get recognized teaching qualification for the 1st Cycle as well as for the 2nd cycle in the following disciplines: Natural Sciences, History and Geography of Portugal, Portuguese and Mathematics.

The aim of this report is to give a critical account of the teacher training process and its challenges, having in mind our daily experience as a teacher. Thus, it highlights both the difficulties found in the teaching practice and the strategies which have been developed to overcome them. Besides this, it will also present investigation about the possibility of an approach to the “Estado Novo” (aka The Second Republic), in the disciplines of History and Geography of Portugal, from the point of view of football. This approach will be named as "The New State seen through football."

Football is one of the most broad and complex social phenomena. It appeals to feelings, it wakes up passions and promotes hatred that, sometimes, might blind the most rational being. Due to its social relevance it can be targeted as orchestration or even manipulation. Thus, when properly handled, football can play an important role in the whole education process, not only as a motivational element, but also as an easier tool to acquire knowledge. It provides historical sources such as reports, interviews, opinion articles, pictures, debates, results and classification tables which are suitable to the study of the period of time they refer to. It is a process that enables, simultaneously, the acquisition of historical sources handling procedures and, consequently, metacognition.

Throughout this investigation significance was given to data analysis and bibliographic research, especially documents from recognized specialists in the area. The thorough cross-analysis of those documents led us to the conclusion that it is possible to characterize and study the “Estado Novo” having as a basis what happens in the world of football, because football embodies the practices of that time.

This investigation, we believe, can be a first step to a new approach to teaching History and Geography of Portugal which, in some specific contexts, may contribute to students' school achievement.

Key-words: Supervised Teaching Practice; Football; 1st and 2nd Cycle; “Estado Novo” (The Second Republic)

Siglas e abreviaturas

CEB	Ciclo do Ensino Básico
DGS	Direção Geral de Segurança
ESECD	Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto
FPF	Federação Portuguesa de Futebol
HGP	História e Geografia de Portugal
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PCT	Projeto Curricular de Turma
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PNL	Plano Nacional de Leitura
PIDE	Polícia Internacional de Defesa do Estado
PVDE	Polícia de Vigilância de Defesa do Estado
SASE	Serviço de Apoio Social da Educação
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 – Enquadramento Institucional.....	5
1. Caraterização do meio.....	5
1.1. Caraterização das escolas onde decorreu a PES.....	6
1.2. Caraterização das turmas.....	10
Capítulo 2 – Descrição da Prática de Ensino Supervisionada.....	17
1. Experiência de ensino/aprendizagem no 1º ciclo do Ensino Básico	17
2. Experiência de ensino/aprendizagem no 2º ciclo do Ensino Básico	23
2.1. Ciências da Natureza.....	23
2.2. História e Geografia de Portugal.....	27
2.3. Língua Portuguesa.....	30
2.4. Matemática.....	34
3. Reflexão / síntese final	38
Capítulo 3 – O Estado Novo visto a partir do futebol.....	41
1. Apresentação dos conceitos de Estado Novo e Futebol	41
1.1. O Estado Novo apresentado nos programas escolares de HGP	41
1.2. O futebol, um fenómeno complexo.....	44
2. Justificação da pertinência da investigação.....	46
3. As interferências do Estado Novo no futebol.....	52
4. Proposta de exploração da temática	64
Notas finais.....	74
Bibliografia	77
Apêndices.....	85
Anexos.....	105

Índice de imagens

Imagem 1 - Fachada do Centro Escolar da Sequeira.....	7
Imagem 2 - Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca – Outeiro de S. Miguel	8
Imagem 3 – Disposição da sala de aula.....	12
Imagem 4 – Foto da Revista <i>Stadium</i> do alinhamento da equipa nacional portuguesa.....	54
Imagem 6 – Colónia Penal do Tarrafal	55
Imagem 5 – Capa do livro <i>Tarrafal, o Pântano da Morte</i> da autoria de Cândido de Oliveira ...	55
Imagem 7 – Inauguração oficial do Estádio Nacional a 10 de Junho de 1944.....	57
Imagem 8 – Seleção Nacional de Futebol presente no Mundial de 1966	59
Imagem 9 – Alinhamento das seleções da República Federal da Alemanha (esquerda) e da Inglaterra (direita) antes da final do Campeonato do Mundo de 1966.....	59
Imagem 10 – <i>Record</i> 25 de fevereiro de 1964, p.15	61
Imagem 11 - Capa de <i>O Noticias Ilustrado</i> de 10 de Dezembro de 1933.....	64
Imagem 12 -Promoção do Colonialismo do Estado Novo	65
Imagem 13 – Equipa portuguesa que venceu o Brasil por 3-1 no Campeonato do Mundo de 1966.....	68
Imagem 14 – Seleção nacional presente no Campeonato do Mundo de 2010	68
Imagem 15 - Zonas de conflito durante a Guerra Colonial Portuguesa	71
Imagem 16 - As consequências da guerra colonial vistas pelo cartoonista Abel Manta.....	71
Imagem 17 – Adeptos da Académica no final da Taça de Portugal de 1969.....	73
Imagem 19 – Cartaz alusivo à inauguração do Estádio Salazar.....	107
Imagem 20 - O Chefe de Estado, General Craveiro	121

Índice de tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos alunos por ciclo de ensino.....	9
Tabela 2 - Jogadores convocados para o Mundial de 1966.....	69
Tabela 3 - Jogadores convocados para o Mundial de 2010.....	70

Índice de quadros

Quadro 1. Síntese da PES no 1º ciclo.....	87
Quadro 2.1. Síntese da PES de Ciências da Natureza no 5ºC	97
Quadro 2.2. Síntese da PES de Ciências da Natureza no 6ºB	98
Quadro 3.1. Síntese da PES de História e Geografia de Portugal no 5ºA	100
Quadro 3.2. Síntese da PES de História e Geografia de Portugal no 6ºA	101
Quadro 4. Síntese da PES de Língua Portuguesa.....	102
Quadro 5. Síntese da PES de Matemática	104

Índice de anexos

Anexo 1 - Culto do líder.....	106
1.1. Reportagem do <i>Diário de Notícias</i> do jogo Espanha vs. Portugal ocorrido em Vigo a 28 de Novembro de 1937	106
1.2. Inauguração do Estádio Nacional.....	106
Anexo 2 - A censura prévia.....	108
2.1. Primeiro hino do Benfica censurado pelo regime	108
2.2. A legitimação da censura	109
2.3. Cronologia da violência no futebol na década de 30	109
2.4. A imprensa realça boa atuação do árbitro e o bom comportamento dos intervenientes apesar dos lances polémicos.....	110
2.5. A influência indireta da censura na ação jornalística	111
Anexo 3 - A restrição de liberdades políticas.....	112
3.1. Considerações sobre o Tarrafal	112
3.2. A justificação da ausência de democracia em África.....	112
3.3. O futebol como expressão popular do agrado e aceitação da presença portuguesa em África.....	113
Anexo 4 - Obras públicas	115
4.1. A inauguração do Estádio Nacional a 1 de junho de 1944.....	115

4.2. A promoção do desporto através da edificação de obras públicas e da criação de legislação adequada.....	116
4.3 A promoção das obras públicas em África.....	117
Anexo 5 - A promoção do Nacionalismo e do ideal de Portugal, um país do Minho a Timor .	118
5.1. O fatalismo português	118
5.2. Orgulhosamente sós!.....	118
5.3. A legitimação do carácter miscigenador e civilizacional dos portugueses	119
5.4. A comunhão do ideal português.....	120
5.5. Uma casa portuguesa.....	120
Anexo 6 - As instituições de arregimentação social.....	122
6.1. Visão do desporto para a Mocidade Portuguesa	122
6.2. O futebol ao serviço da promoção da instituição militar e Eusébio como um exemplo a seguir	122
6.3. O futebol como exemplo da primazia do espírito de grupo em detrimento do individualismo.....	123
Anexo 7 - A contestação social	124
7.1. 1969 – Antecedentes da Final da Taça de Portugal da contestação: Benfica 2 - Académica 1.....	124
7.2. Os jogos silenciosos	125

Introdução

Atualmente a educação é entendida como um processo multidisciplinar e dinâmico, onde não existe divisão de saberes e o aluno assume uma posição central e ativa. O professor é, por sua vez, um agente educativo relevante. As suas estratégias e metodologias deverão ter como objetivo o desenvolvimento das competências dos educandos, de modo a permitir uma melhor integração na sociedade da informação e do conhecimento.

O professor, como agente dinamizador da aquisição de conhecimento e desenvolvimento de competências de alunos que se pretendem autónomos e responsáveis, deve estar preparado para um mundo em transformação e um saber em evolução, característico de uma sociedade que se encontra em permanente mudança. É neste contexto que se compreendem os princípios enunciados no Currículo Nacional do Ensino Básico, os quais preconizam:

- A valorização de diferentes formas de conhecimento, comunicação e expressão;
- O desenvolvimento da curiosidade intelectual, do gosto pelo saber, pelo trabalho e pelo estudo (DEB, 2002:15).

Compreende-se, na realidade atual, a existência do curso de mestrado de Ensino de 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico no qual são exploradas áreas tão distintas como Língua Portuguesa, Ciências da Natureza, Matemática ou História e Geografia de Portugal. Desta forma, além de se permitir a profissionalização em diferentes grupos, aprofundar-se-ão conhecimentos de áreas que, em última instância, se relacionam entre si. Assim, após concluir esta etapa formativa, um docente está mais capacitado para promover a interdisciplinaridade.

Procurei colocar esta realidade em prática durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES) de 1º e 2º do Ciclo do Ensino Básico (CEB). Fi-lo aplicando os conteúdos programáticos ao contexto encontrado. Neste percurso tive de investigar sobre os conteúdos e o processo educativo, numa postura que teve subjacente a preocupação pela qualidade do ensino e da aprendizagem.

Foi neste contexto que surgiu a proposta de análise do «Estado Novo a partir do futebol». A escolha do tema para o desenvolvimento de um projeto de investigação deriva das inferências realizadas durante as diferentes unidades curriculares, principalmente Didática da História e Geografia de Portugal, Didática da Matemática e Investigação e Intervenção Educacional, das reflexões constantes às práticas pedagógicas que implementei e, também, das

dificuldades encontradas durante a PES, não só por mim, como também pelas colegas de estágio.

O projeto assenta numa proposta de articulação de, pelo menos, duas áreas curriculares, Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal. Ao que acresce um elemento motivacional comum, o interesse pela temática do futebol. Através da mesma pretende-se que os alunos possam, simultaneamente, desenvolver competências de leitura, de tratamento de fontes e de comunicação em História.

Na Língua Portuguesa, a aprendizagem e o desenvolvimento das competências de leitura são “talvez o maior desafio que as crianças têm de enfrentar (...). Ganhar esse desafio é num mundo dominado pela informação escrita, o primeiro passo para que cada uma das crianças que hoje frequenta a escola, seja no futuro um cidadão efetivamente livre nas decisões que toma” (Martins e Silva, 1999: 49). Desta forma o aluno fica preparado para responder aos desafios com os quais será confrontado, à medida que se for integrando na sociedade.

Por sua vez, em HGP, a maioria dos manuais induz à exploração dos mesmos ou de instrumentos de aprendizagem similares, algo que acaba por fomentar a adoção de práticas comuns ao ensino tradicional, nas quais o professor transmite informações que os alunos devem memorizar sem reconhecer, por vezes, a sua relevância. Como tal, “a simples memorização da informação apresenta a história como um relato fixo do passado, propondo uma postura passiva perante o saber” (DEB, 2002: 87), pouco ou nada reflexiva. Ora, ao ensinar-se história pretende-se não só transmitir conhecimentos como, também, aprender a aprender, a ler e a interpretar determinada fonte, facto ou acontecimento, num processo que está em permanente desenvolvimento e que remete para um maior dinamismo por parte dos alunos e, por conseguinte, dos seus orientadores, os professores. Estamos, pois, a referir-nos a uma aprendizagem ativa e dinâmica, onde “a construção de inferências a partir de fontes diversas indicia uma visão da História apta a fornecer ferramentas intelectuais indispensáveis à interpretação e explicação da realidade, que é dinâmica.” (DEB, 2002: 87)

Face ao exposto percebe-se que estas áreas curriculares não só se complementam como, também, apresentam afinidades uma vez que, através de ambas, podemos interpretar textos (escritos e visuais).

Neste sentido foram estabelecidos para o projeto de investigação os seguintes objetivos: (i) Clarificar os conceitos de Estado Novo e de Futebol; (ii) Reconhecer a importância da abordagem do Estado Novo a partir do futebol (iii) Identificar relações históricas entre o Estado Novo e a modalidade; (iv) Apresentar uma proposta de abordagem do Estado Novo a partir do futebol, a aplicar no 6º ano de escolaridade.

O presente trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, é efetuado o enquadramento institucional dos estabelecimentos onde se realizou a PES. É, assim, possibilitada a contextualização com a prática educativa descrita no capítulo seguinte. No segundo capítulo é descrita, de modo fundamentado e sistematizado, a PES, nomeadamente no que aos aspetos referentes à metodologia utilizada diz respeito. São indicadas as estratégias adotadas e refletidos os aspetos mais positivos e menos conseguidos da PES. No terceiro capítulo é proposta uma inovadora abordagem de um conteúdo histórico. São apresentados os conceitos em causa, Estado Novo e Futebol, justificada a relação histórica entre os mesmos, discutida a pertinência da proposta e, por fim, apresentada uma proposta de abordagem de um conteúdo. Por último, são tecidas as considerações finais, onde se fazem reflexões suscitadas pelo estudo e se indicam alguns contributos desta investigação.

Capítulo 1

Enquadramento Institucional

Capítulo 1 – Enquadramento Institucional

1. Caraterização do meio

A Guarda, capital do distrito com o mesmo nome, é a cidade mais alta do país, situando-se na sua altitude máxima, a pouco mais de 1000 metros do nível do mar.

De acordo com o *site* oficial da autarquia¹, as origens da presença humana no concelho remontam ao final do período Neolítico, por via do testemunho funerário, a anta de Pêra do Moço, na freguesia com a mesma toponímia. Foi, contudo, no período medieval, mais propriamente aquando da fundação de Portugal, que a cidade da Guarda teve o seu período áureo, graças à posição estratégica das suas fortificações que possibilitavam o domínio visual dos vales do Mondego, do Côa e de outras fortificações. Disso nos dá conta Carlos Alexandre Aguiar:

O papel que à Guarda foi destinado pelo seu fundador, que, em última análise, apenas pretendia ocorrer às necessidades políticas do reino, era o «guardar» a fronteira, ligando pela supremacia militar e topográfica as fortificações (...) como Linhares, Celorico, Trancoso (...).

(Aguiar, 1941: 29).

A relevância da cidade acabou por ser reconhecida por D. Sancho I, que atribuiu a carta foral à Guarda, em 27 de Novembro de 1199, a qual contribuiu, decisivamente, para o seu desenvolvimento uma vez que a cidade antes da atribuição do foral "mais não seria que uma comunidade de pequena dimensão, dinamizada por colonos da região, mas também por alguns francos, guardada por uma pequena atalaia ou torre - uma guarda - que vigiava a circulação de gentes e bens que percorriam a via colimbriana, o principal eixo de penetração no planalto beirão." (Sousa, 1999: 15).

O concelho da Guarda é composto por cinquenta e cinco freguesias, sendo merecedoras de destaque, neste documento, as freguesias de S. Miguel da Guarda e de Arrifana por aí se localizarem os estabelecimentos de ensino onde decorreu a PES, mais propriamente nas localidades de Sequeira e de Outeiro de S. Miguel.

¹ www.mun-guarda.pt, acesso em 5 de junho de 2012.

A freguesia de S. Miguel da Guarda está mais próxima da sede do concelho que a congénere acima referida. Ainda de acordo com a informação disponibilizada no *site* oficial da autarquia egitaniense, esta freguesia tem uma área de 8,90 km² de área e 6 734 habitantes, o que equivale a uma densidade de 756,6 hab/km². Esta é uma freguesia tipicamente urbana.

Sequeira, antiga aldeia na periferia da Guarda que atualmente se situa no perímetro urbano da cidade, pertence à freguesia de S. Miguel. Na parte antiga da Sequeira são evidentes algumas características de ambiente rural, nomeadamente a criação de animais para alimentação das famílias e a agricultura de subsistência nos quintais das habitações. Predominam as moradias unifamiliares, em contraste com a zona nova da localidade, onde predominam os prédios com vários andares, mas também algumas moradias unifamiliares mais modernas, sendo atualmente uma área dormitório da cidade da Guarda (Bairro de Santo António, Bairro Nossa Senhora de Fátima, Urb. Quinta das Covas). É nesta zona que se situa Centro Escolar da Sequeira, estabelecimento onde foi realizado a PES de 1º Ciclo.

Por sua vez a freguesia da Arrifana encontra-se a poucos quilómetros da sede do concelho. É nesta que está sediada a Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca, onde se realizou a PES de 2º Ciclo. De acordo com a informação obtida na fonte acima referida, esta freguesia tem 17,16 km² de área e 661 habitantes, o que corresponde a uma densidade de 42 hab/km². A sua proximidade permite o estabelecimento de uma rede de transportes públicos com ligação à sede de concelho, embora a sua frequência seja considerada insuficiente.

1.1. Caraterização das escolas onde decorreu a PES

1.1.1 Centro Escolar da Sequeira

O Centro Escolar da Sequeira pertence ao Agrupamento de Escolas Carolina Beatriz Ângelo, com sede na Escola EB 2, 3 Carolina Beatriz Ângelo, situada na Urb. Quinta das Covas, Sequeira. Foi neste estabelecimento decorreu a PES de 1º ciclo na turma B do 4º ano de escolaridade.



Imagem 1 - Fachada do Centro Escolar da Sequeira

Retirado de <http://4.bp.blogspot.com/-s9hFYgPvc9k/TsrC0l7I1xI/AAAAAAAAACfI/1gPnro3VRPg/s1600/centro-escolar.jpg>

Este é um equipamento que entrou em funcionamento no dia 14 setembro de 2011, depois de um processo de edificação de dois anos, no qual foram investidos aproximadamente 2,3 milhões de euros. No seu primeiro ano letivo (2011-2012) integrou duas turmas do ensino pré-escolar e oito turmas do primeiro ciclo e duas do pré-escolar, num total de cerca de 170 alunos, a maioria oriunda do jardim-de-infância e da escola do primeiro ciclo da Sequeira e das escolas da Estação e da Arrifana (Cordeiro, 2011).

Trata-se de um lugar apelativo, devido às suas cores fortes e à sua luminosidade, o que proporciona a toda comunidade escolar um bem-estar e um espaço convidativo para o sucesso académico dos alunos.

Os seus recursos humanos na área da docência estão distribuídos do seguinte modo: dois docentes no ensino pré-escolar e um outro de apoio, nove docentes no ensino do 1º ciclo e dois professores de apoio. Existe ainda uma professora com horário zero e uma professora de ensino especial.

De acordo com informação que consta no PCT da turma do 4º B, o edifício desta escola abrange o pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico e é constituído por treze salas de aula do 1º ciclo, três salas de pré-escolar, ginásio, sala de TIC, biblioteca, sala de artes e cantina. Existem, no exterior, vários espaços livres para as crianças brincarem e um campo de jogos. Por todo o edifício existem sanitários de acordo com as necessidades de toda comunidade escolar.

Todas as salas do 1º ciclo são espaçosas e têm uma grande luminosidade. Estão equipadas com material adequado às aprendizagens dos alunos: dois quadros pretos, um quadro branco e outro interativo, dois armários pretos altos, seis armários baixos, uma caixa escolar e

um armário tipo *vitrine*, dois expositores e um computador que se encontra ligado em rede a uma impressora que se localiza na biblioteca. O material didático presente na sala é composto por, entre outros, livros, jogos, material de medida, mapas. Existem também placards para afixação de trabalhos dos alunos e de folhetos informativos.

1.1.2 Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

A Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca fica situada no Outeiro de S. Miguel, na cidade da Guarda. A PES das diversas áreas curriculares do 2º ciclo decorreu em todas as turmas deste estabelecimento. Segundo informação disponibilizada no *site* oficial da instituição², a sua origem remonta a 1938, ano em que foi transferida para as instalações aí existentes uma Escola Regional que funcionava em regime de internato, com forte cariz religioso. O conhecimento e a prática da religião católica era uma das obrigações dos seus elementos.



Imagem 2 - Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca – Outeiro de S. Miguel

Retirado de <http://www.institutosaomiguel.org/escola>

Se, numa fase inicial, o Outeiro de S. Miguel atraiu alunos de todo o país, oriundos das mais ilustres famílias nacionais, à medida que instituíram pequenas escolas de arte e ofícios onde se ministravam os currículos oficiais de ensino, a escola passou também a acolher alunos de outros quadrantes sociais, situação que se consolidou quando a escola teve de intervir para minorar as consequências sociais decorrentes da sangria provocada pelos fluxos migratórios. Muitos filhos de emigrantes encontraram neste estabelecimento a sua família de acolhimento.

² <http://www.institutosaomiguel.org/escola>, acesso em 15 de junho de 2012.

Mais tarde, a escola passou a funcionar também em regime de externato, acolhendo alunos que viviam na zona circundante. Por conseguinte, o estabelecimento de ensino é atualmente frequentado por alunos em regime de internato, semi-internato e externato, divididos por turmas que vão do ensino pré-escolar até ao 9º ano de escolaridade, distribuídos da seguinte forma:

Tabela 1 - Distribuição dos alunos por ciclo de ensino

Nível de ensino	Número de turmas	Número de alunos
Pré-escolar	1	25
1º ciclo	8	181
2º ciclo	5	129
3º ciclo	7	156

Fonte: dados fornecidos pelos serviços administrativos da instituição

Atendendo às características dos seus alunos, a grande maioria permanece na escola todo o dia, sendo considerável o número dos que almoça no seu seio.

Para assegurar um serviço pedagógico de qualidade, o corpo docente é composto por uma educadora, oito professores do 1º ciclo do ensino básico e cerca de trinta professores dos 2º e 3º ciclos do ensino básico, que se distribuem pelas várias disciplinas. A estes juntam-se o psicólogo educacional, assistentes operacionais, administrativos, técnico de SASE, empregados de cozinha e guardas-noturnos.

De modo a dar resposta às exigências decorrentes da oferta educativa de que dispõe, o estabelecimento de ensino procedeu à remodelação e ampliação das instalações. O edifício é totalmente rodeado por um muro em bom estado de conservação, possuindo uma entrada que é vigiada nas horas de maior fluxo. Os espaços exteriores apresentam amplas zonas verdes, cuidadosamente ajardinadas, algo que confere qualidade estética e ambiental, envolvendo o estabelecimento de ensino que é composto por quatro blocos e uma zona de espaços comuns.

Junto à entrada principal do edifício situam-se os Serviços Administrativos, a papelaria, a reprografia, uma sala de professores, oito salas de aula e dois laboratórios, um de Ciências da Natureza e outro de Física e Química. Num andar superior encontram-se os serviços diretivos, de psicologia e de apoio social, duas salas de aula, uma sala de educação tecnológica e outra de audiovisuais, dois auditórios e um bar comum a professores e alunos.

Acima deste está instalada uma outra sala de professores, uma sala de reuniões, a biblioteca, dezanove salas de aula, uma sala de informática, instalações do pré-escolar com uma

sala de informática e um átrio coberto. Por último existe um espaço onde se localizam as cozinhas, o refeitório para alunos, funcionários e professores, e a igreja.

De modo a facilitar o acesso a crianças e adultos a escola possui também um elevador, localizado no bloco D, destinado a portadores de deficiência motora. Os espaços comuns são constituídos por um pavilhão Polivalente, com balneários masculinos e femininos e arrumo de material desportivo, os já referidos jardins exteriores e um campo de jogos.

Todas as salas possuem quadro de giz, placard de cortiça, alguns armários e uma secretária para o docente. Cada aluno tem uma mesa individual. Debaixo do seu tampo é possível guardar o material escolar. O restante material didático, como computadores, videoprojetor, rádio, leitor ou microscópio, está guardado em salas apropriadas. Registe-se o facto de a sua utilização ser muito condicionada em virtude do número muito limitado destes recursos.

1.2. Caraterização das turmas

1.2.1 Caraterização do 4ºB – Centro Escolar de Sequeira

A turma era constituída por dezassete alunos, onze rapazes e seis raparigas. Três alunos beneficiaram de apoio pedagógico e outros três estavam sujeitos a plano de acompanhamento.

Numa fase inicial foram identificados, pela titular a turma a partir das informações constantes no PCT e no registo biográfico dos alunos, alguns fatores gerais inibidores e facilitadores do processo de ensino/aprendizagem. Nos primeiros destacam-se:

- Dificuldades de concentração e atenção;
- Falta de hábitos de estudo e métodos de trabalho;
- Comportamentos perturbadores do bom funcionamento da aula, por parte de alguns alunos;
- Ritmos de trabalho bastante diferenciados;
- Alunos com dificuldades de aprendizagem;
- Elevado número de alunos sem qualquer identificação com os seus colegas.

Em relação aos fatores facilitadores foram referidos:

- Assiduidade e pontualidade dos alunos;
- Bom ambiente entre os professores e os alunos;

- Os alunos, de uma maneira geral, efetuavam os trabalhos de casa, o que facilitava a aquisição dos conteúdos;
- Os alunos aceitavam bem as atividades propostas;
- Alguns alunos tinham boas capacidades intelectuais;
- Apoio familiar;
- Boas condições da sala de aula: aquecimento, luminosidade, material...

O meio socioeconómico dos alunos era diversificado. As habilitações literárias dos encarregados de educação eram igualmente variadas, predominando o ensino básico. De alguns pais não foi possível conhecer as habilitações literárias. Importa referir que as dificuldades económicas disfarçadas eram uma constante nesta escola. Muitos pais encontravam-se desempregados, sendo uma realidade que tendia a aumentar, devido à conjuntura económica que afeta fábricas e os outros serviços da zona envolvente à escola. Apesar de alguns dos encarregados de educação sentirem dificuldades económicas, a sua maioria empenhava-se no sucesso dos seus educandos, acompanhando-os na realização dos trabalhos de casa e possibilitando-lhes o acesso a computador e à internet. Contudo, nem todos os alunos correspondiam a esse esforço na medida em que, em relação à ocupação dos seus tempos livres, muitos preferiam ver televisão e brincar em detrimento, por exemplo, da prática da leitura. Estes hábitos acabaram por contribuir para a heterogeneidade da turma em diversos domínios.

Existiam grandes diferenças individuais ao nível cultural, social e ao nível do ritmo de aprendizagens e do ritmo de trabalho. Duas alunas eram de etnia cigana, embora estivessem bem integradas. Cinco alunos eram irrequietos, faladores e não conseguiam concentrar-se devidamente, o que os prejudicava no seu ritmo de trabalho/aprendizagem. O desinteresse também era de assinalar em três casos. Três alunos apresentavam dificuldades ao nível da Língua Portuguesa, particularmente na expressão escrita e ortografia. Muitos alunos necessitavam de apoio individualizado por evidenciarem falta de maturidade e de concentração, assim como alienação das tarefas solicitadas.

A distribuição dos alunos pela sala de aula foi definida pela professora titular e efetuada tendo em vista o seu maior rendimento (Imagem 3). Nas filas da frente sentavam-se os alunos com dificuldades visuais e nas secretárias individuais os alunos com maior dificuldade de concentração.

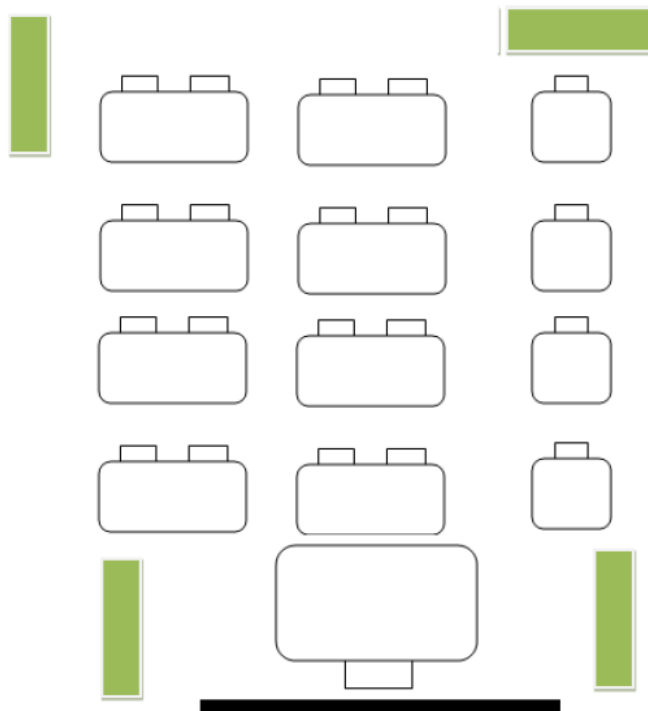


Imagem 3 – Disposição da sala de aula

1.2.2 Caraterização do 5ºA - Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

A turma do 5º A era composta por vinte e quatro alunos, dezoito rapazes e seis raparigas. Salvo raras exceções os alunos eram educados, interessados, participativos e estavam motivados para a aprendizagem. O seu aproveitamento escolar era bastante satisfatório, o que se pode atestar a partir do facto de apenas dois alunos terem beneficiado de plano de recuperação.

Os alunos, na sua maioria, provinham de famílias com situação socioeconómica média. Os encarregados de educação, de uma maneira geral, acompanhavam o desempenho escolar dos seus educandos.

Um reduzido número de alunos, devidamente sinalizado, revelava, contudo, dificuldades ao nível da organização, da concentração, no cumprimento das tarefas e na adoção de comportamentos adequados. O comportamento destes alunos era alvo de registo continuado por parte de todos os docentes.

O facto de grande número de alunos fazer parte da mesma turma há já alguns anos favoreceu e fortaleceu a existência de uma cultura de grupo / turma, que dadas as suas características, foi positiva, uma vez que potenciou o desempenho escolar de todos.

1.2.3 Caraterização do 5ºB - Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

A turma do 5º B era composta por vinte e quatro alunos, quinze rapazes e nove raparigas, com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos de idade e um razoável aproveitamento escolar. Um dos alunos tinha necessidades educativas especiais.

Tratava-se de uma turma de um certo modo disciplinada, empenhada e interventiva. Apenas um reduzido número de alunos adotava comportamentos perturbadores. Os mesmos pecavam ao nível da organização e da concentração. Devido a este facto estes alunos eram alvo de registo continuado por parte de todos os docentes que facilitava a comunicação entre o diretor de turma e o encarregado de educação.

Os alunos, procediam, maioritariamente, de famílias com situação socioeconómica média, nas quais os encarregados de educação, de uma maneira geral, acompanhavam o desempenho escolar dos seus educandos. O acompanhamento escolar foi confirmado através de um inquérito realizado no início do ano letivo junto dos alunos, os quais afirmaram ter ajuda para estudar.

De acordo com o resultado obtido no mesmo inquérito, os alunos indicaram que dispersavam as suas atividades de tempos livres por diversas ocupações. A maior parte da turma dedicava o seu tempo a atividades relacionadas com as tecnologias de informação e comunicação, como jogar Playstation, ver televisão ou ouvir música. As atividades físicas, como andar de bicicleta ou praticar natação, eram também consideradas. Apenas um aluno indicou ocupar os seus tempos livres em atividades sociais, como conviver com amigos.

1.2.4 Caraterização do 5ºC - Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

A turma do 5º C era composta por vinte e dois alunos, dezasseis rapazes e seis raparigas, com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos de idade e um razoável aproveitamento escolar. Um dos alunos estava abrangido por algumas das medidas previstas no decreto-lei nº 3/2008 de 7 de janeiro.

Salvo raras exceções os alunos eram educados, interessados e participativos. Revelavam, porém, dificuldades ao nível da organização e da concentração. O aproveitamento escolar era satisfatório. O facto de a turma ter sido constituída pela junção de alunos de diversas turmas e estabelecimentos de ensino dificultou a assunção do conceito grupo / turma.

Os alunos, na sua maioria, provêm de famílias com situação socioeconómica média. A escolaridade dos seus progenitores é média baixa. A grande parte dos ascendentes dos alunos é detentora de uma escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo do ensino básico.

Os encarregados de educação, de uma maneira geral, acompanham o desempenho escolar dos seus educandos.

À exceção dos alunos que, por se encontrarem em regime de internato, não necessitavam de transporte, os alunos realizavam o percurso entre a escola e a sua casa no autocarro disponibilizado pelo estabelecimento de ensino ou no automóvel de algum dos seus familiares.

Em relação à ocupação nos tempos livres, a maior parte da turma preenchia o seu tempo em atividades relacionadas com as tecnologias de informação e comunicação, como jogar computador, navegar na internet, ver televisão ou ouvir música. As atividades físicas e culturais, como praticar desporto ou ler, também eram consideradas. O mesmo acontece com atividades de foro social. Um número considerável de alunos estava com amigos ou ajudava os pais.

1.2.5 Caraterização do 6ºA - Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

A turma do 6º A era composta por trinta alunos, dezasseis rapazes e catorze raparigas. A considerável dimensão da turma fica-se a dever ao facto de os alunos da turma C do ano precedente terem sido divididos, engrossando as turmas A e B. Os alunos são educados, empenhados, participativos e estão motivados para a aprendizagem. Somente alguns alunos revelam dificuldades de concentração e adotam comportamentos desadequados. Apesar disso tem um rendimento satisfatório.

A turma teve um aproveitamento escolar heterogéneo. Se, por um lado, cinco alunos foram sujeitos a planos de recuperação, por outro, existiu um considerável número de alunos a obter excelentes desempenhos.

A maioria dos alunos vive no seio de famílias com situação socioeconómica média, que acompanham o seu desempenho escolar. Algumas das exceções revelam dificuldades ao nível da organização e da capacidade de trabalho, algo que se reflete no rendimento escolar.

1.2.6 Caracterização do 6ºB - Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca

A turma do 6ºB resultava da junção de mais onze alunos à turma do 5º B do ano precedente. Esta alteração permitiu uma distribuição mais equilibrada, sendo treze raparigas e dezasseis rapazes. A maior parte dos alunos tem onze anos. Apenas dois alunos ultrapassam essa idade, tendo um doze e o outro com treze anos.

No que concerne aos alunos com necessidades de um auxílio educativo complementar, existiam dois grupos distintos: dois alunos avaliados ao abrigo do decreto-lei nº 3/2008 de 7 de janeiro e cinco alunos avaliados ao abrigo do despacho normativo nº 50/2005 de 9 de novembro, todos eles com planos de recuperação. É ainda de referir que estes alunos possuem dislexia e disgrafia ou disortografia, o que se verifica diariamente nos trabalhos realizados, ou nos diversos momentos de avaliação.

Em relação ao comportamento da turma, este era instável, o que se refletia nos resultados escolares obtidos. Muitos dos alunos eram bastante barulhentos e chegavam mesmo a ser conflituosos entre eles, especialmente com um elemento que integrou a turma apenas este ano. Esta realidade acabou por dificultar o seu processo de integração.

Em termos gerais a turma revelou ainda falta de interesse e dedicação, sendo por isso, não só necessário, como também útil, motivá-la para a busca de conhecimento.

As habilitações literárias dos pais eram bastante diferenciadas, embora maioritariamente de nível médio / baixo. A maioria situava-se entre o 2º ciclo e o 3º ciclo. Todos eles eram alfabetizados. Verificava-se ainda que as mães tinham uma escolaridade maior do que a dos pais, sendo verificável um conjunto apreciável de mães detetoras de formação superior. Uma delas possuía mesmo um doutoramento.

Capítulo 2

Descrição do processo da Prática de Ensino Supervisionada

Capítulo 2 – Descrição da Prática de Ensino Supervisionada

Por trás de cada informação dada com tanta simplicidade na sala de aula existem as lágrimas, as aventuras e a coragem dos cientistas. Mas os alunos não conseguem vê-las.

Augusto Cury (2003)

Apesar de ter ainda uma curta carreira enquanto professor, possuo uma experiência bastante diversificada uma vez que já tive alunos dos doze aos oitenta e oito anos, inseridos no ensino regular, profissional ou no âmbito da iniciativa *Novas Oportunidades*.

A circunstância de habitualmente lidar com público adolescente ou adulto fez-me temer algumas dificuldades em adaptar o meu discurso ao novo público-alvo, crianças com idades compreendidas entre os nove e os treze anos. Este foi, simultaneamente, um desafio estimulante.

Tendo em conta a experiência adquirida, iniciei todas as PES consciente das minhas potencialidades e limitações. Por isso procurei tirar partido das primeiras e, ao mesmo tempo, esforçar-me por minimizar as segundas. Por conseguinte, adotei a postura humilde de quem não sabe tudo, mas pretende melhorar diariamente a sua prática.

Nos pontos que se seguem, apresento a experiência de aprendizagens realizadas nas respetivas PES do 1º e 2º CEB.

1. Experiência de ensino/aprendizagem no 1º ciclo do Ensino Básico

A experiência de PES, no 1ºCEB, foi realizada na turma B do 4º ano do Centro Escolar de Sequeira entre 24 de Outubro de 2011 e 24 de janeiro de 2012. A docente supervisora foi a Dr.ª Elisabete Brito, sendo a Dr.ª Fernanda Cosme a professora cooperante.

Iniciei a PES com a observação de uma aula da professora cooperante. Adotei os procedimentos sugeridos por Arends (2008), tendo efetuado uma recolha de informação com base na atenção voluntária e na inteligência. Os comportamentos e as atitudes dos alunos foram registados, algo que me permitiu conhecer a dinâmica de grupo da turma. No final da aula, calendarizei com a professora cooperante as minhas regências e definimos os conteúdos programáticos que deveriam ser lecionados.

Parti, então, para esta aventura consciente das minhas limitações, mas também de que fiz e faço diariamente um trabalho preparatório que me permite corresponder às boas expectativas que se estabelecem quando surge um novo docente / educador. Tal como Cury

afirma, “um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender.” (Cury, 2003)

Na planificação das aulas tive sempre em conta a área disciplinar, as competências específicas, os objetivos operacionais, os conteúdos, as atividades e estratégias, os recursos e as avaliações. Segui as variáveis referidas por Arends (2008: 34). Segundo o autor, “os planos a curto prazo, também designados por planos diários, esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, as atividades específicas instituídas para os alunos, os materiais fundamentais para a realização das atividades e, ainda, os processos de avaliação.”

Iniciei as regências com um discurso fluido, simples e coerente, através do qual passei a mensagem de que os alunos poderiam ver-me como um verdadeiro amigo. Tive em mente que “a humanização das relações professor / aluno passa pelo diálogo franco e aberto, em que fronteiras se esbatem; da experiência vivencial do aluno, o professor aprenderá a conhecê-lo; é um processo mútuo de aprendizagem” (Balanco e Coelho, 1996: 28). De seguida expliquei-lhes que um amigo é aquele que está sempre ao nosso lado, nos bons e nos maus momentos, que nos aplaude quando brilhamos, reconforta quando necessitamos e nos alerta quando decidimos seguir por caminhos tortuosos. No fundo é alguém que gosta de nós. Criei assim, desde o primeiro momento, uma relação de empatia com todos eles. Contudo, não o fiz de modo excessivamente afetuosos. Quis que os alunos tomassem a consciência de que existe uma diferença entre o papel de docente, elemento que auxilia a promover a aprendizagem, e o do aluno, agente que busca o conhecimento. Um dos alunos ainda tentou testar a personalidade do professor mas logo foi chamado à atenção para os seus limites. De facto, um professor nunca se deve esquecer das “posturas necessárias ao ofício, tais como a convicção na educabilidade, o respeito ao outro, o conhecimento das próprias representações, o domínio das emoções, a abertura à colaboração, o engajamento profissional.” (Perrenoud *et al*, 2001)

Durante todas as aulas procurei promover a interdisciplinaridade entre todas as áreas, de forma a facilitar o processo de ensino aprendizagem e garantir um nexos durante os diferentes tempos letivos. A interdisciplinaridade é “uma prática de ensino que promove o cruzamento de saberes disciplinares que suscita a conferência de perspetivas para o estudo de problemas concretos” (Pombo, 1994:16).

Iniciei uma das primeiras aulas com a área de Matemática. Propus a realização de atividades direcionadas para resolução de problemas em contextos distintos, com recurso a estratégias diferenciadas. Alguns dos exercícios eram bastante semelhantes pois, conforme afirma Montessori (1984: 92), “o segredo do aperfeiçoamento está na repetição”. Apesar de tudo alguns alunos revelaram naturais dificuldades, as quais procurei auxiliar a suplantar, uma vez que as mesmas não devem “ser motivo para medos, nervosismos e humilhações. Quando

uma criança não sabe resolver um exercício, deve poder contar com a ajuda do professor ou de um colega. É muito importante desenvolver o espírito de solidariedade entre as crianças” (Barros, 2000:79).

A boa apreensão dos conteúdos trará aos alunos futuros benefícios não só na sua vida escolar como na sua vida em sociedade. É atendendo a esta realidade que “o ensino da Matemática elementar deve visar três objetivos: fornecer aos alunos um instrumento de trabalho, desenvolver a sua formação intelectual e adaptá-lo à sua vida” (Mialaret, 1975:42). Alguns dos problemas estavam relacionados com a temática dos descobrimentos portugueses.

Após o intervalo foi analisado o texto *Lenda de Pedro Sem*. O mesmo despertou interesse nos alunos porque, se no título Sem era escrito com S, nos primeiros parágrafos surgia com C (Cem). Este facto vai ao encontro da nova perspetiva de educação defendida por E. Clarapède, segundo a qual

o motor da educação não deve ser o medo do castigo nem sequer o desejo de uma recompensa, mas sim o interesse profundo pela coisa que se trata de assimilar ou executar. A criança não deve trabalhar e comportar-se bem para obedecer o outro e sim porque ela sente como desejável este modo de proceder. Assim a função do professor aparece completamente transformada. Este não será já um ser onnisciente encarregado de apetrechar a inteligência e de encher o espírito de conhecimentos. Deve ser um estimulador de interesses, um despertador de necessidades intelectuais e morais. Deve ser para os seus alunos muito mais um colaborador do que um professor ex cathedra. Em lugar de se limitar a transmitir-lhes os conhecimentos que possui, ajudá-los-á a adquiri-los por eles próprios mediante trabalho e a pesquisa pessoais. (*cit. por Cabanas, 2002: 82*)

Os alunos puderam reter a mensagem de que a excessiva ambição poderá levar-nos ao insucesso, ao mesmo tempo que se trabalharam aspetos relacionados com o conhecimento explícito da língua.

Na parte da tarde introduziu-se os alunos na área de Estudo do Meio, com a mensagem transmitida na Lenda de Pedro Sem. O conceito de ambição serviu para caraterizar o fim da II Dinastia portuguesa, mais propriamente o desejo de D. Sebastião em conquistar terras no norte de África, tendo em vista a sua afirmação histórica enquanto monarca. A sua estratégia contribuiu, porém, para a perda da independência nacional. A comunicação estabelecida foi enriquecida com recurso à “análise e produção de materiais iconográficos, nomeadamente de mapas e (...) frisos cronológicos” (Departamento da Educação Básica, 2002: 104).

Sempre que me foi possível, procurei que os alunos manipulassem e explorassem instrumentos de reconhecido valor. Orientei, por exemplo, a análise das duas primeiras estrofes d' *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. Numa primeira fase pretendi que os alunos situassem a obra no tempo e espaço, para que depois reconhecessem a sua importância. Os alunos acabaram por não sentir grandes dificuldades na interpretação do texto, fruto das aprendizagens adquiridas em anteriores aulas de Estudo do Meio por intermédio do tratamento de diferentes fontes de informação.

A opção por, previamente, analisar e tratar diferentes fontes de informação teve subjacente o reconhecimento da importância de desenvolver nos alunos a capacidade para distinguir diferentes linguagens, sejam elas orais, escritas, iconográficas, gráficas, monumentais. Pretende-se que, desta forma, as aprendizagens sejam diversificadas. Esta preferência vai ao encontro do exposto no Programa de História e Geografia de Portugal.

É importante que os alunos reconheçam que os vestígios de outras épocas (sejam eles monumentos, fotografias, documentos escritos, tradições, etc.) constituem fontes de informação que eles podem utilizar, de uma forma elementar, na reconstituição do passado. Pretende-se, assim, contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização. (DGEBS, 1991: 110)

Numa outra aula, na área de Língua Portuguesa, procurei explorar dois textos diretamente relacionados com os conteúdos abordados em Estudo do Meio, referentes ao Estado Novo. Os mesmos correspondiam às visões antagónicas sobre o colonialismo português na segunda metade do século XX, um da autoria de Samora Machel, líder da FRELIMO e o outro do jornalista desportivo Vítor Santos (documento 3, cap. 4, ponto 4). Pretendi, assim, que os alunos ganhassem uma consciência crítica sobre a temática. Fi-lo consciente que “ler desenvolve o indivíduo, torna-o mais reflexivo e dota-o de espírito crítico, de capacidades de discernimento, facultar-lhe formação e informação – aspetos que se tornaram indispensáveis no quotidiano: tornam o cidadão mais realizado e as comunidades em que ele se integra mais ricas” (Silva, 2002:211).

As estratégias implementadas procuraram, ainda, promover aprendizagens ativas, ou seja, aprendizagens a partir de atividade mental relacionada com os interesses e as necessidades reais dos alunos. Recordo-me de ter utilizado um mapa ilustrado de Portugal que foi bastante apelativo para os alunos devido aos seus desenhos. De facto, “as crianças são enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles a criança deverá encontrar

resposta às suas necessidades de exploração e manipulação” (DEB, 2002:174). A partir daquele mapa foi possível identificar elementos do património português e elaborar uma composição coletiva. A título de curiosidade, refira-se que os alunos não se aperceberam do intervalo. Na realidade, “quando crianças ou jovens brincam, demonstram prazer e alegria em aprender. Eles têm oportunidade de lidar com suas energias em busca da satisfação de seus desejos” (Oliveira, 2007:5). Podemos assim concluir que a motivação “suscita ou incita uma conduta e faz com que o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar, para descobrir e rentabilizar capacidades” (Balancho e Coelho, 1996: 53). O empenho evidenciado nas duas atividades, a análise do mapa e a elaboração da composição, deveu-se também ao facto de este ter sido “um processo em que a criança desempenhou um papel ativo” (Brandão, A. M. e Parente, C., 1998: 25).

Na área de Matemática recorri a jogos, como o da batalha naval, pois

a prática de jogos, em particular dos jogos de estratégia, de observação e de memorização, contribui de forma articulada para o desenvolvimento de capacidades Matemáticas e para desenvolvimento pessoal e social” (DEB, 2002:68).

Assim, foi possível iniciar os conteúdos relacionados com a Geometria através dos quais se pretende

Desenvolver nos alunos o sentido espacial, com ênfase na visualização e na compreensão de propriedades de figuras geométricas no plano e no espaço, a noção de grandeza e respetivos processos de medida, bem como a utilização destes conhecimentos e capacidades na resolução de problemas geométricos e de medida em contextos diversos (Breda *et al*, 2007: 22).

Na área de Estudo do Meio propus a realização de um conjunto de atividades práticas que contribuíssem para a melhor compreensão da realidade envolvente. Através de uma experiência realizada, os alunos puderam analisar as diferentes fases da lua e o movimento do movimento deste satélite. De facto “a manipulação de materiais pode permitir a representação de modelos abstratos permitindo, assim, uma melhor estruturação desses mesmos conceitos” (DEB, 2004: 169).

Seguindo este caminho, creio ter sido possível despertar a curiosidade nos alunos. De facto “o melhor professor é aquele que se empenha muito mais do que ensinar – em fazer nascer e manter sempre vivo o desejo de aprender” (Tavares, 1979: 37).

Durante as minhas regências os alunos realizaram as suas provas de avaliação trimestral. Em relação ao conteúdo da ficha de avaliação trimestral de Língua Portuguesa despertou-me a atenção o último exercício. Era pedido aos alunos a continuação de uma história. Tratava-se de uma questão aberta, algo que ainda não é muito comum em atividades do género nas diferentes áreas, conforme nos indica Cury (2003):

As provas escolares que estimulam os alunos a repetir informações, além de pouco úteis, são frequentemente prejudiciais, pois engessam a inteligência. As provas deveriam ser abertas, promover a criatividade, estimular o desenvolvimento do livre pensamento, cultivar o raciocínio esquemático, expandir a capacidade de argumentação dos alunos. Os testes e as perguntas fechadas deveriam ser evitados ou pouco usados como provas escolares.

Ao contrário das questões abertas, as questões fechadas apelam apenas à reprodução de informações e não dão azo a uma grande diferença nas respostas dos alunos. Face ao exposto, as questões abertas são uma importante estratégia para potenciar as capacidades dos alunos. A sua correção exige, contudo, cuidados redobrados, uma vez que coloca a nu muitas das dificuldades dos alunos. Por isso, neste tipo de exercícios, procurei fomentar o respeito pelos alunos com mais dificuldades, promovendo a cooperação entre estes e os alunos com menos dificuldades.

No fim da PES no 1ºCEB pude concluir que o papel de um professor é muito mais assumir a função de dinamizador do processo de aprendizagem. De acordo com Isabel Alarcão

Ser professor não é apenas uma ciência é também uma arte que pressupõe amor, dedicação, entusiasmo, alegria, vida. Ser professor é ajudar o educando a crescer, a desenvolver-se a sair de si mesmo de um modo global, harmónico e progressivo. Ser professor é comprometer-se inteiramente com a escola em que está inserido e com o sistema educativo de que faz parte, em ordem a transformá-la numa autêntica comunidade educativa. (Alarcão, 1996:132)

Neste sentido um professor não é um mero agente educativo que limita a sua ação e dedicação ao período em que está em contexto de sala de aula. Ele deve estar atento a todos os pormenores que envolvam os alunos e toda a comunidade escolar, para tê-los em consideração

aquando do planeamento das atividades a desenvolver. Desta forma poderá enfrentar fragilidades do processo educativo e mesmo dos alunos, e ainda potenciar as suas capacidades, sem nunca descurar que ensinar é mais do que contribuir para a aquisição de conhecimentos. Ensinar é capacidade de promover no aprendiz a assunção de que é um ser que se realiza socialmente, seja em família, no grupo de amigos, na escola, no bairro, em suma, no seu mundo envolvente.

No apêndice I, encontra-se um quadro síntese (Quadro 1), das planificações, adaptado do *dossier* de estágio do 1º CEB que elaborei ao longo da PES.

2. Experiência de ensino/aprendizagem no 2º ciclo do Ensino Básico

2.1. Ciências da Natureza

A experiência de PES, no 2ºCEB, foi realizada na turma C do 5º ano e na turma B do 6º ano da Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca entre 23 de fevereiro e 5 de junho. A docente supervisora foi a Doutora Eduarda Ferreira, sendo a Dr.^a Graciete Paixão a professora cooperante.

Na turma do 5ºC, explorámos conteúdos relacionados com os constituintes e a composição do ar, enquanto no 6ºB abordámos as plantas, nomeadamente as trocas gasosas que efetua com a atmosfera, a sua utilidade para o ser humano e a forma de reprodução, assim como os microrganismos.

Iniciei a PES com a observação de uma aula da professora cooperante. Constatei que se tratava de uma turma composta por alguns elementos distraídos, desestabilizadores e com falta de capacidades de organização e de trabalho. A atitude preventiva e proativa da docente acabou por ter uma influência, direta, sobre os alunos interpelados e, indireta, sobre os que se poderiam distrair por ação dos primeiros. De facto, como refere o relatório Elton, citado por Estrela, “o problema central da indisciplina poderá ser consideravelmente reduzido se ajudarmos os professores a tornarem-se organizadores mais eficazes da aula” (1992:87).

Em relação às aulas de regências procurei diversificar estratégias. Na turma do 5ºC dinamizei atividades experimentais em contexto de sala de aula e participei numa visita de campo. Por sua vez, na turma do 6º B, procurei dinamizar atividades experimentais de grupo e atividades práticas de exploração de imagens, documentos e pequenos vídeos. A preferência pelo recurso a instrumentos de reconhecido rigor científico, devidamente adaptados ao nível etário dos alunos, foi uma constante, como se pode atestar pelos documentos selecionados para

abordar os microrganismos patológicos e não patológicos. Os mesmos tinham origem em fontes institucionais do poder central e eram destinados ao cidadão comum.³

Todas as aulas foram iniciadas com a apresentação de questões do tipo *Como é constituído o ar?* ou *O que são microrganismos?* que permitiram o levantamento das concepções dos alunos. Este procedimento é relevante pois, conforme afirma Cachapuz (1995: 361), estas concepções consistem em “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização.”

A alteração de estratégias desenvolvidas ficou a dever-se a aspetos de ordem material e humano. A opção pela realização de atividades técnico-práticas ou de exploração de imagens e documentos, sob a orientação do professor e com recurso às TIC, justificou-se pela numerosa composição das turmas e as limitações de tempo das aulas com um tempo letivo. Já a opção pela realização de trabalhos experimentais de grupo e visitas de campo teve em consideração a necessidade de desenvolvimento de competências relacionais, de método de trabalho e de organização. Deste modo pude contribuir para que os alunos pudessem:

- Respeitar as diferenças individuais;
- Valorizar as experiências anteriores (escolares e não escolares);
- Considerar os interesses e as trocas de experiências de saberes;
- (...)
- Criar um clima favorável à socialização e ao desenvolvimento moral. (Félix e Roldão, 1996: 65)

No âmbito das Ciências da Natureza, a visita de campo foi também uma oportunidade excecional para promover as competências essenciais desta área, ao proporcionar aos alunos a possibilidade de:

- despertar a curiosidade acerca do mundo natural à sua volta e criar um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência;
- adquirir uma compreensão geral e alargada das ideias importantes e das estruturas explicativas da Ciência, bem como dos procedimentos da investigação

³ Foram selecionados e adaptados os documentos: Francisco George (2009), *Carta para a criança da escola*, Portal da Saúde (2006) *Higiene Oral para prevenir* e a Brochura laborada pelo Departamento de Saúde Pública da ARS Norte, I.P. Todos eles encontram-se disponíveis *on-line* em endereços de entidades do poder central ligados à saúde, como o ministério da saúde.

científica, de modo a sentir confiança na abordagem de questões científicas e tecnológicas;

- questionar o comportamento humano perante o mundo, bem como o impacto da Ciência e da Tecnologia no nosso ambiente e na nossa cultura em geral. (DEB, 2002:129)

Segui, então, as etapas definidas por Alarcão e Tavares. De acordo com os autores,

...o professor pensa nos objetivos do seu ensino em termos do que vai ensinar e como vai avaliar; pensa, em seguida, nas estratégias de ensino aprendizagem: como motivar os alunos, como mantê-los interessados, como explicar o assunto, como criar condições de prática, fixação, integração e transferência. (Alarcão & Tavares, 1990: 118)

Penso ter contribuído para o desenvolvimento de um maior interesse e conhecimento dos alunos sobre a ciência. Parti, conforme referi acima, das ideias prévias dos alunos, as quais carecem de experimentação / verificação. Fi-lo porque “a mudança conceptual não significa a extinção de conceções prévias, mas antes a identificação da não conveniência do uso de determinadas ideias para explicar as situações presentes” (Martins *et al*, 2007:28).

O meu desempenho não esteve isento de falhas. Soube, contudo, não só reconhecê-las como corrigi-las. Quando não efetuei a devida abordagem a alguns conceitos em determinadas aulas, procurei corrigir essa falha na aula posterior. O mesmo ocorreu quando não procedi à correção imediata de erros científicos presentes no manual e nas imagens dos diapositivos apresentados. Recordo particularmente as situações em que não foi feita a devida exploração do que era o tubo polínico ou quando, numa fase inicial, aceitei a designação de óvulo e ovo em vez de, respetivamente, oosfera e zigoto. Na realidade, ao contrário do que consta no manual, os primeiros referem-se a seres de origem animal e os segundos de origem vegetal. Ao nível de estratégias soube reconhecer o insucesso e as falhas ocorridas durante a aula em que se desenvolveu o trabalho de grupo, as quais estavam relacionadas com o método utilizado. Deveria ter definido grupos menos numerosos e ter responsabilizado mais os seus elementos.

A avaliação dos alunos esteve sempre presente, embora tenha sido mais evidente em dois momentos, quando se realizou a ficha de avaliação global e a autoavaliação dos alunos. Em relação à prova a que os alunos foram submetidos, foi possível apontar falhas em algumas questões, nomeadamente nas que, ao invés de testar conhecimentos, apenas permitiram verificar

se os alunos são capazes de realizar atividades de modo repetitivo, sem assegurar se estes compreenderam ou não os conteúdos abordados.

Neste sentido, alguns enunciados vão ao encontro do defendido por Pacheco. Segundo este autor escasseia o

espaço para a concretização dos pressupostos da avaliação formativa – individualização, compensação, ensino construtivista e aprendizagem significativa - e para a consideração de ritmos e tempos de aprendizagem dos alunos quando o modelo predominante de organização curricular privilegia a disciplinaridade e estabelece um tempo curricular pensado para o grande grupo. (1998: 119)

Na grande maioria das escolas, e esta não foi uma exceção, é atribuído um peso significativo aos resultados obtidos nas provas de avaliação escrita. Este peso avaliativo, definido em departamento de grupo e ratificado em conselho pedagógico, pode ser muito condicionante pois uma hora menos feliz pode condicionar significativamente o trabalho desenvolvido por um aluno ao longo do ano. Basta, para tal, que sejam solicitadas respostas a questões fechadas que o aluno tenha dificuldades em interpretar. Noutra perspetiva podemos sobrevalorizar o conhecimento de um aluno que apenas memorizou conteúdos para os reproduzir na ficha de avaliação quando, por nunca os ter compreendido, revela graves lacunas ao nível da metacognição.

Embora desadequada, compreende-se opção pela atribuição de um peso elevado às fichas de avaliação. O professor, apesar de ter alguma autonomia no exercício das suas funções, está obrigado a lecionar em turmas cada vez mais numerosas, com horário e currículo previamente definidos, daí a sua preferência por instrumentos de avaliação mais simples e objetivos.

Ainda no que concerne a este domínio, importa distinguir dois conceitos, o de avaliação e o de classificação. A avaliação remete-nos para um processo continuado, desenvolvido ao longo de todo o ano e, segundo Morgado (2007), “tem a função de regular o processo de ensino-aprendizagem; ajuda a averiguar se os alunos estão a realizar progressos pretendidos e a encontrar os caminhos necessários para conseguirem atingir as metas estabelecidas para o nível de ensino que frequentam.” Por sua vez a classificação sugere-nos o valor atribuído ao trabalho desenvolvido durante um hiato temporal que pode ser o do período decorrido entre um teste e outro, durante um período ou ano letivo. Depreende-se, por conseguinte, que a classificação é o resultado final do processo de avaliação. De acordo com o mesmo autor, a “classificação tem

uma intenção seletiva, isto é, resulta numa seriação dos alunos, na medida em que se lhes atribui uma posição numa determinada escala.” Assim, a ficha de avaliação global, pelo momento em que foi realizada, próximo do término do ano letivo, correspondeu a um momento em que pretendia dar início à classificação, uma vez que surgiu como “o andaime que suporta todo o edifício escolar, sobretudo no campo da comprovação e hierarquização da aprendizagem, e a nota é um valor intrínseco às práticas escolares, medindo unicamente a prestação dos alunos numa perspetiva de sucesso ou insucesso” (Pacheco, 1998: 119).

Face ao exposto chegamos à conclusão que a avaliação é fundamental no processo educativo, principalmente se entendermos o conceito de escola universal, para todos. Através da existência de uma verdadeira cultura de avaliação poderão ser reapreciados e reajustados processos e estratégias, tendo em vista o verdadeiro fim - contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos. A classificação deixará, deste modo, de ter o carácter de premiação ou de punição e de contribuir para a estigmatização dos alunos, uma vez que o seu sucesso poderia ser uma realidade mais constante.

No apêndice II, encontra-se um quadro síntese (Quadro 2.1 e 2.2) das planificações das aulas de regência, adaptado do *dossier* de estágio do 2º CEB que elaborei ao longo da PES.

2.2. História e Geografia de Portugal

A experiência de PES, no 2ºCEB, foi realizada nas turmas A do 5º e do 6º anos da Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca entre 23 de fevereiro e 5 de junho. A docente supervisora foi a Dr.ª Ana Lopes, sendo a Dr.ª Georgete Pereira a professora cooperante.

Iniciei a PES com a observação de uma aula da professora cooperante no 5ºA. Durante a entrega e correção das fichas de avaliação retive as suas qualidades pessoais. A professora soube apreciar ou alertar os alunos para o seu desempenho, corrigindo alguns sem nunca os expor perante os seus colegas. A sua atitude acabou por estimulá-los e, ao mesmo tempo, por promover a emulação na turma. A forma como a turma interagiu indicou a existência de um forte relacionamento interpessoal.

As regências realizadas no 5º A incidiram nos conteúdos relacionados com o reinado de D. Dinis e a crise portuguesa do século XIV. Por sua vez, no 6ºA, foi feita uma abordagem aos conteúdos relacionados com a 1ª República, o Estado Novo e a alguns aspetos da demografia portuguesa.

Procurei diversificar estratégias explorando, entre outros, documentos escritos, iconográficos, filmes, mapas, músicas, frisos cronológicos e jogos educativos. Elementos de

enorme riqueza popular e de tradição oral, como os provérbios, não foram ignorados. De acordo com Casares, citado por Mimoso (2008: 152) um provérbio é

uma frase completa e independente, que em sentido direto ou alegórico, geralmente em modo direto e elíptico, expressa um pensamento – resultante da experiência, dos ensinamentos, etc. -, em maneira de juízo, no qual se relacionam pelo menos duas ideias.⁴

Através de provérbios como *Diz-me com quem andas e eu te direi quem és* ou *Não há mal que nunca acabe ou bem que dure para sempre*, despertei a curiosidade dos alunos, ao mesmo tempo que os introduzi nos conteúdos a abordar. A sua compreensão só foi possível através de uma análise conotativa. Em relação ao primeiro provérbio os alunos perceberam como o meio envolvente e a educação tem uma grande influência no nosso ser. O reinado de D. Dinis foi diferente dos seus antecessores, mais virados para as conquistas militares, devido a uma influência ligada às artes e mais propriamente à poesia trovadoresca. Por sua vez, através do segundo provérbio, os alunos conseguiram perceber que os ventos de esperança que sucedem a uma revolução social e política surgem após um período de enorme turbulência. Porém, após um período de enorme crença num futuro melhor, surgem momentos de desânimo e até desilusão. As mudanças políticas ocorridas em Portugal dos finais século XIX até à Revolução dos Cravos podem ser interpretadas nesta perspetiva.

Numa outra experiência de aprendizagem, foi ouvida a narração de um texto e duas músicas que descrevem, de modo mais detalhado, a vida de D. Dinis. Esta opção vai ao encontro do defendido por Cury, segundo o qual a música tem uma influência positiva no ensino porque transmite emoção:

Se a emoção determina a qualidade do registro, quando não há emoção a transmissão das informações gera dispersão nos alunos, em vez de prazer e concentração. Se houver música ambiente dentro da sala de aula, de preferência música suave, o conhecimento seco e lógico transmitido pelos professores de Matemática, física, química ou línguas ganha uma dimensão emocional. O fenómeno RAM o registrará de maneira privilegiada. Sem a emoção, o conhecimento não possui paladar. (Cury, 2003)

⁴ Tradução própria

Para facilitar a compreensão da crise portuguesa do século XIV, elaborei um jogo que foi utilizado numa das aulas de HGP e ainda nos tempos dedicados ao Estudo Acompanhado. De acordo com Albrecht (2009: 13), “as atividades lúdicas, quando bem aplicadas e no momento oportuno, trazem grandes benefícios.” Neste caso a estratégia utilizada foi muito profícua, pois criou um bom ambiente de aprendizagem devido ao seu cariz lúdico e permitiu uma melhor compreensão do período tratado.

Em relação à exploração de documentos e de mapas realizei uma ficha de trabalho que ensinava os alunos a proceder à análise deste tipo de recursos, contribuindo para desenvolver competências ao nível do tratamento de informação / utilização de fontes e da comunicação em História, conforme surge indicado no Currículo Nacional de Ensino Básico (DEB, 2002).

A interdisciplinaridade esteve patente em todas as aulas, com áreas curriculares como a Língua Portuguesa, a Educação Musical ou, até mesmo, a Matemática. Por exemplo a aula de 5 de junho do 6º A desenvolveu-se a partir da fórmula Matemática que permite calcular a população absoluta de uma região em determinada época. Pelo meio ainda complementei ou corriji algumas imprecisões do manual, como o facto de a abertura de fronteiras após acordo de Schengen ter facilitado a livre circulação de pessoas na Europa e a circunstância de o Presidente da República ser um dos símbolos nacionais de Portugal.

Em toda a prática letiva o cruzamento de fontes foi uma constante. Procurei adotar a metodologia do ensino por descoberta, na qual os alunos têm um papel ativo na sua própria aprendizagem, realizando pesquisas, observações, análises e solucionando problemas. Este tipo de atividades torna as aprendizagens significativas, uma vez que pressupõem que o aluno descubra naturalmente e compreenda novos conhecimentos, relacionando-os com outros que já tinha adquirido. Segui, então, os pressupostos da corrente cognitivista da Escola Nova, representada por autores como Piaget e Ausubel, entre outros, que consideram a aprendizagem como “uma atividade funcional, exploradora e imaginativa e criadora, assente no processo altamente seletivo da perceção e da atribuição de significado aos objetos e aos acontecimentos no contexto, na situação em que se encontram ou ocorrem e na sua relação com os fins que o sujeito se propõe alcançar” (Alarcão e Tavares, 1990: 101).

Na abordagem ao Estado Novo recorri a filmes, imagens e a documentos inovadores e apelativos (Anexo 7.2) que retratavam a época em causa. Desta forma incentivei os alunos a “viver” e a compreender um período já distante no tempo.

No apêndice II, encontra-se um quadro síntese (Quadros 3.1 e 3.2) das planificações, adaptado do *dossier* de estágio do 2º CEB que elaborei ao longo da PES.

2.3. Língua Portuguesa

A experiência de PES, no 2ºCEB, foi realizada na turma B do 5º ano da Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca entre 24 de fevereiro e 8 de junho. A docente supervisora foi a Dr.^a Elisabete Brito, sendo a Dr.^a Tânia Costa a professora cooperante.

Iniciei a PES com a observação de uma aula da professora cooperante, na qual constatei o modo como a docente explorou a interpretação do documento em análise e incutiu o gosto pela leitura.

Tive a responsabilidade de explorar os conteúdos relacionados com o texto dramático e, principalmente, com o texto poético.

A conselho da professora cooperante, privilegiei o recurso de instrumentos que não o manual adotado pela escola. Entendemos que o mesmo peca pela pobreza de recursos e pelo modo como está organizado.

Os diversificados instrumentos de aprendizagem - poemas, texto dramático, livros, música, entrevistas, horários de autocarro e fichas de apoio – foram definidos, adaptados e trabalhados de acordo com o programa e os objetivos a atingir, num processo que, em última instância, pretende que os alunos atinjam as competências essenciais de compreensão e expressão oral, de leitura, escrita e de conhecimento explícito. (DEB, 2002). No fundo pretende-se contribuir para a progressiva autonomização dos alunos, processo que foi claramente definido por Confúcio:

o verdadeiro ensino não é o que se transmite através da palavra. O mestre não pode revelar nada: a revelação só é possível para aquele que já a possui. O mais alto ensinamento do mestre é apagar o que ensinou e depois apagar-se a si próprio aos olhos dos seus discípulos” (Bramão *et al.*, 2006: 24).

Privilegiou-se, por conseguinte, uma metodologia própria da Educação Nova. Na mesma, tal como defende Bloch, citado por Correia (1997: 18), são “os métodos e programas [que] gravitam à volta da criança e não mais a criança, rodando assim-assim à volta de um programa decidido fora dela”. Tive ainda em consideração que o conceito de aprendizagem surge, atualmente, como “uma construção pessoal, resultante de um processo experiencial, interior à pessoa e que se traduz numa modificação de comportamento relativamente estável” (Alarcão e Tavares, 1990: 86).

Os recursos selecionados, além de diversificados, caracterizaram-se pela sua qualidade. Foram explorados, entre outros, poemas de Fernando Pessoa, Florbela Espanca e um livro aconselhado pelo Plano Nacional de Leitura – *Os poemas da Verdade e da Mentira*, de Luísa Ducla Soares.

O cruzamento da exploração de recursos foi constante e deliberada. Por exemplo, a opção por cruzar a leitura de poemas, como *Ser poeta* ou *No comboio descendente*, com a audição das músicas com a mesma letra foi vantajosa porque permitiu “desacelerar o pensamento, aliviar a ansiedade, melhorar a concentração, desenvolver o prazer de aprender, educar a emoção” (Cury, 2003) dos alunos. Já a opção pelo recurso às TIC enquadra-se na perspetiva segundo a qual é mais fácil “transmitir aos alunos determinados conteúdos temáticos, para motivá-los nesta ou naquela aprendizagem” (Calado, 1994: 19) através das mesmas. De acordo com Dienneid, “a apresentação audiovisual mantém a consciência de progredir num espaço de conhecimento; obriga à intuição e ao esforço de memorização” (1973: 112).

O diálogo vertical e horizontal nunca foi descurado. Segundo Dewey a “comunicação é educação. Nada se comunica sem os dois agentes em comunicação - o que recebe e o que comunica – se mudem ou transformem de certo modo” (1965: 19). Assim, todos os recursos foram explorados pelos alunos, sob supervisão do professor que assumiu a função de guia orientador. Foi o que ocorreu na análise e interpretação dos poemas de Luísa Ducla Soares. Durante um período definido, a turma, organizada em grupos de quatro ou cinco alunos, aplicou conteúdos explorados anteriormente, apresentando os poemas e apreciando as apresentações dos colegas. Desta forma, o professor e os alunos procederam à avaliação do trabalho desenvolvido, num processo que serviu “fundamentalmente para averiguar os resultados obtidos; não é um fim, mas sim um meio para aperfeiçoar o processo” (Vallejo, 1979: 8). A manipulação (Montessori, 1948) esteve também presente, assim como numa outra situação em que foi trabalhada a leitura e análise de horários de autocarros, que será explicada mais à frente.

Procedi ainda, pontualmente, a algumas adaptações nos planos de aula, de acordo com as oportunidades ou os constrangimentos com que me deparei. Foi neste contexto que promovi a interdisciplinaridade com Educação Musical e História e Geografia de Portugal. Na exploração do poema *No comboio descendente*, incentivei à interpretação denotativa do poema, numa experiência de aprendizagem que possibilitou a análise da evolução do Estado Novo, mas impediu o pleno cumprimento do plano de aula definido. Esta foi, contudo, uma opção consciente porque entendo o plano de aula, não como um grilhão, mas como um simples

documento orientador para o seu desenvolvimento. Através da caracterização do Estado Novo apelou-se, com sucesso, a conhecimentos outrora abordados.⁵

A análise dos horários dos autocarros também se enquadrou nesta perspetiva, uma vez que os alunos já tinham explorado instrumentos de aprendizagem similares mas menos complexos. Em ambas as iniciativas os alunos puderam “relacionar, de forma não arbitrária e substantiva (não literal), uma nova informação a outras com as quais o aluno já esteja familiarizado” (Ausubel, *et al*, 1980:21). Pelo meio procederam à aprendizagem por descoberta, de acordo com a qual o conteúdo principal “não é dado, mas deve ser descoberto pelo aluno antes de ser incorporado na sua estrutura cognitiva.” O fim último deste tipo de aprendizagem é “organizar, dissociar, reagrupar informação, integrá-las na estrutura cognitiva existente e reorganizar e transformar a combinação integrada, de tal forma que dê origem ao produto final desejado ou à descoberta de uma relação perdida entre meios e fins” (Ausubel, *et al*, 1980: 20). Com estas experiências de aprendizagem atestou-se que o conceito de aprendizagem mecânica, definido por Ausubel (1968), não faz qualquer sentido. De acordo com o pedagogo, citado por Novak, na aprendizagem mecânica “a nova informação não se relaciona com os conceitos já existentes na estrutura cognitiva e, portanto, na aprendizagem mecânica pouca ou nenhuma interação ocorre entre a nova informação adquirida e aquela já armazenada” (Novak e Gowin, 1981:58-9).

Atendendo ao exposto, facilmente se conclui que procurei que os alunos se consciencializassem da existência de uma diversidade textual. Aliás, o novo *Programa do português para o ensino básico* aconselha a sua exploração:

O professor, enquanto agente mediador do programa e educador atento às realidades etárias, linguísticas e culturais dos seus alunos, deverá criar condições para que estes possam ler e apreciar textos de diferentes tipos e com funcionalidades e finalidades distintas, não literários e literários, ouvidos, vistos, lidos... (Reis, 2009: 101)

A organização das aulas e a seleção dos recursos teve em consideração a contextualização destes últimos e a sequencialidade das tarefas propostas. Por exemplo, depois da exploração do poema *No comboio descendente*, sugeri a planificação de uma viagem às Feiras do Livro de Lisboa e do Porto onde nos encontraríamos com Alice Vieira, a quem seria

⁵ De acordo com exposto nos programas de Estudo do Meio do 4º ano os alunos deverão conhecer passado nacional, como por exemplo, “os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado” e “localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal” (DEB (1998: 113 e 114), dos quais fazem parte o Estado Novo e a própria revolução dos Cravos ocorrida a 25 de abril de 1974.

realizada uma entrevista. Os alunos puderam, desta forma, não só desenvolver competências de leitura de textos diversificados e o gosto estético de livros através da análise de algumas capas, como também explorar os conteúdos da entrevista, desenvolvendo competências ao nível da expressão, da compreensão oral e da escrita. Para atestá-lo, basta recordar que o conjunto destas etapas culminou com os alunos a elaborarem uma entrevista, por escrito, a uma personagem ou personalidade à sua escolha e a dramatizá-la.

Em relação à escrita, Inês Sim-Sim defende que “tal como a leitura, [esta] não é uma atividade de aquisição espontânea e natural, exigindo, por isso, ensino explícito e sistematizado e uma prática frequente e supervisionada” (Sim-Sim *et al*, 1997: 29-30). A estratégia de promover uma entrevista a alguém do seu agrado acabou por criar um bom ambiente de aprendizagem devido ao seu cariz lúdico. Não nos esqueçamos que “o jogo é (...) uma exploração gratuita e vinculadora de alegria” (Chateau, 1975: 15), através da qual “a criança vai aprendendo a viver em sociedade, a relacionar-se com os outros, com as regras sociais, consigo mesmo de forma a construir o seu desenvolvimento integral” (Dias, 2005: 126), e a desenvolver a criatividade. Ora, segundo Chateau, “uma criança que não sabe jogar (...) será um adulto que não sabe pensar” (1975: 16). O desenvolvimento de competências da escrita já tinha sido explorado quando os alunos elaboraram, seguindo os procedimentos previamente definidos pelo docente, pequenos poemas sob o título *Os meus tesouros*. Com este tipo de estratégia foi possível garantir o advogado por Inês Sim-Sim, de acordo com o qual

na perspetiva da educação básica, é função da escola garantir a aprendizagem das técnicas e das estratégias básicas da escrita (incluindo as de revisão e autocorreção), bem como o domínio pelos alunos das variáveis essenciais nelas envolvidas – nomeadamente, o assunto, o interlocutor, a situação e os objetivos do texto a produzir. (Sim-Sim *et al*, 1997: 31)

Neste sentido, graças a diversas atividades, os alunos desenvolveram competências de escrita consciencializando-se que o produto final é fruto da superação de diversas etapas, algumas delas de verificação.

Penso que todas as aulas foram bastante proveitosas uma vez que, pelo meio, através das atividades propostas, os alunos conseguiram, naturalmente, proceder à identificação e descoberta de unidades, regras e processos da língua e também refletir sobre a qualidade linguística e a adequação das produções.

No apêndice II, encontra-se um quadro síntese (Quadro 4) das planificações, adaptado do *dossier* de estágio do 2º CEB que elaborei ao longo da PES.

2.4. Matemática

A experiência de PES, no 2ºCEB, foi realizada na turma C do 5º ano da Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca de 23 de fevereiro a 31 de maio. O docente supervisor foi o Doutor Pedro Tadeu, sendo a Dr.^a Catarina Castro a professora cooperante.

Iniciei a PES com a observação de uma aula da professora cooperante. Registei a forma metódica como a professora dirigiu a aula. Começou logo por escrever no quadro o respetivo sumário e verificar a realização dos trabalhos de casa enquanto entravam os alunos mais retardatários. Pela forma natural como os alunos encararam este vantajoso procedimento, foi possível perceber que esta é a rotina a que os alunos estão habituados.

As estratégias que contribuem para o estabelecimento de ordem no início da aula ajudam a estruturar e encurtar esse período de transição e consistem na utilização de rotinas para marcar prontamente o início das atividades seja através do sumário, de uma atividade ou simplesmente dizendo que se vai começar. O importante parece ser a necessidade de impor ritmo para a aula começar. (Santos, 2001: 7-8)

De seguida a docente abordou o conteúdo da *Construção de triângulos*, recorrendo ao manual e ao quadro, compasso, esquadro, régua e transferidor, numa estratégia onde a interação com os alunos foi uma constante. Apesar de ser uma turma irrequieta, que integra elementos com problemas de atenção e de concentração, o seu comportamento foi bom, também porque qualquer comportamento desviante detetado foi logo corrigido pela docente, através de uma linguagem verbal e não-verbal. De acordo com Postic (1990:31) “o sorriso, o olhar, o franzir do sobrolho, (...), os gestos da mão e dos dedos que designam aos alunos e os convidam a exprimir-se ou a parar, (...) são espontaneamente descodificados pelos alunos em sinais positivos, negativos ou neutros.”

Depois, durante o período em que estive a reger, lecionei conteúdos relativos às frações equivalentes e irredutíveis, ao numeral racional no contexto de um operador, à percentagem e ao perímetro do círculo. Procurei desenvolver estratégias de acordo com os tópicos, os objetivos específicos e as notas do novo programa de Matemática (Breda *et al*, 2008).

A maioria das aulas contemplou uma estratégia introdutória motivadora, em especial quando foi iniciada a abordagem de novos conteúdos. Conforme afirma Tavares, “todos

sabemos a importância da motivação inicial como ponto de arranque para uma aula” (1979: 7), uma vez que ela é “um fator determinante no processo de aprendizagem” (*Idem*: 43). Recorri à banda desenhada ou ao lançamento de dúvidas para abordar as frações equivalentes, a percentagem ou a forma de calcular o perímetro do círculo. Neste caso tive em consideração as teorias cognitivistas que têm como representantes Piaget e Ausubel, entre outros, e que consideram a aprendizagem como “uma atividade funcional, exploradora e imaginativa e criadora, assente no processo altamente seletivo da perceção e da atribuição de significado aos objetos e aos acontecimentos no contexto, na situação em que se encontram ou ocorrem e na sua relação com os fins que o sujeito se propõe alcançar” (Alarcão e Tavares, 1990: 101).

Dentro do possível procurei promover um ensino contextualizado e assente em questões quotidianas, próximas da realidade dos alunos, como foi o caso em que alertei para a necessidade de se medir o perímetro dos copos para, depois, podermos colocar uma fita identificativa da pessoa que o utilizaria na festa do Dia Mundial da Criança que se iria realizar na escola. Tive em consideração o pensamento de Ruiz e Gomes, segundo o qual

[..] faz-se necessário que a Educação Matemática não seja interpretada como sinónimo de ensino de Matemática, mas como uma área de conhecimentos, em que o educador e educando se apresentam numa relação de cumplicidade, de parceria de troca; entendida como uma forma de pensamento, como uma “ferramenta” cognitiva, como instrumento para a leitura do mundo e que, muitas vezes, depende de outras áreas do conhecimento, que o processo de aquisição de conhecimentos não implicasse numa relação de dominação, mas numa base constante de novos desafios, com base na pesquisa, na reconstrução e, principalmente, na compreensão (Ruiz e Gomes, 1998: 31).

Neste sentido, ao invés de recorrer às explicitações do manual, onde os problemas apresentados eram complementados por um exercício já resolvido e a indicação “siga o exemplo”, promovi a busca de soluções ou de estratégias para a obtenção de soluções diversificadas. Entendi que, depois de percebermos que erramos, podemos descobrir que existem “outras saídas, o que acaba contribuindo para melhorar nossa capacidade de imaginar soluções” (Coelho, 2005:3). Por conseguinte, através da intuição os alunos puderam “desenvolver atitudes positivas face à Matemática e a capacidade de apreciar esta ciência” e potenciar

- autoconfiança nos seus conhecimentos e capacidades Matemáticas, e autonomia e desembaraço na sua utilização;

- à-vontade e segurança em lidar com situações que envolvam Matemática na vida escolar, corrente, ou profissional;
- interesse pela Matemática e em partilhar aspetos da sua experiência nesta ciência;
- compreensão da Matemática como elemento da cultura humana, incluindo aspetos da sua história;
- capacidade de reconhecer e valorizar o papel da Matemática nos vários sectores da vida social e em particular no desenvolvimento tecnológico e científico;
- capacidade de apreciar aspetos estéticos da Matemática. (Breda *et al*, 2008: 3)

A busca de soluções foi assente na manipulação de objetos como fitas métricas, fios de nylon ou régua. Deste modo, tal como referem Sprinthall e Sprinthall (1990/1993: 118), os alunos são impelidos para a aprendizagem por intermédio do "impulso de curiosidade, motivação para a competência, necessidade intrínseca de dominar o meio ou eficácia pessoal". Sem que tenham consciência do facto, adquirem conhecimento, *learning by doing*. Recordemos que, conforme defendem os mesmos autores, uma criança aprende mais do dobro do que observa, ouve e manipula em relação ao que apenas ouve. Este tipo de estratégias remete-nos para a transferência de aprendizagem, isto é, para a capacidade de a criança aplicar conhecimentos adquiridos a novas situações, muitas delas relacionadas com o seu quotidiano. Por exemplo, através de uma simples abordagem da percentagem a criança consegue, numa situação em que vai às compras com os seus pais, identificar o valor de desconto num brinquedo.

Para que a manipulação produzisse os efeitos pretendidos, assumi a função de orientador no processo de aprendizagem, auxiliando os alunos na elaboração de sínteses ou indicando onde poderiam consultá-las, tal como defende Ausubel (1968). Numa das situações solicitei que escrevessem no caderno diário, por diversas vezes, o modo como poderiam obter uma percentagem. É através das sínteses que os alunos adquirem as ferramentas que possibilitam a metacognição, ou seja, se tornam capazes de refletir sobre os seus conhecimentos. Conforme indica Helena Salema (1997), a metacognição remete-nos para os processos mentais subjacentes a determinado raciocínio/cálculo ou, por outras palavras, para a capacidade de o aluno se questionar sobre o que fez, com que fez e porque é que o fez. Desta forma o aluno caminha no sentido da sua progressiva autonomia que lhe permitirá ser capaz de pensar, decidir, escolher e optar por si próprio (Kamii: 1996). Face ao exposto facilmente se depreende que as verdadeiras aprendizagens ocorrem em dois momentos, numa fase inicial e numa fase final. Esta última ocorre quando o aluno não só aprende a solucionar um problema, como também é capaz

de explicar os procedimentos adotados. Só através desta aprendizagem é que desenvolvem competências e, assim, se prepara para a vida em sociedade.

No que concerne à consolidação de conhecimentos, optei por repetir ocasionalmente exercícios e efetuar o reforço dos alunos. Tive em consideração teorias behavioristas, defendidas por autores como Watson, Thorndike e Skinner, entre outros, que pressupõem a existência de um estímulo que origina uma determinada resposta, a qual pode ser recompensada (se correta), conduzindo à sua repetição, facto que contribui para a aprendizagem. Neste sentido a aprendizagem “surge como uma forma de condicionamentos, resultado de uma associação entre estímulos específicos e reações específicas, suscetíveis de serem reforçadas até à otimização se estiverem na linha de aprendizagem desejada ou ignoradas até à extinção e eventualmente punidas se afastarem o aluno dessa finalidade” (Alarcão e Tavares, 1990: 96).

Ainda em relação à realização de exercícios procurei auxiliar na leitura e compreensão de enunciados. Segundo Sílvia Lopes, “a compreensão dos enunciados dos problemas e o uso de estratégias ou procedimentos adequados são dependentes de vários fatores” dos quais destaca “a compreensão do gênero discursivo”, “dos termos ou expressões”, “a mobilização de conhecimentos prévios e a retenção ou controle das informações contidas nos enunciados.” (Lopes, 2007: 7) Orientei os alunos no sentido de clarificar de modo rigoroso conceitos matemáticos, auxiliando-os na consulta do glossário existente nas últimas página do manual.

A comunicação em Matemática foi uma preocupação. Conforme o pensamento de Menezes (2000:11), “a comunicação entre os alunos, tanto oral como escrita, constitui um aspeto que o professor deve incrementar, porque permite o desenvolvimento de capacidades, de atitudes e de conhecimentos.” Aliás, no programa de Matemática do 2º Ciclo do Ensino Básico, as orientações metodológicas gerais enfatizam a importância da comunicação:

Considerando a estreita dependência entre os processos de estruturação do pensamento e da linguagem, há que promover atividades que estimulem e impliquem a comunicação oral e escrita, levando o aluno a verbalizar os seus raciocínios, explicando, discutindo, confrontando processos e resultados (DGEBS, 1991b: 16).

Podemos depreender que um docente deve ser detentor de um conjunto de competências de índole científica, pedagógica e comunicativa. Segundo P. Ernest (1991 e 1996), um professor

...necessita de dominar um conjunto alargado de conceitos matemáticos que lhe permitam planificar, compreender e orientar o processo de aprendizagem dos

seus alunos. Este conhecimento permite ainda que o professor diagnostique concepções errôneas manifestadas pelos alunos, dê maior ou menor ênfase a certos temas dos programas, interprete corretamente as intervenções dos seus alunos e decida qual o tipo de estratégia de ensino mais adequada à abordagem de certos assuntos. (Cunha, 1998: 6)

Por todo o trabalho realizado, creio que contribuí para o desenvolvimento das competências ao nível da Matemática dos alunos e para a sua progressiva autonomia. Este deve ser o fim de um docente uma vez que, segundo a pedagogia de Montessori (1948), a função do professor “consiste em não ensinar, dar ordens, forjar ou moldar o espírito da criança, mas criá-lhe um ambiente apropriado à sua necessidade de experimentar, agir, trabalhar, assimilar espontaneamente e alimentar o seu espírito” (Chateau, 1956: 343).

No apêndice 5, encontra-se um quadro síntese (Quadro 5) das planificações, adaptado do *dossier* de estágio do 2º CEB que elaborei ao longo da PES.

3. Reflexão / síntese final

Ao longo de toda a PES desenvolvi um trabalho consistente, conforme atestam as apreciações que foram feitas. Este foi o resultado do esforço desenvolvido para ultrapassar os receios pessoais e os obstáculos encontrados, já referidos no capítulo 2.

Temia por não conseguir adaptar os conteúdos, a planificação e o discurso aos alunos desta faixa etária. Deparei-me, ainda, com a necessidade de aprofundar conhecimentos científicos em áreas que não as da minha formação base. Fi-lo consciente de que esta deverá ser uma prática inerente ao exercício das funções docentes, independentemente do maior ou menor conhecimento em qualquer área do saber.

Mostrei-me humano, simples e humilde. Fiz ver aos alunos que os erros são próprios da condição humana mas que não nos podemos acomodar e adotar posturas passivas. Expliquei-lhes que somente no dicionário é que o sucesso surge antes de trabalho. A mensagem de que os alunos me poderiam ver como um amigo foi transmitida com um discurso fluido, simples e coerente. Criei, assim, desde o primeiro momento, uma relação de empatia com todas as turmas em que regii. Contudo, não o fiz de modo excessivamente afetivo. Quis que os alunos tomassem a consciência de que existe uma diferença entre o papel de docente, elemento que auxilia a promover a aprendizagem, e o do aluno, agente que busca o conhecimento. Alguns alunos tentaram testar a minha autoridade. Atuei com os mesmos de modo assertivo

transmitindo uma mensagem clara para todos, a de que existe uma barreira entre trabalhar com um clima favorável e a brincadeira sem limites.

As dificuldades ao nível das estratégias foram superadas através de um diálogo franco com as professoras cooperantes, as quais nunca me impediram de aplicar uma estratégia mas alertaram-me para os perigos que poderia correr. Em determinadas ocasiões, como em Língua Portuguesa, o risco surtiu os efeitos pretendidos. Foi o que ocorreu quando convidei os alunos de 4º ano a explorar um excerto de *Os Lusíadas* e os de 5º analisaram poemas de Florbela Espanca e de Fernando Pessoa. Os alunos puderam, desta forma, apreciar textos de reconhecida qualidade. Por sua vez, em Ciências da Natureza decidi aplicar, sem grande sucesso, a metodologia de trabalho de grupo a uma turma com vinte e nove alunos. A aposta falhou porque, não só não conhecia verdadeiramente a turma, como privilegiei aspetos do relacionamento humano em detrimento dos aspetos científicos.

No que concerne aos recursos, penso ter tirado o melhor partido de todos os que utilizei, explorei ou criei. Utilizei desde o manual ao vídeo, passando pela música ou pelos jogos. Contudo, revelei algumas dificuldades na gestão do quadro que se devem, em parte, à experiência de lecionação a jovens do secundário ou a adultos. O facto de os quadros disponíveis nas diferentes salas ser distinto ao nível do tamanho também teve alguma influência, na medida em que nunca me foi possível habituar ao quadro disponível.

No que diz respeito à preparação científica procurei colmatar falhas aprofundando conhecimentos em bibliografia de referência e junto dos meus colegas do estabelecimento onde estava a lecionar, por uma questão de proximidade física, e, depois, dos professores cooperantes e dos supervisores. De uma forma geral dominei os conteúdos que lecionei, principalmente nas áreas de Estudo do Meio, Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal. A Matemática e Ciências da Natureza tive de me aplicar mais por serem áreas onde apresento mais dificuldades. Porém, à exceção de um ou outro lapso ao nível do rigor da linguagem própria das disciplinas, consegui dominar os conteúdos que explorei nas aulas.

Apesar de considerar ter tido um desempenho muito positivo, acredito que ainda tenho um longo percurso a percorrer, algo só possível com a experiência. Creio, contudo, ter relevado algumas das características necessárias para poder vir a ser um bom professor.

Capítulo 3

O Estado Novo visto a partir do futebol

Capítulo 3 – O Estado Novo visto a partir do futebol

1. Apresentação dos conceitos de Estado Novo e Futebol

Começamos esta investigação a partir da exploração dos conceitos de Estado Novo e Futebol. De acordo com a sucinta definição da Nova Enciclopédia Larrousse, Estado Novo corresponde à

...designação utilizada pelos partidários do regime político português saído do golpe militar de 28 de maio de 1926, para denominar o próprio regime. A expressão passou a ser usada com maior frequência nos anos 30 e utiliza-se hoje, normalmente, para nomear o regime autoritário institucionalizado pela Constituição de 1933 que se prolongou até 1974. (1994:2746)

Segundo a mesma publicação, futebol é um “desporto no qual duas equipas de 11 jogadores se esforçam por introduzir a bola na baliza do adversário, sem o auxílio das mãos, durante uma partida divididas em dois tempos de 45 minutos cada.” (*Idem*:3201)

Uma vez que estão em causa dois conceitos complexos, possíveis de serem apresentados por várias perspetivas, limitá-los-emos às que se enquadram melhor nos nossos objetivos. O Estado Novo será analisado a partir da visão do regime que é apresentada nos programas escolares de HGP. O futebol será explorado como o fenómeno de enorme relevância social com potencialidades de cariz educativo.

1.1. O Estado Novo apresentado nos programas escolares de HGP

Vós pensais nos vossos filhos, eu penso nos filhos de todos vós.

Salazar, no momento do lançamento da
primeira pedra duma Casa do Povo.

O Estado Novo surge nos programas de História e Geografia de Portugal no tema “Portugal no Passado, os anos da ditadura”. De acordo com o Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem da disciplina, os alunos, no fim de cinco aulas, deverão saber fazer “referência à

ação de Salazar no saneamento financeiro e à política de obras públicas do Estado Novo” e identificar algumas características da ditadura, como “a ausência de liberdades de expressão e de reunião, a censura prévia, a polícia política, a repressão ao movimento sindical e a existência de um partido único.” (DGEBS, 1991: 33)

No que concerne ao saneamento financeiro, após um período, no ano de 1928, em que António Oliveira Salazar superintende com sucesso a pasta das Finanças a convite dos militares, a partir de 1932 o já então chefe de conselho procura reequilibrar as contas públicas, criando taxas alfandegárias e aumentando impostos. Paralelamente foi adotada uma rigorosa política de limitação de despesas. Esta prática tinha em vista a autossuficiência económica do país (Rosas, 1991 e Rosas, 1994). Neste aspeto Salazar beneficiou, com o eclodir da Segunda Guerra Mundial, de um contexto internacional favorável, tirando partido das necessidades económicas dos países envolvidos para dinamizar alguns sectores ligados à exportação. Parte dos proveitos económicos foram investidos na implementação de amplos programas de obras públicas, que melhoraram a rede de estradas, recuperaram monumentos históricos, edificaram grandes complexos desportivos, entre outras alterações. Portugal procurava, com as mesmas, dar uma imagem nacional e internacional de modernização e minimizar o problema do desemprego.

Por sua vez as liberdades individuais ficaram fortemente condicionadas após a Constituição de 1933 que consagrou um forte autoritarismo do Estado, atestado pela existência de um partido único, a União Nacional, que representava o ideal do que se ambicionava na sociedade.

A 28 de maio de 1932, o Governo publicou um projeto de Constituição, preparado por Salazar e pelos seus colaboradores e discutido no Conselho de Ministros e no Conselho Político Nacional. (...) A designação oficial do regime continuaria a ser a de «República Portuguesa» (...). Conservar-se-iam a bandeira, o hino e os feriados escolhidos pelo governo provisório em 1910. Mantinha-se a separação republicana da Igreja e do Estado e a enumeração liberal dos direitos e liberdades, bem como os princípios da igualdade de todos os cidadãos perante a lei, divisão de poderes e independência dos magistrados. (...)

O condicionamento da vida pública não estava na Constituição (...) mas na legislação reguladora das liberdades, a qual instituiu a censura prévia à imprensa, fez reuniões e associações dependerem de autorização do Governo, e reservou a atividade política legal a uma associação cívica, chamada União Nacional (...). (Ramos, 2009: 632-633)

Todo o povo deveria estar unido em torno da Nação e dos valores nacionais. A partir deste momento o Estado iniciou uma intensa campanha de exaltação dos valores nacionais, através da consagração dos heróis e do passado glorioso de Portugal e de valorização das produções culturais nacionais.

De modo a controlar a população, o Estado Novo trilhou dois caminhos, o do enquadramento e o da repressão social. Ao nível do enquadramento social criou o Secretariado da Propaganda Nacional, a Legião Portuguesa, a Mocidade Portuguesa e a FNAT (Federação Nacional para a Alegria no Trabalho). Com estes organismos procurou-se divulgar o ideário do regime, inculcando-lhe os valores nacionalistas, patrióticos e morais do Estado Novo, sob o lema *Deus, Pátria e Família*. O culto da imagem de Salazar, *o Salvador da Pátria*, era também uma prática frequente. No que concerne ao segundo caminho instituiu a Censura Prévia, que vigiava todas as produções intelectuais, e criou a polícia política, a PVDE, mais tarde PIDE, que perseguia os opositores ao regime, entre os quais alguns líderes sindicais ou de movimentos ligados à classe operária.

A partir de meados da década de 50 do século XX, a questão colonial assumiu uma posição central nas preocupações do Estado Novo, apesar de nunca antes ter sido menosprezada. Recorde-se que o Ato Colonial remonta a 1930⁶. A pressão internacional e a criação de vários movimentos independentistas nas Províncias Ultramarinas contribuíram para a eclosão da guerra colonial, com a qual o Estado Novo nunca soube lidar. Para o regime português as colónias eram um elemento fundamental na política de nacionalismo económico e um meio de fomento do orgulho nacionalista.

O programa de História e Geografia de Portugal do 2º ciclo sugere, na abordagem dos conteúdos, a “análise e comentário de textos ou documentos adaptados relativos a este período, nomeadamente notícias de jornais da época” e a recolha de “dados sobre construções com carácter monumental que testemunhem a política de obras públicas do Estado Novo”. (DGEBS, 1991:33)

É nesta perspetiva que se sugere a exploração dos documentos em anexo, sendo para tal necessário um conhecimento prévio sobre as ligações entre o futebol e Estado Novo, algo sobre o qual discorreremos no próximo subcapítulo.

⁶ O Ato Colonial de 1930 é um documento estruturante da visão imperialista e nacionalista do regime português, que definiu as formas de administração das colónias portuguesas até ao momento em que foi revogado, em 1951.

1.2. O futebol, um fenómeno complexo

Não sei se alguém já o referiu: a folha de papel tem exatamente o mesmo formato que um campo de futebol.

Klaus Theweleit, *Golo para o Mundo. O Futebol como Modelo da Realidade*⁷

Quando analisamos a abordagem do futebol em contexto escolar referimo-nos, normalmente, a conteúdos explorados na disciplina de Educação Física.

As várias experiências e reflexões apontam no sentido de aferir os proveitos físicos e morais da prática desportiva. Manuel Sérgio (1985: 5) destaca, a este propósito, que o desporto deve contribuir para a renovação e transformação do homem, isto é, “deve assumir-se como uma atividade instauradora e promotora de valores. Na prática desportiva, o Homem tem de aprender a ser mais Homem!” Foi com esta perspetiva que as escolas têm diversificado a sua oferta desportiva, em iniciativas como o desporto escolar.

No mesmo sentido alguns clubes federados têm aberto as suas portas à escola, auxiliando-a ou promovendo-a. Por exemplo, são muitos os projetos desenvolvidos junto de zonas urbanas problemáticas, que têm também subjacente a ideia segundo a qual o futebol pode contribuir para a inclusão e ascensão social. Simultaneamente, há vários clubes que penalizam o insucesso escolar dos seus atletas, excluindo-os temporária ou definitivamente da prática desportiva. Para reduzir o número de casos de insucesso escolar estabelecem parcerias com escolas ou contratam professores para auxiliar os seus atletas. Reconheça-se, contudo, que estes casos são mais frequentes em coletividades sem grandes ambições ao nível do êxito desportivo ou quando não estão em causa jogadores com um potencial fora de série.⁸

Não podemos limitar o futebol apenas à sua prática desportiva. A modalidade pode ser explorada a partir de uma outra perspetiva, a do simples observador, espetador ou adepto, uma vez que, conforme afirma António Silva da Costa, “o futebol constitui (...) uma grelha de leitura da sociedade e da sua situação na história” (1992:107). De facto,

⁷ Theweleit é um bem conhecido autor alemão (de futebol). O seu livro de 2004, *Tor zur Welt. Fußball als Realitätsmodell (Golo para o Mundo. O Futebol como Modelo da Realidade)*, Colónia, Kiepenheuer & Witsch, é objeto de uma recensão crítica em português de Martin Curi na revista digital *Esporto e Sociedade*, ano 1, n.º 1, Novembro de 2005/Fevereiro de 2006, <http://www.lazer.eefd.uftrj.br/espsoc/>.

⁸ Cf Domingos, N., Rocha, A. & Vaz, A. «O jogo de futebol em duas escolas» in Neves, J., e Domingos, N. (orgs.) (2004), *A Época do Futebol. O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*, Lisboa, Assírio & Alvim. p.357-374.

...o universo desportivo é um excelente campo de observação da sociedade, onde podemos encontrar elementos para estruturar modelos ideais de análise social, e pode servir também para nos ajudar a descobrir formas de pensamento e modelos de ação através dos quais nós compreendemos melhor o sentido da existência do homem e da sua integração na comunidade humana e pressentir muitas das aspirações que povoam o nosso imaginário coletivo e que muitas vezes não conseguem ultrapassar as barreiras do inconsciente. (Costa, 1992:101)

Para atestar a ideia acima exposta basta ter presente que “o futebol funciona na sociedade moderna (...) pelo tríplice princípio fundamental: a eficácia, o rendimento e o progresso. Por seu lado, o futebol integra precisamente os valores desta sociedade, mas numa dimensão maravilhosa, dramática e festiva” (*Idem*:105). O futebol está associado à festa, à comemoração, ao triunfo e à alegria. Mas, antes do êxito, que só é acessível a alguns, está todo um trabalho específico de vários especialistas (treinadores, fisioterapeutas, médicos, gestores...), tendo em vista a superação de metas ou objetivos estabelecidos, algo que retrata a realidade de vários domínios da sociedade, como por exemplo o empresarial.

Em suma, o futebol assume-se “como um espelho da sociedade e como uma interpretação da vida social. Este funcionamento de tipo ideológico não é necessariamente negativo. O futebol pode inclusivamente ajudar uma sociedade a compreender as suas estruturas e a reforçar a sua própria identidade.” (*Idem*: 105)

2. Justificação da pertinência da investigação

A presente investigação tem por objetivo demonstrar as possibilidades de exploração do tema do futebol dentro da sala de aula. Para tal apresentaremos uma proposta de abordagem do Estado Novo a partir do desporto-rei.

Tratando-se de uma temática de cariz histórico, procuraremos caraterizar o Estado Novo a partir de um conjunto de informações tornadas públicas em fontes escritas, a saber, jornais desportivos e outras publicações sobre o tema. As fontes iconográficas não serão, contudo, ignoradas.

Entendemos que a pretensão de analisar o Estado Novo a partir do futebol é possível e desejável porque sendo “a linguagem do futebol simples e a sua simbólica global ela tem a sua força e a sua eficácia sobre as massas populares.” (Costa, 1992: 105). Ora, como sabemos, a escola é um espaço aberto a todas as classes sociais, afirmando-se como uma instituição

inclusiva e globalmente integradora da diversidade (...) na base de um conceito de equidade educativa tendente a compreender, valorizar e promover, quer a riqueza da diversidade, incluindo a interculturalidade, quer a excelência da relação concreta do ensino – aprendizagem. (Morgado, 2005:23)

Não podemos também ignorar que esta modalidade assume um carácter global, na medida que é, pelo menos, comentada por todos, adeptos ou detratores. Paralelamente importa não esquecer que se trata de um fenómeno complexo que pode contemplar disciplinas tão distintas como a Matemática, Geometria, História, Geografia, Sociologia, Psicologia ou ainda a Fisiologia.

Para atestá-lo basta analisar a conceção de bola de Maurício Murad que, citado por Júnior (2009), a define como uma circunferência, forma geométrica perfeita que, de acordo com a conceção clássica dos gregos, “é o valor do inconsciente coletivo, suprema representação espacial, à medida que enuncia a ética da igualdade de oportunidades, pelo critério da equidistância, uma vez que todos os pontos estão igualmente distantes do centro”. Só neste pensamento encontramos a Filosofia, a História e a Matemática.

Os movimentos físicos de um jogador podem ser objeto de estudo da fisiologia. Já o estado de espírito dos agentes desportivos ou até mesmo dos adeptos da modalidade poderá ser objeto de estudo da psicologia ou até mesmo da sociologia.

Muitas das disciplinas contempladas pelo futebol são abordadas, com maior ou menor ênfase, nos programas curriculares. Por exemplo o organismo máximo do futebol, a FIFA, engloba várias confederações, as quais têm a responsabilidade de dinamizar provas de cariz continental de seleções ou de clubes. Devido a questões de foro político alguns países participam em provas de outro continente.⁹ Estão, assim, em causa aspetos relacionados com os limites geográficos.

Neste sentido é legítimo articularmos o futebol com outros conteúdos escolares. Atendendo que tal seria uma tarefa hercúlea para o exigido nesta reflexão, apenas nos propomos analisar o Estado Novo, conteúdo abordado em História e Geografia de Portugal, a partir de referências na comunicação social escrita desportiva. Para tal, necessitaremos do contributo da língua portuguesa, dado que a análise e o tratamento de fontes históricas exigem competências ao nível da leitura e da interpretação.

O ato de ler e o conceito de leitura, numa aceção simples, remete-nos para recitar, compreender, *legere* e conhecer. Segundo Inês Sim-Sim, ler significa muito mais do que esta definição.

Saber ler significa, fundamentalmente, ser capaz de extrair informação de material escrito, qualquer que seja o suporte (material ou informático), qualquer que seja o tipo de texto e qualquer que seja a finalidade da leitura, transformando essa mesma informação em conhecimento. (Sim-Sim, 2001:51)

A leitura é, então, entendida como ato de interpretar, de “compreender, isto é, de extrair sentido do texto e de “emprestar” sentido ao texto, invocando a propósito deste os conhecimentos que a nossa experiência de vida e as nossas leituras precedentes nos permitiram adquirir.” (Sá, 2000)

Todos os estudos defendem que prática da leitura transporta consigo consequências positivas nos alunos. Conforme afirma Sacristán (2008: 103),

a complementaridade da educação nas aulas com os hábitos de ler noutros âmbitos está validada pela investigação. Ler textos que não sejam os escolares está relacionado com o êxito escolar. Esta associação pode dever-se ao apoio da força dos hábitos de ler fora e dentro das aulas, ou quiçá se produza esse efeito de acumulação de capitais culturais proporcionados pelos diferentes modos de ler. O

⁹ Devido às tensões políticas permanentes com os países limítrofes, Israel participa nas provas continentais europeias. A Austrália, por razões de competitividade desportiva, integra as fases de apuramento para o Campeonato do Mundo de Futebol no continente asiático desde o Mundial de 2010.

certo é que o nível de sucesso escolar está relacionado com a leitura feita com funções não académicas. A prática frequente da leitura em jovens de 15-16 anos está diretamente associada a um rendimento escolar mais elevado (...).

Nicholas Carr justifica este facto ao afirmar que a leitura “treina-nos a focar num assunto, num artigo ou numa história por um longo período. É uma maneira de pensar contranatura, porque somos naturalmente dados a distrações, interrupções, mudanças de assunto.” (Caetano, 2012: 19)

A opção de recorrer aos jornais desportivos parte do pressuposto de que são muitos os alunos que apreciam a temática e os leem regularmente. De acordo com uma investigação levada a cabo por Sónia Neves, cerca de 20% dos alunos inquiridos lê jornais desportivos e um pouco mais de 40% lê revistas relacionadas com a temática do desporto ou de jovens (Neves, 2010: 92). Estes são dados bem reveladores dos interesses dos alunos.

A família pode contribuir para, dando o exemplo, incutir nos jovens o gosto pela leitura, algo que nem sempre acontece. Aliás, se a leitura fosse um hábito frequente dos portugueses não existiria a necessidade de criar o Plano Nacional de Leitura, que visa o combate da “iliteracia, através de uma intensificação e alargamento da leitura”. (Martins, 2001:1) Com esta iniciativa pretendeu-se:

- i) promover a leitura, assumindo-a como fator de desenvolvimento individual e de progressão nacional;
- ii) criar ambientes favoráveis à leitura;
- iii) inventariar e valorizar práticas pedagógicas e outras atividades que estimulem o prazer de ler entre crianças, jovens e adultos;
- iv) criar instrumentos que permitam definir metas cada vez mais precisas para o desenvolvimento da leitura;
- v) enriquecer as competências dos atores sociais, desenvolvendo a ação dos professores e dos mediadores de leitura, informais e formais. (PNL, 2006)

A realidade mostra-nos que nos encontramos distantes do plano de intenções traçado. A preocupação relacionada com a leitura está presente e resulta de “uma constatação vulgarizada de que as crianças e os jovens não leem, não gostam de ler, a leitura não é uma atividade que lhes dê prazer, a leitura não é uma atividade preferencial entre as desenvolvidas nos seus tempos livres.” (Balça, 2000:298). Os jornais desportivos talvez sejam uma exceção à regra, uma vez que

...num país marcado por reduzidos índices de leitura estes três jornais diários, *A Bola*, *O Record* e *O Jogo*, vendem, no seu conjunto, entre 200 000 e 300 000 exemplares por dia, ocupando qualquer deles o *top 5* dos jornais mais vendidos. Por ocasião das grandes competições internacionais com participação portuguesa, *A Bola* já conseguiu tiragens na casa dos 250 000 exemplares diários, esgotando essas edições. (Coelho & Tiesler, 2006:521)

O facto de estarem em causa jornais desportivos não deve retirar importância do essencial, a prática da leitura. Assim, um jornal desportivo, tal como qualquer outra publicação sobre a temática, pode ter uma maior ou menor qualidade consoante a forma como é elaborado.

O jornal *A Bola* é um bom exemplo de um jornal desportivo de reconhecida qualidade. Trata-se de uma publicação diária de âmbito nacional que foi fundada em 1945 por Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo. Começou por ser bissemanal, aumentando progressivamente o número de tiragens semanais devido ao interesse manifestado pelos leitores, até que, em 1995, se tornou diário. Devido à sua temática, o desporto e, principalmente, o futebol, e ao modo como está escrito tornou-se muito popular entre as comunidades emigrantes a ponto de ser impresso, desde 2006, em localidades como Newark, Nova Jersey, nos EUA.

Para o português emigrado, *A Bola* era uma das formas de estar informado acerca do que sucedia no país, pelo menos em termos de futebol. Além do mais, era conhecida e reconhecida a qualidade literária de muitos dos textos publicados pelo jornal, e escritores como José Cardoso Pires, António Lobo Antunes ou João de Melo várias vezes consideraram *A Bola* como um dos periódicos mais bem escritos no panorama jornalístico português. (Coelho, 2001: 111)

Tratando-se o futebol de um fenómeno social complexo que abrange vários domínios, os jornais desportivos, ao noticiarem o que ocorre na e sobre modalidade transmitem um conjunto de informações que abarcam diversas áreas, entre as quais a da cidadania. O exposto vai assim ao encontro do defendido por Sobrino (2000: 88,89),

através da leitura, a criança pode facilmente interiorizar os valores da igualdade, da liberdade e da solidariedade. (...). A sensibilização para os valores da democracia, a tolerância e o respeito mútuo, enquanto base da convivência,

constituem também princípios que, sem esforço, o leitor vai descobrindo e assimilando através dos livros.

Retomando o exemplo de *A Bola*, os seus textos, “celebrando os rituais desportivos” de outras épocas, permitem ao leitor “tornar-se, de uma certa maneira, contemporâneo das suas origens e viver os fundamentos ontológicos da sua existência e a sociedade pode tentar compreender-se a partir dos dramas cosmológicos e sociais que se situam na base da sua organização inicial.” (Costa, 1992:108) Através da leitura de textos de cariz desportivo de determinada época, é possível caracterizar esse período a partir das informações ou considerações aí reproduzidas.

Em contexto escolar pretende-se que os alunos, no final do segundo ciclo, atinjam competências de leitura que permitam o “conhecimento de estratégias diversificadas para procurar e selecionar informação a partir de material escrito.” (DEB, 2002: 34). Deverão ser previamente desenvolvidas com os alunos “atividades e tarefas que, favorecendo a sua formação enquanto leitores autónomos, façam despertar neles a apetência pela leitura e a descoberta de uma ampla diversidade de obras literárias e de textos não literários. As diferentes experiências de leitura constituem um relevante fator de desenvolvimento de fluência na atividade de construção do sentido.” (Reis, 2009: 74)

Neste sentido os artigos desportivos poderão permitir a caracterização da época de que são contemporâneos, assumindo-se, então, como uma fonte escrita. Ora, ao nível da HGP sugere-se o desenvolvimento de competências relacionadas com o tratamento de informação / utilização de fontes, tendo em vista a:

Utilização de técnicas de investigação: observar e descrever aspetos da realidade física e social; recolher, registar e tratar diferentes tipos de informação: identificar problemas; formular hipóteses simples; elaborar conclusões simples.

Interpretação de informação história diversa e com diferentes perspetivas.
Exemplos de atividades: (...) análise de documentos escritos (adaptados); análise de documentação iconográfica (a privilegiar necessariamente); (...) organização de *dossiers* temáticos; organização de ficheiros temáticos, de conceitos ou de referências bibliográficas. (DEB, 2002:92)

Deste modo, deduz-se que os alunos podem conseguir analisar o Estado Novo através da análise de jornais desportivos, ou seja, podem “resolver um problema cujo objetivo é extrair significado de material escrito”. (Sim-Sim, 2001:1)

Em nosso entender esta proposta tem a vantagem de motivar os alunos, uma vez que, não descurando a importância da avaliação quantitativa relevante na avaliação atual, promove o essencial, a aquisição de conteúdos e o desenvolvimento de competências de Língua Portuguesa e de HGP. Assente nos trabalhos de Boruchovitch (1999) e de Pintrich (2003), Filomena Ribeiro (2001) advoga isto mesmo:

Quando os alunos têm como objetivo pessoal o domínio dos conteúdos, e não apenas a conclusão de tarefas ou o conseguir nota suficiente, irão empenhar-se, investir tempo e energia psíquica em determinadas atividades mentais. Esta postura ativa do aluno deve ser reforçada pelo professor, nomeadamente com o uso de estratégias cognitivas e metacognitivas, que incluem desde métodos que levem à compreensão de um texto, como fazer resumos, esquemas ou levantar questões, até à gestão do tempo disponível para o estudo.

3. As interferências do Estado Novo no futebol

Em tantas e tão diversas experiências não encontrei nada (nem mesmo o jornalismo) que mais se parecesse com a política do que o futebol.

Marcelo Rebelo de Sousa

De forma a garantir o exercício da autoridade sem qualquer contestação, o regime constituiu um poderoso aparelho repressivo através do qual subordinou aos interesses do Estado os direitos e liberdades dos cidadãos, constitucionalmente reconhecidos. A polícia política e a censura foram os principais suportes repressivos do Estado Novo. A origem destes importantes instrumentos é diferente.

A censura foi instituída em 1926, sendo então apenas aplicada à imprensa¹⁰. Gradualmente foi-se estendendo aos outros meios de comunicação e a todas as formas de cultura, como o teatro, o cinema ou a literatura. Exerceu-se uma rigorosa vigilância sobre todas as produções intelectuais, tendo em vista a eliminação de tudo o que fosse considerado antagónico à ideologia do regime. Tratava-se de uma verdadeira ditadura intelectual. O objetivo passava por evitar que a imprensa fosse utilizada com propósitos nefastos à realização do programa de reconstrução nacional instituído pelo Governo de Ditadura Militar. A vigilância, permanente, proibia a divulgação de ideais ou factos que beliscassem o regime ou os seus representantes. Paralelamente toda a informação relacionada com os regimes ou os ideais socialistas e comunistas era proibida ou controlada. Foi neste contexto que se assistiu ao silenciamento progressivo do antigo hino do Benfica, composto pelo antigo jogador e dirigente do clube Félix Bermudes em 1929, denominado “Avante pelo Benfica!”. Neste caso, entre outras, a palavra *Avante* era considerada perigosa para o regime que estava a dar os primeiros passos. (anexo 2.1)

Os pressupostos pelos quais se regia a ação da censura tinham sido traçados numa circular urgente datada de 28 de Agosto de 1931. Nela estão expostas as principais instruções escritas de carácter geral enviadas pelos Serviços de Censura e que vigoraram até 1968. A ação vigilante por parte das forças do Estado é justificada perante “a influência deletéria que exercem sobre a opinião pública determinados jornais do País, quer aplaudindo, ainda que indireta ou veladamente, a violência e a desordem, a coberto de uma ideologia falseada, quer mantendo um

¹⁰ O jornal *A Batalha*, por exemplo órgão de comunicação que defendeu as lutas dos trabalhadores foi alvo proibições e vários cortes censórios. Foi publicado oficialmente entre 1919 e 1927. Surge mais tarde, após a queda do regime, em 21 de Setembro de 1974.

mutismo culposo e absurdo em face de atos que a Nação repudia e cujas consequências só em lágrimas de sangue podem ser avaliadas”.

A ação fiscalizadora ficou sob a responsabilidade das Comissões de Censura, as quais eram consideradas como “meio indispensável de uma obra de reconstrução e saneamento moral” pelo que deveriam seguir um “critério sólido elevado e coerente, aplicado na justa medida.” Caberia às Comissões de Censura, através de uma “indicação”, reduzir a um mínimo “o grave perigo de um corte total” e auxiliar a Imprensa no desempenho do seu “principal papel na acalmação dos espíritos, no esquecimento de ódios e paixões, congregando os esforços de todos os portugueses para o bem da Nação.” É assente neste pressuposto que se guiará a ação da censura nos seus anos vindouros em várias áreas da sociedade, entre as quais o futebol.

Na década de 30, eram comuns os cortes nas críticas desfavoráveis às arbitragens dos jogos de futebol. Durante este período, qualquer insatisfação degenerava em agressões a árbitros ou cenas de violência entre jogadores e/ou adeptos (anexo 2.3), facto que levou à intervenção estatal. Apesar disso, as reportagens dos jogos que decidiam troféus e que, por isso, mereceram maior atenção por parte do público não sugerem conflitos de maior, pese embora os lances polémicos próprios da modalidade (anexo 2.4). De acordo com Alberto Arons de Carvalho (1973), considerava-se com “demasiada coerência, que a autoridade fosse qual fosse, não podia ser posta em causa nas suas decisões”,¹¹ daí que o rigor da censura até foi “consideravelmente maior nos jornais desportivos – lidos por camadas populacionais geralmente pouco motivadas”. Este facto ganhava maiores contornos quanto mais lido fosse o órgão de informação em questão. O futebol, desporto aglutinador de paixões e emoções, não foge assim à atuação dos censores.¹²

Numa outra situação, em meados de 1938, o Benfica sofre uma marcante alteração na designação pela qual os seus dirigentes, atletas, sócios e simpatizantes eram conhecidos. A prática jornalística comum no desporto era chamar todos os elementos afetos a um determinado clube pela cor das suas camisolas. No caso do Benfica a comunicação social teve de alterar a até então muito estigmatizada designação de «vermelhos» para a de «encarnados».¹³ Assim, de acordo com Pereira (2008: 131), “para que não se fizessem trocadilhos, a Comissão de Censura colocou a palavra «vermelhos» no index.” Desde 1936 que o primeiro epíteto não era encarado com bons olhos pelo regime, uma vez que designava a facção comunista que enfrentava as tropas

¹¹ Na época o cargo de diretor da Censura era desempenhado pelo tenente-coronel Salvação Barreto, que ocupava simultaneamente o cargo de diretor-geral dos Desportos, entidade máxima responsável pela coordenação do desporto nacional.

¹² Entre a década de 30 e 40 do século XX surgiu nas bancas portuguesas um conjunto de publicações sobre a temática desportiva nacional, como *Os Sports*, *O Norte Desportivo*, *o Stadium*, *o Eco dos Sports*, *A Bola* e *o Record*, e regional, como o *Desporto Transmontano* ou o *Sports do Algarve*. Este considerável número de publicações atesta o interesse popular pelo tema.

¹³ A cor vermelha foi sempre muito marcante. Está associada à extrema coragem, amor eterno, ao perigo e ao inferno. Do ponto de vista político-social está conotada com o sangue derramado, as revoluções e o comunismo.

de Franco (apoiados por Salazar). Esta era a segunda vez que os destinos do clube se cruzavam com a censura.

Mais tarde, a censura teve de intervir numa outra ocasião para minimizar os efeitos dos atos dos atletas do Belenenses em representação da seleção nacional antes de um Portugal - Espanha, disputado a 30 de Janeiro de 1938. Na edição do dia 2 de Fevereiro de 1938, a revista *Stadium* publica uma foto retocada do alinhamento inicial na qual é possível ver a posição passiva de Artur Quaresma, o terceiro a contar da direita, e as mãos retocadas dos dois colegas que se encontram à sua direita, que, no dia do jogo, cerraram o punho fazendo a saudação comunista.



Imagem 4 – Foto da Revista *Stadium* do alinhamento da equipa nacional portuguesa.

Retirado de Coelho, J. & Pinheiro, F. 2002: 259

Neste episódio esteve envolvido um dos maiores expoentes do futebol nacional, Cândido de Oliveira que, se não era «persona non grata» para o regime, era pelo menos merecedor de uma atenção especial. Aqui era simultaneamente selecionador nacional e treinador do clube dos jogadores que se tinham recusado fazer a saudação fascista. Mais tarde, a 1 de Março de 1942, é detido pela PIDE e posteriormente enviado para a prisão do Tarrafal¹⁴, a 20 de Junho do mesmo ano, onde permaneceu até Maio de 1944 devido a outro episódio. Segundo António Simões (1994:4), o técnico de futebol, no desempenho das suas funções de subinspetor dos Correios em Santarém, “amiúde desviava para os espiões ingleses correspondência que ele sabia destinada a

¹⁴ A Colónia Penal do Tarrafal foi um estabelecimento criado através do Decreto-Lei n.º 26 539, na ilha de Santiago – Cabo Verde, para encarcerar os presos políticos mais delicados. O início da sua atividade data de 29 de outubro de 1936, período a partir do qual os reclusos foram submetidos a difíceis e indignas condições de vida. (cf. Anexo 3.1)

espiões alemães que pululavam por Portugal ou colaboradores mais ou menos encapotados de Hitler.” Durante o período em que estive na Colónia Penal do Tarrafal (Imagem 6), descreverá o seu quotidiano numa obra que foi tornada pública após a queda do regime (Imagem 5).



Imagem 5 – Capa do livro *Tarrafal, o Pântano da Morte*



Imagem 6 – Colónia Penal do Tarrafal

Fotografia do Arquivo da Direção-Geral de Comunicação Social disponível em <http://escavar-em-ruinas.blogs.sapo.pt/16371.html>

Nas situações descritas, a intervenção da Censura e da Polícia Política foi direta. Todavia, à medida que o futebol e a comunicação social desportiva¹⁵ ganhavam espaço, a Censura Prévia passou a agir de um outro modo. A isso não será alheio o fim da Segunda Grande Guerra e a necessidade de o Estado Novo se maquilhar para transmitir uma nova imagem interna e externamente. De acordo com António Simões (1994:3), o controlo foi dissimulado:

Os sindicatos são corporativos, os dirigentes homologados pelo Governo. As direções dos jornais têm de receber o *nihil obstat* dos órgãos de vigilância salazarista. Os chefes de Redação são da estrita confiança dos diretores e dos proprietários. O recrutamento de profissionais é cauteloso: chega-se a pedir informações sobre estes e aqueles jornalistas, «mais desconfiáveis» [*sic*], à PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado), que antecede, em nome e só em nome, a PIDE e a DGS.

¹⁵ Só na transição da década de 40 para a década de 50 surgem dois dos jornais desportivos de referência de âmbito nacional, *A Bola* e o *Record*.

As consequências deste procedimento já tinham sido desenvolvidas por José Régio (1949), quando identificou os efeitos do «entorpecedor império do medo» nos profissionais da comunicação social (anexo 2.5). A pressão sobre a comunicação social escrita foi também reconhecida por Salazar num discurso em 1958 (anexo 2.2). O medo dava assim origem a um discurso menos crítico, mas mais nacionalista. Esta tendência ganhou um novo relevo a partir de toda a envolvência da inauguração do Estádio Nacional em 1944.

Esta obra fora prometida a 10 de dezembro de 1933, pelo Chefe de Conselho, e tornada pública na capa de *O Notícias Ilustrado* (imagem 11, cap. 3 ponto 4) que exaltava, simultaneamente, o culto ao líder. Subjacente à ideia desta edificação estaria o pressuposto de que estádios de futebol, por todo o contexto social que caracteriza os grandes jogos, são palcos de divulgação do ideário do regime pelo potencial que apresentavam resultante das semelhanças com as cerimónias religiosas. Esta similitude é assinalada pelo sociólogo Desmond Morris (1981, 23-24):

À semelhança de uma assembleia religiosa, o desafio de futebol não só junta um vasto grupo de pessoas em multidão visível, como também as associa a uma crença comum e extremamente firme: já não a crença numa divindade, mas a crença numa equipa. Alguns pensarão que se trata de um pobre substituto – e em termos de filosofia de grupo assim será; noutros termos, não. Para os jovens entusiastas, muitos dos quais vivem uma experiência monótona e repetitiva nas fábricas e lojas, o desafio é um momento «agudo» numa semana «crónica». Para eles é uma experiência sem par, o apogeu, a oportunidade única de patentear com bandeiras e emblemas, cânticos e aplausos, a sua presença na comunidade e crença partilhada numa casa comum. O facto de a causa não passar do êxito da equipa local, não ser a busca grandiosa, sublime, de ideais políticos ou religiosos, não retira de modo algum ao momento o seu significado psicológico.

O estádio de futebol desempenha, por conseguinte, funções idênticas às de uma igreja. Nele se instala, ocasionalmente, parte de uma comunidade que comunga do mesmo ideal, a paixão pelo clube ao qual é afeto e o desejo de vitória. Durante o ritual que é o jogo de futebol, envolve-se no espetáculo materialmente, utilizando adereços como cachecóis, e imaterialmente, entoando cânticos e partilhando identidades. Em caso de vitória da equipa local, o estádio pode “desenvolver, a nível local e nacional, uma identidade marcada por um certo orgulho”. (Costa, 1992:104)

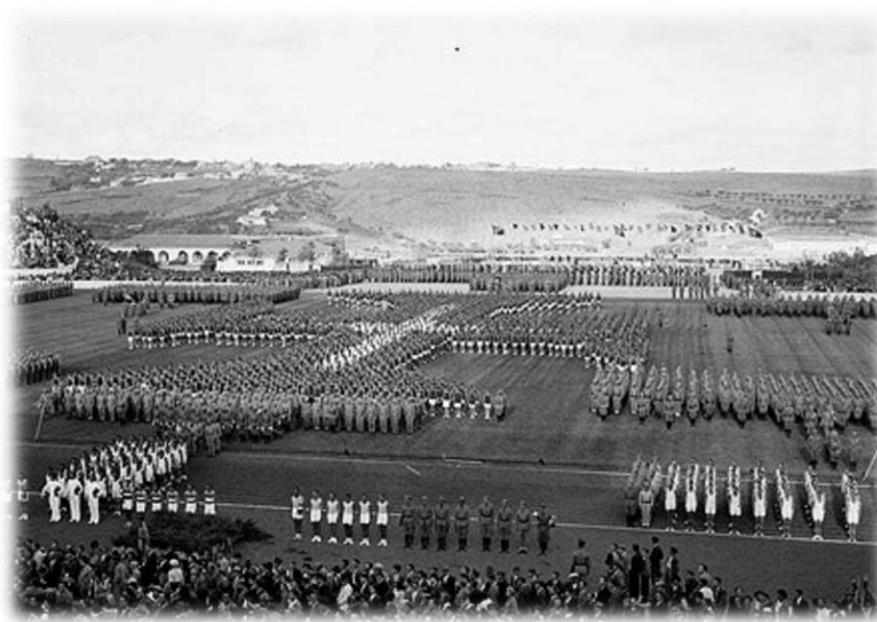


Imagem 7 – Inauguração oficial do Estádio Nacional a 10 de Junho de 1944

Fotografia de Firmino Marques da Costa disponível em
<http://www.arqnet.pt/portal/imagensemam/junho0902.html>

O sonho da edificação de um estádio de cariz nacional foi recuperado no Congresso do Futebol de 1936, embora a conjuntura económica e política internacional o tenha adiado até 1944. Nesse dia, à semelhança de outras grandes obras públicas inauguradas por Oliveira Salazar, realizou-se uma festa que, em última instância, contribuiu para reafirmar o vigor do regime e a importância do seu líder (imagem 7 e anexos 1.2 e 4.1).

A inauguração do Estádio Nacional foi o ponto de partida da construção de novos estádios em Portugal, a qual contou com a participação total ou parcial do Estado português¹⁶, alguns dos quais foram inaugurados em datas festivas do regime com cerimónias de cariz fortemente nacionalista.¹⁷ (anexo 5.6) A construção deste tipo de empreendimentos foi posta em prática inclusive nas Províncias Ultramarinas, onde, mais tarde, se realizaram jogos que promoveram uma identificação dos autóctones com Portugal e com o culto do líder (anexo 1.3).

Paralelamente foram lançados outros tipos de apoio de promoção do desporto nacional (anexo 4.2), como a publicação de legislação adequada.

¹⁶ Ano da inauguração de diversos estádios nacionais: 1945, Tapadinha (Atlético); 1950, 28 de Maio (Sporting de Braga); Antas, 1952 (FC Porto); Luz, 1954 (Benfica); Restelo, 1956 (Belenenses); Alvalade, 1956 (Sporting), 1957, Barreiros (Marítimo), 1957, José Gomes (Estrela da Amadora), 1958, Magalhães Pessoa (União de Leiria).

¹⁷ O Estádio 28 de maio (Braga) foi inaugurado no dia em que se celebrava mais um ano da revolução de 1926, enquanto o Estádio José de Alvalade foi inaugurado no dia 10 de junho, o Dia de Portugal, de Camões e da Raça Portuguesa.

Nesta época uma “onda nacionalista afetaria também a linguagem desportiva em finais de 1944, realizando-se em Lisboa várias ‘Tertúlias da Reta-Pronúncia’ que visavam a defesa da Língua Portuguesa na terminologia desportiva.” (Coelho & Pinheiro, 2002: 328). Esta corrente influenciaria muito a comunicação social, a ponto de ter contribuído, durante a década de 60, para a difusão do ideal de um país «civilizador» e extenso, «do Minho a Timor», para o qual contribuiriam os sucessos da seleção e das equipas portuguesas, iniciados com a conquista do Benfica da Taça Latina, em pleno Estádio Nacional, em 1950. Apesar de ser permanente o cariz nacionalista nos textos jornalísticos estes tinham uma maior intensidade quando estávamos perante confrontos internacionais de seleções ou de clubes (anexo 5.5).

Em cada texto encontravam-se referências a um país civilizador e multirracial que promovia a miscigenação intercontinental, embora estivesse, na época, vetado ao isolamento internacional por desconhecimento da história portuguesa (anexos 5.1, 5.2 e 5.3).

Estas referências eram complementadas com discursos políticos. Num deles, Augusto Simões, deputado da União Nacional, em declaração na Assembleia da República pouco depois da participação portuguesa no Mundial de 1966, afirmou:

...o futebol português tem jornadeado por avantajada parte do Mundo, atravessado até as «cortinas», tem deixado nessas sete partidas a segura afirmação do seu valor e, principalmente, a afirmação de Portugal como nação disciplinadora e ordeira, em que não há discriminação, servindo assim, com verdadeira elevação, as nobres causas nacionais.

Diário das Sessões (edição on-line), legislatura IX, sessão leg. 02, número 048, data da sessão 1966-12-14, p.852

A equipa de futebol (imagem 8) é anunciada, pelos nossos governantes e jornalistas, como um exemplo da ausência de discriminação em Portugal e como prova de que a pátria lusa pode ser entendida como modelo civilizador de forte tradição histórica, uma vez que a miscigenação de séculos estava bem patente nos elementos que constituíam a equipa nacional.¹⁸ Salazar estava, todavia, isolado internacionalmente por nações que, na perspetiva lusitana, tinham fomentado o racismo, como a Alemanha ou Inglaterra (imagem 9).

¹⁸ No Mundial de 1966, apenas as seleções portuguesas e brasileiras apresentaram jogadores brancos, negros e mestiços.



Imagem 8 – Seleção Nacional de Futebol presente no Mundial de 1966

Disponível em <http://duas-ou-tres.blogspot.pt/2010/06/1966.html>



Imagem 9 – Alinhamento das seleções da República Federal da Alemanha (esquerda) e da Inglaterra (direita) antes da final do Campeonato do Mundo de 1966

Disponível em <http://imortaisdofutebol.com/2012/05/23/selecoes-imortais-inglaterra-1966/>

A partir da década de 60, o regime pôde unir ainda todos os portugueses no engrandecimento da pátria e minimizar as divisões que fragilizavam a Nação através da «equipa

de todos nós»¹⁹. Não o fez antes com a mesma consistência porque os fracos resultados desportivos não o propiciaram. Neste sentido podemos afirmar que equipa nacional de futebol portuguesa apenas fora verdadeiramente utilizada pelo poder político na década de trinta durante o período da Guerra Civil espanhola, em jogos que promoviam os dois ditadores ibéricos (anexo 1.1). Com a campanha da seleção nacional no Mundial de 1966, onde alcançou um inesperado 3º lugar, o regime português pode alcançar esse desiderato, em grande parte graças ao contributo dos jornais desportivos, nos quais se empreendeu uma intensa campanha de exaltação dos valores nacionais. Nos textos publicados consagraram-se novos heróis que personificavam o passado glorioso de Portugal. Pelo meio era ainda promovida a realidade lusitana (anexo 5.5).

O futebol passou, então, a ser utilizado pelo regime para legitimar e promover a sua ação a partir das vitórias internacionais das equipas portuguesas. As digressões das equipas da metrópole pelo continente africano permitiram atestar o investimento português em grandes infraestruturas (anexo 5.4) e comprovar a forma como os africanos reconheciam os portugueses. Defendia-se que o modo entusiástico como recebiam os seus ídolos era uma manifestação de vontade tanto ou mais importante do que um processo eleitoral. Esta era pelo menos a visão dos representantes do partido único do regime e do chefe de governo que sucedeu a Salazar, Marcello Caetano (anexos 3.2 e 3.3).

O regime também instrumentalizou o futebol aquando do conflito colonial. Fê-lo com o intuito de promover a tropa portuguesa (Imagem 10). Segundo Coelho & Pinheiro (2002: 414), “o primeiro serviço de exteriores da RTP, realizado em inícios de março de 1958, seria mesmo dedicado à transmissão integral de um encontro de futebol (...) no qual se defrontaram as seleções militares de Portugal e dos Estados, no Estádio do Restelo.” Graças à transmissão ou reportagens de jogos da seleção militar²⁰ gerou-se uma imagem de êxito e fama com a qual milhares de jovens do sexo masculino sonhavam (anexo 6.2).

¹⁹ Expressão inicialmente utilizada por Ricardo Ornellas para caraterizar a seleção nacional de futebol

²⁰ Para a seleção militar eram convocados os melhores jogadores disponíveis a cumprir o serviço, entre os quais, profissionais de reconhecido valor do campeonato nacional português como Eusébio (Benfica), Coluna (Benfica), Hernâni (F.C. Porto), Vital (Vit. Setúbal) ou Mendes (Benfica).



Imagem 10 – *Record*, 25 de fevereiro de 1964, p.15

Com o clima social crispado, fruto de uma contestação política cada vez mais intensa²¹ que se agudizou com a eclosão do conflito colonial, a instituição militar passou a merecer por parte do regime a maior atenção. Além de garantir a defesa musculada do regime e de «partir para Angola rapidamente e em força», contribuía para arregimentar a juventude portuguesa, à semelhança do que acontecera com instituições como a Mocidade Portuguesa ou a Legião Portuguesa. O regime, através da adoção de um conjunto de normas rígidas que regulavam os aspetos mais diversos da conduta humana (anexo 6.1), procurou transmitir uma mensagem que defendia a subordinação da individualidade (anexo 6.3) em prol do coletivo, personificado na Nação portuguesa. Neste aspeto, o ponto alto desta instrumentalização aconteceu no início do ano de 1965, quando Portugal organizou e venceu o Torneio Internacional Militar.²² Já

²¹ A 21 de janeiro de 1961 tem lugar a operação de assalto ao paquete Santa Maria, liderada por Henrique Galvão, como forma de denúncia internacional do regime ditatorial português.

²² Fazia parte da seleção militar que participou neste torneio, entre outros internacionais da seleções nacionais jovens, o avançado Eusébio que viria a receber, nesse ano, a distinção de futebolista europeu.

anteriormente, em 1956 e 1958, Portugal havia organizado a Taça do Mundo de Futebol para militares em Lisboa, embora com menos projeção nacional.²³

Estávamos numa época em que a televisão, depois da rádio e dos jornais, ganhava cada vez mais protagonismo. O auge ocorreu no verão de 1966, quando a participação da seleção nacional no mundial motivou a aquisição em massa destes equipamentos. Mas, se durante grande parte da década este foi um importante instrumento de propaganda do regime, através de uma programação escrupulosamente decidida e analisada que incluía naturalmente momentos dedicados ao futebol, na transição para a década de 70 o desporto-rei que, tão útil fora até então, torna-se uma ameaça. No ano de 1969 a academia coimbrã vivia um luto académico como forma de protesto pela situação social, económica e política vivida em Portugal, em muito consequência de um conflito militar sem fim à vista. Após vários incidentes com o regime, que levaram mesmo ao encerramento temporário da Universidade durante o mês de junho, os estudantes encontraram na sua equipa de futebol uma forma de manifestar publicamente a sua revolta. Fizeram-no “atuando de branco com uma braçadeira negra no braço esquerdo” (Cruzeiro, 1989:170) e mostrando tarjas de oposição ao regime. Temendo que a contestação ganhasse maiores contornos, a final da taça para a qual a equipa da Académica tinha sido apurada não foi transmitida pela RTP, e alguns dos jogadores academistas foram impedidos de atuar por decisão governativa. (anexo 7.1) Mesmo assim este jogo serviu para “divulgar os objetivos do regime de uma luta até horizontes sociais nunca antes atingidos, em ofensiva permanente que fazia encurralar o Presidente da República em casa e obrigá-lo a contentar-se com o relato radiofónico do desafio”, irritando de “sobremaneira os setores ultra do regime que classificaram a ousadia dos estudantes como insuportável afronta ao poder político” (*idem*: 178).

Perante esta nova realidade, o futebol deixou de ser apoiado pelo regime como o fora até então. Desde essa altura que o comportamento do público passou a ser vigiado rigorosamente (anexo 7.2) e as presenças de dirigentes políticos passaram a ser geridas meticulosamente... até ao fim do regime. A título de exemplo quis o destino que no dia 1 de abril de 1974, dia das mentiras, Marcelo Caetano vivesse o seu último ato público relevante, assistindo a um Sporting vs Benfica em Alvalade. A sua presença não fora tornada pública por qualquer jornal ou rádio. De acordo com o Chefe de Conselho, “Quando o alto-falante anunciou que eu me achava no camarote, a assistência calculada em 80 000 espetadores, como movida por uma mola, consagrou-me demorada ovação” (Simões, 2012: 248). Este facto causou temor

²³ Entre 1954 e 1959 Portugal obteve desempenhos desportivos meritórios nos Campeonatos Mundiais de Futebol para militares. Ganhou a prova em 1958 (Lisboa), classificando-se em 2º Lugar, em 1956 (Lisboa) e 1959 (Florença), e em 3º lugar, em 1954 (Bruxelas).

junto dos revolucionários, entre os quais Otelo Saraiva de Carvalho que “só não desistiu da revolução, revelou, porque estava já em ponto de não retorno.” (*Ibidem*)

Face ao exposto, facilmente se depreende que o Estado Novo teve com o futebol uma estreita relação. Apoiou-o e promoveu-o, diretamente, com a edificação de infraestruturas e a elaboração de legislação adequada. Tinha em vista o potencial da modalidade no adormecimento dos espíritos mais críticos e na promoção dos ideais nacionalistas e coletivos em detrimento dos individuais. Pelo meio houve momentos em que o carácter popular da modalidade atingiu patamares difíceis de controlar pelo regime, os quais acabaram mesmo por se assumir como uma ameaça. Perante esta realidade o Estado Novo colocou em prática todos os tentáculos do aparelho repressivo do regime, nomeadamente a censura, a ação da polícia política ou a incorporação de pessoas indesejáveis nas prisões de cariz político. Porém, nunca relegou a modalidade para segundo plano, tendo-se mesmo associado a ela até ao último instante, numa tentativa de relacionar os mais dignos representantes à popularidade da modalidade.

O senhor professor Marcello Caetano, adepto do desporto, assistiu ao jogo acompanhado dos senhores professores Veiga Simão, ministro da Educação Nacional (...) e dos senhores Borges Coutinho [presidente do Benfica] e João Rocha [presidente do Sporting]. O presidente do Conselho foi alvo de calorosa manifestação do público que, de pé, o saudou entusiasticamente.

Jornal de Notícias, 2 de abril de 1974

4. Proposta de exploração da temática

Durante a PES de 1º e 2º ciclo pude analisar, muito sucintamente, o Estado Novo a partir do futebol conforme expliquei no capítulo 2, pontos 1 e 2. Porém, apenas explorei, isoladamente, dois documentos (documento 3 e 7.2) porque não pude planificar um conjunto de aulas sobre o Estado Novo. As obrigações profissionais impediram-me calendarizar a lecionação das aulas para os dias em que se planificou a abordagem a estes conteúdos.

Penso que, se o pudesse ter feito, teria obtido bons resultados. Conforme pude constatar com as minhas colegas de PES, que estiveram a lecionar o tema relacionado com o Estado Novo, alguns alunos desconhecem as verdadeiras implicações sociais, económicas e políticas do regime liderado por Oliveira Salazar e, mais tarde, Marcello Caetano. A exploração de textos, de imagens e de factos de uma temática tão próxima dos alunos como a do futebol motivá-los-ia para o aprofundamento e a consolidação de conhecimentos sobre o período em que a ditadura portuguesa vigorou. Simultaneamente poderia promover uma maior interdisciplinaridade, conforme demonstrarei na seguinte proposta de abordagem do Estado Novo a partir de conteúdos relacionados com o futebol.

A introdução ao tema seria efetuada com a exploração da imagem 11.



Imagem 11 - Capa de *O Notícias Ilustrado* de 10 de Dezembro de 1933

Retirado de Coelho & Pinheiro, 2002:260

Para proceder à sua análise colocar-se-iam as seguintes questões:

Quem é a personalidade da capa?

Qual a sua promessa?

Qual o ano da publicação?

Consideras que a mensagem transmitida é positiva? Justifica a tua resposta.

A partir desta imagem poder-se-ia explorar o nacionalismo, o culto do líder e a política das obras públicas.

Num mapa-mundo os alunos deveriam localizar Portugal e os PALOP. De seguida, a partir da imagem 12, deveriam compreender a importância das colónias, mais tarde denominadas de Províncias Ultramarinas, para o Estado Novo. A sua relevância resultava não só da sua dimensão como dos recursos naturais que poderiam disponibilizar.



Imagem 12 -Promoção do Colonialismo do Estado Novo

Portugal não é um país pequeno [Material cartográfico] : superfície do império colonial português comparada com a dos principais países da Europa / mapa organizado por Henrique Galvão. - Escala [ca 1:8500000]. - Penafiel : Câmara Municipal, [ca 1935]. - 1 mapa : litografia, color. ; 59,00x90,00 cm, em folha de 69,00x97,50 cm

A compreensão da informação acima referida seria facilitada com o cruzamento com o documento onde é apresentada a visão de Samora Machel sobre o domínio português.

Documento 1 - A colonização portuguesa, em 1950, vista por Samora Machel, líder da FRELIMO

As charruas e tratores daqueles que eram agricultores estão hoje sem utilidade. Todos aqueles que tinham boas casas (...) foram expulsos para dar lugar aos colonos e obrigados a viver numa única divisão. A nossa terra foi expropriada e entregue aos colonos. Hoje não há nenhum agricultor africano na região. Toda a terra foi entregue a colonos sem nenhuma compensação (...). Os africanos foram colocados em terras áridas que não produzem nada, enquanto as regas entregues aos colonos são irrigadas pelo rio Limpopo.

(Christie, 1986: 30)

O líder moçambicano alude aos terrenos férteis que foram expropriados e indica os motivos da insatisfação da população africana em relação ao domínio colonial português. Pelo meio fornece um conjunto de dados que indica que os colonizados não viviam materialmente atrasados para as condições da época. A exploração do mapa e do documento seria facilitada através das seguintes questões:

Qual a dimensão do território português em meados do século XX?

Quais as vantagens de ter um vasto território?

Quem é o autor da opinião do documento analisado?

Qual a sua visão sobre a ocupação portuguesa dos terrenos africanos?

Seguidamente seriam apresentados dois documentos extraídos do jornal desportivo *A Bola*. Os mesmos foram publicados na sequência de jogos de equipas portuguesas em fases distintas. O primeiro decorreu pouco tempo depois de uma das vitórias mais importantes do futebol português, a do Benfica na Taça dos Campeões Europeus, e o segundo artigo foi escrito após um jogo que opôs Portugal à Inglaterra em Londres, durante a fase de apuramento para o Campeonato do Mundo de 1962.

Documento 2 – Crónica da final da Taça dos Campeões Europeus – Benfica 5 vs Real Madrid 2

As avançadas de Coluna e Eusébio tinham (...) uma espécie de elemento novo para os hábitos de público que talvez não tenha compreendido que Portugal, sem deixar de ser Portugal, é uma nação plurirracial e que pode reunir numa equipa, sem operações de importação alfandegária, jogadores de todas as etnias conhecidas.

Muitos jornalistas perguntaram a procedência desses dois homens de cor (...). Lá tive de explicar tudo e de acrescentar que as vitórias do Benfica tinham esse sabor especial, incomparavelmente mais expressivo que as do Real, por se deverem a gente da casa, por muito [que] a pigmentação da pele deixasse suspeitar aos incautos o contrário. E como

argumento (...), lá citei Costa Pereira e Águas, vindos das mesmas paragens, pertencentes aos mesmos círculos futebolísticos do Ultramar – sem distinção de raças.

Crónica de Silva Resende no jornal *A Bola*, a 5 de Maio de 1962

...

Documento 3 – Crónica após o jogo Inglaterra 1 – Portugal 0 de apuramento para Campeonato do Mundo de 1962

...sob qualquer aspeto, achamos notável o caso desta seleção nacional portuguesa que jogou em Londres. Dos seus 11 componentes, 10 (!) são de fora do continente lusitano.

Crónica de Vítor Santos no jornal *A Bola* de 28 de Outubro de 1961

Os dois excertos expõem a imagem que o Estado português pretendia transmitir, tanto interna como externamente, da relação entre os habitantes da metrópole das colónias. Portugal era, então, apresentado como uma “nação plurirracial (...) sem distinção de raças” resultante “um evidente fatalismo geográfico” que atirou o país para a “a epopeia sem par dos descobrimentos” (Anexo 5.1). Para orientar a leitura dos documentos seriam colocadas no quadro as seguintes questões:

Tendo presente o mapa intitulado “Portugal não é um país pequeno” (imagem 12) comenta a seguinte afirmação: “Dos seus 11 componentes, 10 (!) são de fora do continente lusitano”

Por que razão os Descobrimentos são definidos como um grande feito dos portugueses?

Após a leitura e a exploração dos dois documentos pelo docente e pelos alunos poder-se-ia colocar a seguinte questão:

De que forma é apresentado Portugal ao nível:

- da sua geografia?
- histórico?
- da capacidade económica?
- das suas gentes?

Posteriormente dever-se-iam explorar as imagens 13 e 14, representativas de dois momentos distintos da seleção nacional de futebol, a presença no Campeonato do Mundo de Inglaterra, em 1966, e da África do Sul, em 2010.



Imagem 13 – Equipa portuguesa que venceu o Brasil por 3-1 no Campeonato do Mundo de 1966

Disponível em <http://www.pontoblogue.com/2008/07/portugal-x-brasil-world-cup-1966.html>



Imagem 14 – Seleção nacional presente no Campeonato do Mundo de 2010

Disponível em <http://www.posicionamentoweb.com/blog/geral/10-maiores-goleadas-dos-campeonatos-do-mundo-de-futebol/>

As imagens introduziriam os alunos para a exploração das tabelas 2 e 3, as quais poderiam ser analisadas nas aulas de Matemática, promovendo-se, por conseguinte, a

interdisciplinaridade, ao mesmo tempo que se estabeleceriam relações entre passado e o presente.

Tabela 2 - Jogadores convocados para o Mundial de 1966

Nome	Clube	Naturalidade
Américo	Porto (Portugal)	Portugal
Carvalho	Sporting (Portugal)	Portugal
José Pereira	Belenenses (Portugal)	Portugal
Vicente	Belenenses (Portugal)	Moçambique
Germano	Benfica (Portugal)	Portugal
Hilário	Sporting (Portugal)	Moçambique
Cruz	Benfica (Portugal)	Portugal
Morais	Sporting (Portugal)	Portugal
Alexandre Baptista	Sporting (Portugal)	Portugal
José Carlos	Sporting (Portugal)	Portugal
Festa	Porto (Portugal)	Portugal
Peres	Sporting (Portugal)	Portugal
Coluna	Benfica (Portugal)	Moçambique
Custódio Pinto	Porto (Portugal)	Portugal
Eusébio	Benfica (Portugal)	Moçambique
José Augusto	Benfica (Portugal)	Portugal
Simões	Benfica (Portugal)	Portugal
Lourenço	Sporting (Portugal)	Portugal
Figueiredo	Sporting (Portugal)	Portugal
Manuel Duarte	Leixões (Portugal)	Portugal
Jaime Graça	Vit. de Setúbal (Portugal)	Portugal
Torres	Benfica (Portugal)	Portugal

Tabela 3 - Jogadores convocados para o Mundial de 2010

Nome	Clube	Naturalidade
Eduardo	Braga (Portugal)	Portugal
Beto	Porto (Portugal)	Portugal
Daniel Fernandes	Bochum (Alemanha)	Canadá
Miguel	Valência (Espanha)	Portugal
Paulo Ferreira	Chelsea (Inglaterra)	Portugal
Ricardo Carvalho	Chelsea (Inglaterra)	Portugal
Bruno Alves	Porto (Portugal)	Portugal
Rolando	Porto (Portugal)	Cabo Verde
Ricardo Costa	Wolfsburgo (Alemanha)	Portugal
Duda	Málaga (Espanha)	Portugal
Fábio Coentrão	Benfica (Portugal)	Portugal
Rúben Amorim	Benfica (Portugal)	Portugal
Pedro Mendes	Sporting (Portugal)	Portugal
Pepe	Real Madrid (Espanha)	Portugal
Tiago	Juventus (Itália)	Portugal
Deco	Chelsea (Inglaterra)	Brasil
Raul Meireles	Porto (Portugal)	Portugal

Miguel Veloso	Sporting (Portugal)	Portugal
Simão	Atlético Madrid (Espanha)	Portugal
Danny	Zenit (Rússia)	Venezuela
Liedson.	Sporting (Portugal)	Brasil
Hugo Almeida	Werden Bremen (Alemanha)	Portugal
Cristiano Ronaldo	Real Madrid (Espanha)	Portugal

Pretender-se-ia que os alunos compreendessem que a sociedade portuguesa e o conceito de cidadão português se alterou significativamente nos últimos cinquenta anos. Esta ideia poderia ser inferida a partir da representação gráfica das regiões de onde os jogadores são originários e dos locais onde os mesmos jogam. Tal resultaria do tratamento de informação, através do preenchimento das seguintes quadros, com base nas informações das tabelas 2 e 3.

1) Organiza os jogadores de acordo com a sua naturalidade

Portugal	PALOP*	Outras origens

* Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

2) Organiza os jogadores de acordo com o país onde atuam

Portugal	Alemanha	Espanha	Inglaterra	Outras Países

Desta forma os alunos poderiam compreender que portugueses são todos aqueles nascidos em território de soberania nacional e que o mesmo teve, até ao fim do Estado Novo, uma dimensão bem maior. Como resultado desse facto, a sociedade portuguesa era bem mais multicolor e étnica do que a atual. Paralelamente, poderiam compreender que a cidadania lusa poderá ser obtida através de um processo de nacionalização, algo cada vez mais frequente numa sociedade que promove a circulação de pessoas.

As imagens das equipas da seleção nacional e os gráficos elaborados nas aulas de Matemática poderiam dar origem à formulação das seguintes questões:

Identifica o jogador mais conhecido da seleção portuguesa de 1966 e o da equipa de 2010.

Refere as diferenças físicas entre ambos.

Com base na análise dos gráficos resultantes do tratamento dados recolhidos, indica as diferenças nas seleções portuguesas de 1966 e de 2010 em relação a:

- a) *naturalidade dos jogadores;*
- b) *locais onde os mesmos atuam.*

Através das imagens 15 e 16 os alunos deverão inferir o que esteve na origem da mudança do conceito de cidadão português, nomeadamente o fim das colónias portuguesas, o qual nos remete para a visão antagónica entre colonos e colonizados, que levou a um conflito militar com graves consequências para toda uma geração. Face à extensão dos territórios em guerrilha, Portugal foi obrigado a enviar milhares de militares para sustentar os focos da rebelião. Na imagem 16 pretende-se concluir que nem todos os militares tiveram o fim que desejavam. Alguns regressam mortos, enquanto outros desapareceram definitivamente, para infelicidade de suas mães, esposas ou namoradas. Abel Manta, o autor da figura 16, consegue transmitir essa ideia desenhando cinco mulheres olhando para o horizonte quando, nas suas costas, apenas se encontram três sepulturas.



Imagem 15 - Zonas de conflito durante a Guerra Colonial Portuguesa

Disponível <http://inepcia.com/2006/09/02/10-coisas-odiaveis-nos-palop/#printpreview>



Imagem 16 - As consequências da guerra colonial vistas pelo cartoonista Abel Manta

Disponível em <http://packardemrodagem.wordpress.com>

Antes de apresentar o mapa da figura 15 o docente deverá colocar a questão:

Quando dois lados têm visões diferentes e não chegam a um entendimento, qual a forma mais comum e menos racional de resolver o conflito?

Só depois seria apresentado o mapa da figura 15 e explicado, pelo docente, que o país “implantado numa região de pequena superfície, pobre de recursos” (documento 3) continuou com as mesmas características, as quais impediram que tivesse sucesso na guerra colonial.

De modo que os alunos infiram as consequências da guerra, deverão ser colocadas várias questões que os auxiliarão na interpretação da imagem 16.

Quais as cores presentes na caricatura?

Qual a sua simbologia?

Qual o sexo das figuras na imagem?

Para onde olham?

O que esperam?

Quantas figuras estão presentes?

Quantas sepulturas estão presentes na foto?

Depois de se estabelecer uma conversa informal de exploração das imagens 15 e 16 as respostas dadas pelos alunos deverão ser sintetizadas no quadro, as quais facilitarão nas respostas à seguinte questão:

Quais as consequências da guerra colonial?

Com a exploração dos factos ocorridos na final da Taça de Portugal de 1969, os alunos deveriam identificar outras circunstâncias que estiveram na origem da queda do regime, nomeadamente o agravamento das condições sociais que contribuíam para o aumento da emigração e para a forte contestação social.

Documento 4 - 1969 – A Final da Taça de Portugal da contestação: Benfica 2 – Académica 1

Começava assim a desenhar-se um cenário extremamente preocupante para o Governo marcelista: coma final da Taça a ser transmitida pela televisão (...) corria-se o risco de todo o país assistir em direto a um gigantesco movimento de contestação (...). A solução (...) foi (...) impedir a transmissão televisiva. A censura virou-se também para a imprensa desportiva (...).

(...) o ambiente que rodeou a final da Taça no Estádio Nacional, a 22 de junho, foi de pura contestação académica. Milhares de estudantes de Coimbra viajaram até à capital (...) Os jogadores da Académica entraram em campo com as capas caídas e com braçadeiras brancas. (...) Durante o jogo, ao qual Américo Tomás não compareceu – embora fizesse parte da tradição o Presidente entregar a Taça no final do jogo – foram

distribuídos milhares de comunicados, dando a conhecer as reivindicações dos estudantes de Coimbra. (...)

Mas se no plano desportivo não foi alcançado o objetivo estudantil, no plano sociopolítico a final de 1969 foi um grande grito de revolta contra o regime.

(Coelho & Pinheiro, 2002: 486)



Imagem 17 – Adeptos da Académica no final da Taça de Portugal de 1969

Disponível em <http://omeucapote.blogspot.pt/2012/05/parabens-academica.html>

A exploração do documento 4 e da figura 17 deverá ser efetuada a partir das seguintes questões:

- 1) *Que acontecimento retrata o documento 4 e a imagem*
- 2) *Quais os motivos do descontentamento dos estudantes?*
- 3) *De que forma reagiu o poder político?*

No fim deverão ser sistematizadas e registadas todas as circunstâncias que estiveram na origem da queda do Estado Novo e da Revolução dos Cravos.

Notas finais

No culminar desta etapa, é chegada a hora de fazer uma análise sobre a minha prestação, nomeadamente no que diz respeito às aprendizagens efetuadas.

Em termos de relações humanas, sem desprezar os demais, elegi os alunos como prioritários, uma vez que a interação com eles foi o propósito da Prática de Ensino Supervisionado. Deparei-me com turmas bastante heterogêneas em vários domínios. A sua composição variou entre as quase duas e as três dezenas de alunos. Dentro destas existiam elementos com maior capacidade de trabalho e de organização que outros. De uma forma geral, estabeleci uma boa relação com todos os alunos, embora reconheça que alguns alunos eram mais inquietos. Nestas idades os alunos vivem uma altura um pouco conturbada das suas vidas, marcada por ansiedades, que é a entrada na adolescência.

Em relação às professoras cooperantes, Ana Catarina Castro Graciete Paixão, Georgete Pereira e Tânia Costa, criou-se uma significativa empatia. Agradeço-lhes a compreensão pela minha situação de trabalhador-estudante, que não me permitiu dedicar à PES como desejaria, a abertura demonstrada perante as minhas propostas e o apoio que me deram.

Quanto aos professores supervisores, Ana Lopes, Eduarda Ferreira, Elisabete Brito e Pedro Tadeu saliento a troca de impressões sobre a metodologia de ensino que tive a oportunidade de experienciar, não só na PES como também nas outras unidades curriculares que regeram. Com as mesmas potencieei as minhas capacidades de levar por diante esta tarefa de promover a aprendizagem.

Quanto às minhas colegas de estágio, a Luciana Rios e a Margarida Pinho, embora não tivesse havido o trabalho conjunto que seria desejável, devido ao facto de me encontrar a desempenhar funções docentes em Portimão, houve lugar para que se estabelecesse uma troca de impressões sobre o trabalho desenvolvido por cada um de nós e para nos apoiarmos nos momentos menos bons, gerando-se uma certa cumplicidade própria de pessoas que olham na mesma direção e cujo objetivo é melhorar a sua prestação.

Agradeço a todos a imagem de profissionalismo, competência científica e humana que me transmitiram e que, decerto, também contribuiu para preparar os alunos, que fizeram parte do nosso quotidiano durante o estágio, para o dia de amanhã. Para todos uma última palavra de apreço pela franca amizade que tiveram para comigo, a qual influiu decisivamente no meu desempenho.

Em relação aos restantes elementos da comunidade educativa, não há muito a registar, apenas que se manteve um respeito mútuo, o que proporcionou um clima agradável. Não posso, contudo, deixar de referir que o modo amável e prestável com que me acolheram atesta como o brio profissional e a consciência do que é prestar um verdadeiro serviço em prol da comunidade fazem parte dos princípios destes estabelecimentos de ensinos.

Debruçando-me agora sobre a minha prestação no processo de ensino / aprendizagem, começo por lamentar o facto de as minhas obrigações profissionais me terem impedido de realizar a PES com uma disponibilidade plena. A distância física condicionou o percurso, dado que não pude acompanhar, presencialmente, todo o trabalho desenvolvido pelas professoras cooperantes e pelas colegas. Se tal me fosse permitido evoluiria, decerto, muito mais do ponto de vista científico e pedagógico. Apesar desta contrariedade, o meu empenho nunca foi afetado.

Ao longo das aulas que regí, procurei diversificar estratégias e recursos, evitando cair nos procedimentos típicos do ensino tradicional. Ao invés de expor matéria, procurei criar condições para que fossem os alunos a buscar esse conhecimento e a desenvolver o gosto pelo saber. Procurei partir das suas conceções, debatidas no seio de toda a turma, para posteriormente orientar os alunos a construir o seu próprio conhecimento, claro e rigoroso. No fim, consegui sistematizar conteúdos com o auxílio dos alunos. Pretendi colocar em prática uma metodologia centrada no aluno, onde os conteúdos são trabalhados e aprofundados conforme a sua curiosidade e capacidade.

Finda esta etapa chego à conclusão de que a função de professor se assemelha a um poliedro de várias faces. Um professor não deve cingir a sua ação apenas à transmissão de conhecimentos. Ele é um elemento relevante no processo educativo. Por isso deverá assumir a sua função e relacionar-se com todos os agentes do processo (os alunos, os colegas de profissão, encarregados de educação, assistentes operacionais, ...) com o intuito de promover a educação e a aprendizagem. O exposto não se limita só à aprendizagem dos alunos. Neste processo todos aprendem, inclusivamente os professores que poderão fazê-lo por imposição legal, frequentando uma formação contínua, adaptando-se a novas reformas curriculares, ou por necessidade de superar novas questões quotidianas. Neste sentido um professor deverá ser ambicioso a ponto de pretender alcançar a perfeição. A mesma exige competências de índole científica, pedagógica, institucional e humana. Assim, um professor deve dominar os conteúdos, assim como saber transmiti-los de modo a facilitar a compreensão dos alunos. Contudo, temos a plena consciência de que o ser humano é falível e imperfeito. Mas, do mesmo modo que reconhece as suas limitações, deve ambicionar sempre mais.

Esta foi a principal aprendizagem durante o estágio realizado. Conforme afirma J. Ferreira (s.d.: 4) “ser professor significa tomar decisões pessoais e individuais constantes,

porém sempre reguladas por normas coletivas, as quais são elaboradas por outros profissionais ou regulamentos institucionais.” O mesmo autor recorda Paulo Freire para afirmar (s.d.:8) que “temos que nos lembrar que toda ação educativa deve ser feita no sentido de levar o homem a refletir sobre seu papel no mundo e assim, ser capaz de mudar este mundo e a si próprio.”

Consciente desta realidade, desenvolvi no capítulo III, uma inovadora proposta de abordagem do Estado Novo, sob o título “O Estado Novo visto a partir do futebol”. O Estado Novo foi um regime que vigorou em Portugal durante grande parte do século XX. Por sua vez o futebol é o principal desporto de massas português, o qual se foi desenvolvendo em Portugal a partir da segunda década do século XX, consolidando-se a partir da década de 40. O futebol é uma área de interesse de grande parte da população, principalmente dos jovens em idade escolar que o vivem e sonham com os seus protagonistas. Neste sentido propus-me a caracterizar o regime a partir da sua influência e das ligações estabelecidas com o mundo do futebol numa abordagem mais apelativa, pelo menos para os amantes do desporto-rei. Desta forma é ainda possível fomentar o gosto pela leitura, pelo tratamento e interpretação de fontes e, por conseguinte, pelo desenvolvimento de competências básicas de Língua Portuguesa e de HGP. Na realidade existem muitos jovens com claros défices na prática da leitura, a exemplo dos seus progenitores. Conhecedor desta realidade, o poder central criou Plano Nacional de Leitura.

Para que nos sintamos sugestionados para a prática “contranatura” da leitura (Caetano, 2012: 19), importa que sejamos motivados. Assim, numa sociedade em que vigoram os valores do sucesso, da vitória e de hedonismo, nada melhor do que recorrer ao futebol, desporto que, numa observação superficial, se enquadra na perfeição neste paradigma tão apelativo como destrutivo aos alunos. Através da leitura de jornais, os alunos poderão despertar para uma realidade que para si é distante e compreender que por detrás do êxito que chega até nós, via comunicação social, existe muito sacrifício, trabalho e sofrimento por parte dos intervenientes do futebol-espetáculo.

Esta proposta não se encerra em si mesma. Constitui, antes, um porto de partida para a concretização de novas abordagens da realidade e dos conteúdos programáticos, a partir de um fenómeno tão presente da realidade dos alunos.

Bibliografia

- Aguiar, C. A. (1941). «Origens da Cidade da Guarda». *Altitude*. Guarda. Ano 1 (4) p.19-28
- Alarcão, I. (1996). «Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores». In *Formação Reflexiva de Professores - Estratégias de Supervisão*. I. Alarcão et al. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I., Tavares, J. (1990). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina
- Albrecht, T (2009). *Atividades lúdicas no ensino fundamental: uma intervenção pedagógica*. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS [acesso a 15 de maio 2012 disponível na WWW <http://www.rcaap.pt/detail.jsp?id=urn:repox.ibtict.brall:oai:ucdb.br:366>]
- Alves, E., Ferrão, M. C. e Vieira, E. N. (2004). *História 9*. Porto: Porto Editora
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Mc Graw Hill de Portugal Lda
- Ausubel, D., Novak, J., Hanesian (1980), *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro: Editora Interamericana.
- Ausubel, D.P. (1968). *Educational Psychology: A Cognitive View*. New York: Holt Rinehart and Winston
- Balancho, M. J. e Coelho, M. F. (1996). *Motivar os alunos*. Lisboa: Livros Horizonte
- Balça, Â. C. (2000). «Leitura e leituras: um estudo com alunos do ensino secundário.» *Actas del II Congresso de Literatura Infantil e Juvenil*. Mérida: Editora Reginal de Extremadura pp. 297-303.
- Barros, G. (2000). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta
- Boruchovitch, E. (1999). «Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: Considerações para a prática educacional». *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12 (2), 361- 367.
- Bramão, M., Gonçalves, D. e Medeiros, P. (2006). *Rotinas na Aprendizagem*. ESE de Paula Frassinetti [acesso a 22 de jun 2012 disponível na WWW

http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/51/Cad4_RotinasBramao.pdf?sequence=1]

- Brandão, A. M. e Parente, C. (1998). *Configurações da função pessoal. As especificidades do caso português. Organizações e Trabalho*. Lisboa: APSIOT - Associação Portuguesa de Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho
- Breda *et al* (2008) *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular: Ministério da Educação
- Cabanas, J. M. (2002). *Teoria da educação, Conceção antinómica da educação*, Porto: Edições ASA
- Cachapuz, A. (1995). «O ensino das Ciências para a excelência da aprendizagem». Em A. D. Carvalho (Ed.), *Novas Metodologias em Educação*, Porto: Porto Editora. pp. 349-385,
- Caetano, E. (2012). Entrevista a Nicholas Carr *Revista Visão* (nº984 de 12 a 18 de Janeiro), pp.18-19
- Caetano, M. (1975). *Depoimento*, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro
- Calado, I. (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora
- Carvalho, A. A. (1973). «A Censura e as Leis da Imprensa», col. *Que País?*, Lisboa: Seara Nova edit., pp 63-83
- Chateau, J. (1956). *Os grandes Pedagogos* (M. E. Moura, Trad.), Lisboa: Edição Livro do Brasil
- Chateau, J. (1975). *A criança e o Jogo* (J. F. Gomes Trad.), Coimbra: Atlântida editora
- Claussen, D. (2006). «Sobre a estupidez no futebol», *Análise Social*, vol. XLI (179), pp. 583-592
- Coelho, J. (2001). *Portugal, A Equipa de Todos Nós*, Porto: Edições Afrontamento
- Coelho, J. & Pinheiro, F. (2002). *A Paixão do Povo*. Porto: Edições Afrontamento
- Coelho, J. & Tiesler, N. (2006). «O paradoxo do jogo português: a onnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios», *Análise Social*, vol. XLI (179), 2006, 519-551
- Coelho, M. (2005). *As concepções dos Professores sobre a Resolução de Problemas*. UNICAMP. Disponível em: <www.sbempaulista.org.br/epem/anais/Poster%5Cp010.rtf>. Acesso em: 14 nov. 2005.

- Cordeiro, R. (2011). «Centro Escolar da Sequeira abre a 14 de setembro», *O Interior*, 21 de julho de 2011 [acesso a 7 de julho de 2012 disponível na WWW <http://www.ointerior.pt/noticia.asp?idEdicao=611&id=31703&idSeccao=7522&Action=noticia>]
- Correia, J. (1997). «A antinomia educação tradicional – educação nova: uma proposta de superação». *Millenium*, 6
- Costa, A. S, (1992). «Desporto e análise social», *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, série I, vol. 02, pp. 101-109
- Christie, I, (1986). *Samora, uma Biografia*, Maputo: Editora Nadjira
- Cruzeiro, C. (1989). *Coimbra, 1969*, Porto: Edições Afrontamento
- Cunha, M. H. (1998). «Dilemas e Dificuldades de Professores de Matemática», Trabalho que serviu de base à sessão apresentada no *IX Seminário de Investigação em Educação Matemática* (10 de Novembro de 1998), organizado pela Associação de Professores de Matemática - Escola Secundária de Francisco de Holanda, Guimarães.
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes* [Acesso em 12 Dez 2011 <http://www.poderosodeus.com/livros/gallery/Augusto%20Cury/Pais%20brilhantes,%20professores%20fascinantes%20-%20Augusto%20Cury.pdf>]
- Darby, P. (2006). «Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial», *Análise Social*, vol. XLI (179), pp.417-433
- Departamento da Educação Básica (1998). *Organização Curricular e Programas – 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica
- Departamento da Educação Básica (2002). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica
- Dewey (1965). *Vida e Educação*. Edições Melhoramento, 5ª Edição
- Dias, I. (2005). «O lúdico», *Educação & Comunicação*, 8, 121-133
- Dienzeid, H. (1973). *As técnicas audiovisuais no ensino*. Mem Martins: Publicações Europa – América
- Direção Geral do Ensino Básico e Secundário (1991). – *Programa de História e Geografia de Portugal – Plano de Organização do Ensino Aprendizagem*, Volume II, Ministério da Educação, Lisboa.

- Direção-Geral do Ensino Básico e Secundário (1991b). *Programa de Matemática, Plano de Organização de Ensino Aprendizagem: Ensino Básico – 2º Ciclo* (vol. II), Lisboa: Direção-Geral do Ensino Básico e Secundário.
- Domingos, N. (2006). «Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano», *Análise Social*, vol. XLI (179), pp.397-416
- Durkheim, É. (1999). *As regras do método sociológico*. [tradução: Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão]. 2º. ed. São Paulo: Martins Fontes *apud* [acesso a 15 de maio 2012 disponível na WWW <http://www.consciencia.org/durkheim-e-a-sociologia>]
- Estrela, M. T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*, Porto, Porto Editora
- Félix, N. e Roldão, M. (1996). *Dimensões Formativas de Disciplinas do Ensino Básico*, Lisboa: IIE
- Ferreira, J. C. *Reflexões sobre o ser professor: a construção de um professor intelectual* [acesso a 22 de janeiro 2012 disponível na WWW <http://www.bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-reflexoes-sobre-ser-professor.pdf>]
- Júnior, J. T (2009). *Sociologia do Futebol* [acesso a 18 de junho 2012 disponível na WWW <http://www.mesquitaonline.com.br/Artigos/acao3.php?id=253>]
- Kamii, C. (1996). *A criança e o número*. 2ª Edição, Campinas: Papirus
- Lopes, S. E. (2007). *Alunos do ensino fundamental e problemas escolares: leitura e interpretação de enunciados e procedimentos de resolução*. Centro de Ciências Exatas - Programa de pós-graduação em educação para a ciência e o Ensino de Matemática. Maringá: Universidade Estadual de Maringá
- Maranhão, T. (2006). «“Apolíneos e dionisíacos” — o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”», *Análise Social*, vol. XLI (179), pp. 435-450
- Martins, I. *et al* (P. Martins, Maria Luísa Veiga, Filomena Teixeira, Celina Tenreiro-Vieira, Rui Marques Vieira, Ana V. Rodrigues e Fernanda Couceiro) (2007). *Educação em Ciências e Ensino Experimental*, Coleção Ensino Experimental das Ciências - Formação de Professores, Ministério da Educação: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular
- Martins, M. A. e Silva, A. C. (1999). «Os nomes das letras e a fonetização da escrita», *Análise Psicológica*, 1 (XVII), pp. 49-63

- Mendes, A. e Rebelo, F (2011). «O trabalho prático na educação em ciências». *Cadernos pedagógicos*. Centro de formação de associação de escolas dos concelhos de Ílhavo, Vagos e Oliveira do bairro: Gafanha da Nazaré
- Menezes, L. (2000). «Comunicação na Aula de Matemática e Desenvolvimento Profissional de Professores». Este artigo insere-se no *Projeto de Investigação Matemática*. [acesso a 23 junho 2012 disponível na WWW http://www.ipv.pt/millennium/20_ect7.htm]
- Mialaret, G. (1975). *A aprendizagem da Matemática: ensaio de psicopedagogia*. Coimbra: Almedina
- Mimoso, A. (2008). «Provérbios: uma fonte para a história da Educação», *Revista Lusófona da Educação*, 12 – 155-163 [acesso a 15 de maio 2012 disponível na WWW <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n12/n12a10.pdf>]
- Montessori, M (1948). *A descoberta da criança*. Internacional Portugalia Editora, Lda
- Morgado, J. C. (2007). *Avaliação versus classificação* [Acesso em 12 junho 2012 disponível na WWW em <http://e-repository.tecminho.uminho.pt/poaw/AVAL06web/>]
- Morgado, A. (2005). «Abandono escolar dentro da própria escola – até quando?» In - *Seminários e Colóquio. Educação e Direitos Humanos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação / ME. P.
- Morris, D. (1981). *A tribo de futebol*, Mem Martins: Publicações Europa-América
- Neves, J., e Domingos, N. (orgs.) (2004). *A Época do Futebol. O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Neves, S. (2010). *Hábitos de leitura e sucesso escolar – um estudo de caso em alunos no final do ensino básico* - Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em Supervisão e Coordenação da Educação: Departamento de Ciências da Educação e do Património
- Circulo de Leitores (1994). *Nova Enciclopédia Larrousse*
- Novak, J., Gowin, D.B. (1999). *Aprender a Aprender*. Lisboa: Editora Plátano.
- Oliveira, S. A. (2007). *O lúdico como motivação nas aulas de Matemática*. Mundo Jovem
- Pacheco, J. (1998). «Avaliação da aprendizagem» in Almeida, Leandro & Tavares, José (org.) *Conhecer, aprender e avaliar*. Porto: Porto Editora pp.111-132
- Pereira, L. M. (2008). *Bíblia do Benfica*. Lisboa: Prime Books

- Perrenoud, P. *et al.* (2001) (org.). *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* 2ª ed. Ver. Porto Alegre: Artmed
- Pintrich, P.R. (2003). A motivational science perspective on the role of student motivation in learning and teaching contexts. *Journal of Educational Psychology*, 95, 667-686.
- Plano Nacional de Leitura (2006). [Em linha]. [Consulta em 10 de março 2012]. Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt>
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Neves, T. (1994). *A interdisciplinaridade – reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora, Lda.
- Postic, M. (1990). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 2ª ed.
- Ramos, Rui (coord.) (2010). *História de Portugal*. Esfera dos Livros: Lisboa
- Régio, J. (1949). «O recurso ao medo». *Depoimento contra Depoimento*. Lisboa: edição dos Serviços Centrais da Candidatura da Oposição, pp. 59-63
- Reis, C. (coord.) (2009). *Programa do português do ensino básico*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação
- Ribeiro, F. (2001). *Motivação e aprendizagem em contexto escolar* In http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/es_05_03_FR.htm
- Rosas, F. (1991). «Rafael Duque e a política agrária do Estado Novo (1934-44)», *Análise social*, vol. XXVI (112-113), 1991 (3º-4º), pp. 771-790 disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/index.htm>
- Rosas, F. (1994). «Estado Novo e desenvolvimento económico (anos 30 e 40): uma industrialização sem reforma agrária», *Análise Social*, Vol. XXIX (4.º), 1994 (n.º 128), pp. 871-887 disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/index.htm>
- Ruiz, A., Gomes, M. (1998). *Solução de problemas de Matemática: procedimentos utilizados por sujeitos com graus de escolaridade diferentes*. Dissertação de Mestrado (Educação na Área de Concentração: Psicologia Educacional), Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
- Sá, C. M. (2000). «Ler e escrever com a banda desenhada», *Millenium*, nº19 [acesso em 8 abril 2011 disponível na WWW <http://www.ipv.pt/millenium/19_spec2.htm>]
- Sacristán, J. G. (2008). *A educação que ainda é possível: Ensaio sobre a cultura para a educação*. Porto: Porto Editora.
- Salema, M.H. (1997). *Ensinar e aprender a pensar: uma proposta para o apoio educativo*. Lisboa: Texto Editora

- Santos, A. (2004). *HERÓIS DESPORTIVOS, Estudo de caso sobre Eusébio – de corpo a ícone da Nação*, Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal
- Santos, B (2001). «Gestão da sala de aula para prevenção da indisciplina: que competências? Que formação?» Reflexão apresentada no *Seminário Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores* (15 e 16 de Outubro de 2001), promovido na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa [acesso a 23 junho 2012 disponível na WWW <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/brancasantos.pdf>]
- Santos, L. (2002). «Autoavaliação regulada: porquê, o quê e como?». *Reorganização Curricular do Ensino Básico Avaliação das Aprendizagens das conceções às práticas, Despacho Normativo 30/2001 de 19 de Julho*, Lisboa: Ministério da Educação Departamento da Educação Básica pp. 75-84
- Scaglia, A. (1999). «Escola de Futebol: uma prática pedagógica», Papirus
- Serrano, R. (2009). *O jogo de Salazar. A Política e o Futebol no Estado Novo*. Alfragide: Casa das Letras
- Sérgio, M. (1985). *Para um desporto do futuro*. Lisboa: Desporto
- Silva, L. M. (2002). *Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo*. Braga: Universidade do Minho
- Sim-Sim, I. (2001). “A formação para o ensino da Leitura” in Inês Sim-Sim (org.), *A Formação para o Ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do ensino Básico*, Cadernos de Formação de Professores, nº2
- Sim-Sim, I; Duarte, I; Ferraz, M.^a J. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica: competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Simões, A. (1994). *50 Anos do Desporto Português*. Lisboa: Edição A Bola
- Simões, A. (2012). *Desporto com política nos 100 anos da República*. Lisboa: Edições A Bola
- Sobrinho, J. G. (2000). *A criança e o livro: A aventura de ler*. Porto: Porto Editora
- Sousa, A. (1999). *Terras do concelho de Sátão*. Sátão: Câmara Municipal do Sátão
- Sprinthall, N. A. e Sprinthall, R. C. (1990/1993). *Psicologia educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Tavares, A. H. (1979). *A motivação na escola ativa*. Lisboa: Didática Editora
- Vallejo, P. M. (1979). *Manual de Avaliação Escolar*. Coimbra: Livraria Almedina

Jornais consultados

A Bola

Diário de Notícias

Jornal de Notícias

Record

Stadium

Sites consultados

<http://www.institutosaomiguel.org/escola> acesso em 15 de junho de 2012

www.mun-guarda.pt acesso em 5 de junho de 2012


Diário das Sessões (edição on-line)

Apêndices

Apêndice I

Síntese da Prática de Ensino supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

Quadro 1. Síntese da PES no 1º ciclo

		Professora supervisora: Dr.ª Elisabete Brito	Professora Cooperante: Fernanda Cosme
Centro Escolar da Sequeira		Professor Estagiário: Sérgio Mendes	Ano de Escolaridade: 4º ano (nº alunos 17)
Data	Área	Objetivos / Descritores de desempenho	Conteúdos
21 de novembro	Língua Portuguesa	Respeitar as convenções que regulam a interação: → Ouvir os outros → Respeitar o tema Rever os textos com vista ao seu aperfeiçoamento → Identificar erros; Explicitar regras e procedimentos Identificar palavras que pertençam à mesma família Identificar relações de significado entre as palavras	<ul style="list-style-type: none"> • Seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo; • Antónimos e sinónimos
	Matemática	Saber ler e escrever números inteiros; Conhecer e aplicar as tabuadas do 4, 6 7 e 10; Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diferentes Conhecer a numeração romana até 1000;	Operações com números naturais <ul style="list-style-type: none"> • Adição • Subtração • Multiplicação • Divisão • Problemas do quotidiano • Multiplicar e dividir por 10, 100 e 1000. • Numerais ordinais 100º e 1000º.
	Estudo do Meio	Conhecer unidades de tempo: a década, mês e ano; Localiza no mapa as regiões descobertas pelos portugueses no século XV Reconhecer as figuras proeminentes da expansão portuguesa Elaborar um friso cronológico com os principais acontecimentos no século XV	<ul style="list-style-type: none"> • A II dinastia portuguesa • A Expansão Portuguesa • O mapa Mundo
	Expressão Plástica	Expressar a sua sensibilidade artística	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho livre
22 de novembro	Matemática	Saber ler e escrever números inteiros; Conhecer e aplicar as tabuadas do 4, 6 7 e 10; Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diferentes	<ul style="list-style-type: none"> • Multiplicação • Divisão • Problemas do quotidiano • Multiplicar e dividir por 10, 100 e 1000. numerais ordinais 100º e 1000º.
	Língua Portuguesa	Respeitar as convenções que regulam a interação: → Ouvir os outros → Respeitar o tema	<ul style="list-style-type: none"> • Resposta oral a questionários • Desenvolvimento das competências da oralidade • Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza.

		Identificar palavras que pertençam à mesma família Ordenar alfabeticamente as palavras Identificar relações de significado entre as palavras Organizar frases	<ul style="list-style-type: none"> • Seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo; • Os elementos fundamentais da frase
	Estudo do Meio	Reconhecer as figuras proeminentes da expansão portuguesa Elaborar um friso cronológico com os principais acontecimentos no século XVI Localizar no mapa o império colonial português no século XVI Identificar as mudanças da sociedade, economia e sociais de Portugal do século XVI.	<ul style="list-style-type: none"> • A chegada ao Brasil • A viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães • O Império colonial português no século XVI • D. Sebastião, <i>O Desejado</i>.
28 de novembro	Língua Portuguesa	Comunicação oral Expressar-se por iniciativa própria no âmbito da turma para organização dos conteúdos das aprendizagens; Comunicação escrita Estabelecer a sequência de acontecimentos. Localizar a ação no espaço e no tempo. Treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários... Funcionamento da língua — análise e reflexão Decompor palavras em sílabas. Distinguir sílaba tónica e sílaba átona. Estabelecer a diferença entre acento gráfico e acento fónico	<ul style="list-style-type: none"> • Seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objectivo; • As palavras agudas, graves e esdrúxulas • Monossílabos, dissílabos, trissílabos, polissílabos
	Matemática	Números e operações Estimar a ordem de grandeza de um resultado antes de efectuar o cálculo Grandezas e medidas Relacionar as unidades de medida de massa: kg, hg, dag, g, dg, cg, mg Relacionar as unidades de medida de capacidade: kl, hl, dal, l, dl, cl, ml.	<ul style="list-style-type: none"> • Adição • Subtração • Multiplicação • Divisão • Problemas do quotidiano • Algoritmo da divisão
	Estudo do Meio	Identificar os motivos do descontentamento em relação à monarquia portuguesa Reconhecer o rei como a figura mais importante da monarquia Conhecer alguns dos princípios orientadores dos republicanos Conhecer o significado da letra do Hino nacional Distinguir a monarquia da república;	<ul style="list-style-type: none"> • O ultimato inglês • O Regicídio • O “Zé Povinho” de Rafael Bordalo Pinheiro • A implantação da República
	Expressão Plástica	Exprime a sua sensibilidade artística	<ul style="list-style-type: none"> • As cores da república
29 de novembro	Estudo do Meio	Comunicação em História Compreensão histórica – Temporalidade- Espacialidade Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal. Recolher dados sobre aspectos da vida quotidiana de tempo em que ocorreram esses factos. Portugal na Europa e no mundo Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo. Localizar no planisfério e no globo os países lusófonos.	<ul style="list-style-type: none"> • A 1ª grande guerra Mundial • A instabilidade política da 1ª República • O Golpe de Estado de 28 de Maio de 1926 • O Estado Novo • O império colonial • A censura e a polícia política • A revolução dos cravos
	Matemática		Números e operações

		Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diferentes	<p>Operações com números naturais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Adição • Subtração • Multiplicação • Divisão <p>Problemas do quotidiano</p>
	Língua Portuguesa	<p>Expressão oral Expressar-se por iniciativa própria no âmbito da turma para organização dos conteúdos das aprendizagens;</p> <p>Escrita Localizar a ação no espaço e no tempo. Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos Levantar hipóteses acerca do conteúdo de textos, a partir do título, das personagens... Comparar as hipóteses levantadas com o conteúdo original.</p> <p>Conhecimento explícito da língua Identificar adjetivos; Distinguir nomes próprios, comuns e coletivos. Identificar o género, o número e o grau dos nomes pelas marcas e pelo contexto..</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo; • Entoação: declarativa, interrogativa, exclamativa, imperativa • Os nomes • Adjetivos
	Expressão musical	Acompanhar a canção com gestos Aliar os gestos e os movimentos ao som	<ul style="list-style-type: none"> • Altura e intensidade do som
30 de novembro de 2011	Estudo do Meio	<p>Compreensão histórica – Temporalidade- Espacialidade Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado. Reconhecer símbolos nacionais, bandeira nacional e hino nacional. Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo</p>	<p>À descoberta dos outros e das instituições</p> <ul style="list-style-type: none"> • 10 de Junho dia de Portugal • Bandeira Nacional • Fado • Os países lusófonos <p>Portugal na Europa e no mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> • União Europeia e Euro
	Língua Portuguesa	<p>Expressão oral Expressar-se por iniciativa própria na realização de atividades em curso (apresentar sugestões, expor e justificar opiniões, pedir esclarecimentos, informar...).</p> <p>Interpretar e recriar em linguagem verbal mensagens não verbais (sons, gestos, imagens).</p> <p>Escrita Escrever em grupo a partir de motivações lúdicas Manifestar preferência por personagens e situações da história. Praticar o aperfeiçoamento de textos escritos (em coletivo, em pequeno grupo), emitindo opiniões e apresentando críticas e sugestões para o melhorar.</p> <p>Conhecimento explícito da língua Exercitar o uso de sinais de pontuação e auxiliares da escrita.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo; • Ponto final, de interrogação, exclamação, dois pontos, ponto e vírgula, etc • Pretérito: imperfeito, perfeito e mais que perfeito; • Presente; • Futuro.

		Aplicar as formas do Presente, Presente-Futuro, Futuro e Pretérito Perfeito do Indicativo de verbos regulares e dos verbos irregulares (ser, estar, ter).	
	Matemática	Ler e representar números até ao milhão; Ordenar os números por ordem crescente e decrescente Dividir e multiplicar por 10, 100 e 1000 e por 0,1, 0,01 e 0,001 Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diferentes	Números e operações Operações com números naturais <ul style="list-style-type: none"> • Multiplicação • Problemas do quotidiano
5 de dezembro de 2011	Língua Portuguesa	Comunicação oral Expressar-se por iniciativa própria no âmbito da turma para organização dos conteúdos das aprendizagens; Comunicação escrita Estabelecer a sequência de acontecimentos. Localizar a ação no espaço e no tempo. Treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários... Funcionamento da língua — análise e reflexão Identificar classes morfológicas: determinantes e pronomes, substantivos e verbos.	<ul style="list-style-type: none"> • Algumas características do texto narrativo: <ul style="list-style-type: none"> - personagens; - ação; - espaço; - tempo. • Sinónimos • Adjetivos em diversos graus • Formas verbais • Determinantes • Nomes
	Matemática	Ler números decimais por extenso e por classes Ordenar números em sequências crescentes e decrescentes. Identificar os elementos presentes na multiplicação Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diferentes	Números e operações <ul style="list-style-type: none"> • Números decimais • A Multiplicação <ul style="list-style-type: none"> - elementos envolvidos na multiplicação
	Estudo do Meio	Identificar os feriados nacionais Reconhecer a importância dos acontecimentos subjacentes aos feriados nacionais Conhecer o significado da letra do Hino nacional	<ul style="list-style-type: none"> • 1 de dezembro 1640 – dia da Restauração da Independência • 5 de outubro 1910 - A implantação da República • 25 de abril de 1974 – a Revolução dos Cravos • 10 de junho – dia de Camões, de Portugal e das Comunidades
6 de dezembro de 2011	Língua Portuguesa	Comunicação escrita Estabelecer a sequência de acontecimentos. Ler narrativas extensas e de complexidade progressivamente alargadas. Assinalar diferenças e semelhanças entre as hipóteses levantadas e o conteúdo original. Escrever individualmente a partir de motivações lúdicas. Funcionamento da língua — análise e reflexão Decompor palavras em sílabas. Distinguir sílaba tónica e sílaba átona. Aplicar as formas do pretérito perfeito do Indicativo de verbos regulares e dos verbos irregulares (ter). Estabelecer relações de significado entre palavras (sinonímia, antonímia).	<ul style="list-style-type: none"> • Sinónimos • Palavras agudas, esdrúxulas e graves • Monossílabos, bissílabos e polissílabos • Formas verbais • Grau diminutivo <p>Nomes próprios e comuns</p>
	Matemática	Ler números decimais por ordens e por classes Aplicar um algoritmo da subtração para calcular diferenças de números inteiros ou decimais. Identificar uma figura geométrica num plano Ordenar números em sequências crescentes e decrescentes. Identificar os elementos presentes na multiplicação	<ul style="list-style-type: none"> • Números decimais e números inteiros • Triângulo, quadrado, circunferência • Ordem crescente e decrescente • A Multiplicação <ul style="list-style-type: none"> - elementos envolvidos na multiplicação

		Procurar estratégias diferentes para efetuar um cálculo. Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diferentes.	
	Estudo do Meio	Identificar elementos básicos do Meio Físico O tempo atmosférico Desenvolver hábitos de higiene pessoal e de vida saudável utilizando regras básicas de segurança e assumindo uma atitude atenta em relação ao consumo. O corpo A segurança do seu corpo	<ul style="list-style-type: none"> Os ossos Os músculos A pele Primeiros socorros
7 de dezembro de 2011	Matemática	Ler números decimais por ordens e por classes Aplicar um algoritmo da subtração para calcular diferenças de números inteiros ou decimais. Identificar uma figura geométrica num plano Ordenar números em sequências crescentes e decrescentes. Identificar os elementos presentes na multiplicação Procurar estratégias diferentes para efetuar um cálculo. Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diferentes.	<ul style="list-style-type: none"> Números decimais e números inteiros Triângulo, quadrado, circunferência Ordem crescente e decrescente A Multiplicação - elementos envolvidos na multiplicação
	Estudo do Meio	Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado. Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal. Identifica personagens relevantes da História nacional Distingue a monarquia da república	<ul style="list-style-type: none"> Os primeiros povoadores da península ibérica A romanização O domínio muçulmano Afonso Henriques Infante D. Henrique Luís Vaz de Camões 1 de dezembro de 1640 25 de Abril de 1974 Bandeira nacional. Hino nacional. A monarquia A república 5 de Outubro de 1910
	Língua Portuguesa	Comunicação escrita Estabelecer a sequência de acontecimentos. Ler narrativas, extensão e de complexidade progressivamente alargadas. Assinalar diferenças e semelhanças entre as hipóteses levantadas e o conteúdo original. Escrever individualmente a partir de motivações lúdicas. Funcionamento da língua — análise e reflexão Decompor palavras em sílabas.	<ul style="list-style-type: none"> Seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo; Sinónimos Palavras agudas, esdrúxulas e graves Monossílabos, bissílabos e polissílabos Formas verbais Grau diminutivo Nomes próprios e comuns

		Distinguir sílaba tónica e sílaba átona. Aplicar as formas do pretérito perfeito do Indicativo de verbos regulares e dos verbos irregulares (ter). Estabelecer relações de significado entre palavras (sinonímia, antonímia).	
9 de dezembro de 2011	Estudo do Meio	Reconhecer a existência dos ossos e a sua função Reconhecer a existência dos músculos e a sua função Identificar a função de proteção da pele. Conhecer algumas regras de primeiros socorros em casos de queimaduras solares, fraturas e distensões Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal. Identifica personagens relevantes da História nacional Distingue a monarquia da república	<ul style="list-style-type: none"> Os ossos Os músculos A pele Primeiros socorros A ocupação do território português até à independência de Portugal Afonso Henriques Infante D. Henrique Luís Vaz de Camões 1 de dezembro de 1640 25 de Abril de 1974 Bandeira nacional. A monarquia A república 5 de Outubro de 1910
	Matemática	Ler números decimais por ordens e por classes Aplicar um algoritmo da subtração para calcular diferenças de números inteiros ou decimais. Identificar uma figura geométrica num plano Ordenar números em sequências crescentes e decrescentes. Identificar os elementos presentes na multiplicação Procurar estratégias diferentes para efetuar um cálculo. Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diferentes	<ul style="list-style-type: none"> Números decimais e números inteiros Triângulo, quadrado, circunferência Ordem crescente e decrescente A Multiplicação - elementos envolvidos na multiplicação
	Expressão Plástica	Desenhar estrelas em diferentes tipos de cartolina Recortar as estrelas desenhadas Decorar as estrelas desenhadas escrevendo no seu interior os desejos para a época natalícia	<ul style="list-style-type: none"> As estrelas
3 de janeiro de 2012	Matemática	O aluno: <ul style="list-style-type: none"> Constrói quadrados iguais a partir da junção de várias peças Constrói um cubo a partir de uma dada planificação. 	<ul style="list-style-type: none"> Tangram e dobragens
	Língua Portuguesa	Expressão oral Exprimir-se por iniciativa própria na realização de atividades em curso (apresentar sugestões, expor e justificar opiniões, pedir esclarecimentos, informar...).	<ul style="list-style-type: none"> Seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo; Formas verbais Os sinais de pontuação A carta informal
		Comunicação escrita Escrever individualmente a partir de motivações lúdicas. Praticar o aperfeiçoamento de textos escritos (em coletivo, em pequeno grupo), emitindo opiniões e apresentando críticas e sugestões para o melhorar.	

		Aplicar corretamente os diversos tempos verbais	
	Estudo do Meio	Identificar os diferentes estados da água Reconhecer os fenómenos de condensação, solidificação, evaporação e fusão. Distinguir os diferentes tipos de precipitação	<p>Aspetos físicos do meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • A água • Estado <ul style="list-style-type: none"> - líquido - sólido - gasoso • A condensação • A solidificação • A evaporação • Chuva • Neve e granizo • Nevoeiro • Orvalho • Geadas
	Expressão dramática	Movimentar o corpo por segmentos. Explorar diferentes possibilidades expressivas do corpo. Aliar a expressão vocal a gestos e atividades corporais (posturas). Usar espontaneamente, atitudes, gestos e movimentos. Participar na elaboração oral de uma história. Improvisar um diálogo ou uma pequena história em pequeno grupo e a partir de diferentes estímulos.	<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem verbal e não verbal • Corpo • Voz • Espaço
4 de janeiro de 2012	Estudo do Meio	Identificar os aspetos naturais do meio Identificar os diferentes estados da água Reconhecer os fenómenos de condensação, solidificação, evaporação e fusão. Distinguir os diferentes tipos de precipitação	<p>Aspetos físicos do meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • A água • Estado <ul style="list-style-type: none"> - líquido - sólido - gasoso • A condensação • A solidificação • A evaporação
	Matemática	Desenhar figuras geométricas simples com algumas regras.	<p>Forma e espaço</p> <p>Transformação de figuras geométricas planas</p>
	Língua Portuguesa	<p>Compreensão/Expressão Oral</p> <p>Contar, recontar, sintetizar, criar e relatar individualmente ou em grupo, Histórias, acontecimentos, textos...</p> <p>Leitura/Expressão Escrita</p> <p>Identificar as ideias/assuntos principais de um texto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Infinitivo dos verbos • O plural

		Ouvir ler e ler narrativas e poemas de extensão e de complexidade progressivamente alargados. Exprimir por escrito e corretamente as suas opiniões críticas e sugestões.	
		Conhecimento Explícito Transformar os vários tipos de frase. Identificar os verbos segundo a conjugação a que pertencem.	
5 de janeiro de 2012	Matemática	Relacionar números pela ordem e grandeza Relacionar o m2, o dm2 e o cm2. Descobrir as fórmulas para o cálculo das áreas do quadrado e do retângulo. Calcular áreas de quadrados e de retângulos utilizando a fórmula	Grandezas e medidas Perímetro Área
	Língua Portuguesa	Leitura/Expressão Escrita Recriar textos em diversas linguagens (transformar histórias, recontar histórias, dramatizar momentos ou histórias completas). Conhecimento Explícito Identificar adjetivos e aplicar os diferentes graus dos mesmos, estabelecendo comparações, diversificando a superlativização. Identificar os grupos: nominais, verbal e móvel.	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo facultativo / móvel • Prefixos e sufixos • Grau superlativo absoluto sintético e analítico
	Estudo do Meio	Reconhecer o recurso à água nas diferentes atividades humanas Reconhecer que os desequilíbrios podem levar ao esgotamento de recursos, à extinção de espécies e à destruição do ambiente Apresentar soluções para a preservação da água	<ul style="list-style-type: none"> • A poluição da água
6 de janeiro de 2012	Língua Portuguesa	Faz leitura silenciosa. Lê com clareza e entoação em voz alta. Localizar, no texto, a informação pretendida. Intervir na aula com sentido de oportunidade e conveniência. Conhecer e aplica as flexões nominais, adjetivais e verbais.	<ul style="list-style-type: none"> • Forma afirmativa e negativa • Diminutivo
	Estudo do Meio	Identificar a posição central do sol no sistema solar Reconhecer a dimensão esférica do planeta terra Reconhecer a lua como satélite do planeta terra Reconhecer o sistema solar	À descoberta do ambiente natural O Sol A Lua Sistema solar
	Matemática	Medir o perímetro da base circular de um objeto. Desenhar polígonos a partir de um perímetro dado.	Grandezas e Medidas Perímetros Áreas
	Expressão dramática	Conhecer e aplica – linha, cor, textura, forma, plano, luz, volume - os elementos visuais e a sua relação com as imagens disponíveis no património artístico, cultural e natural Cria formas a partir da sua imaginação utilizando intencionalmente os elementos visuais.	Modelagem e escultura


23 de janeiro de 2012	Língua Portuguesa	<p>Comunicação oral Expressar-se por iniciativa própria no âmbito da turma para organização dos conteúdos das aprendizagens;</p> <p>Comunicação escrita Localizar a ação no espaço e no tempo. Treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários...</p> <p>Funcionamento da língua — análise e reflexão Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, texto oral). Identificar os componentes da banda desenhada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo; • Título • Autor • Narrador • Tempo e espaço • Personagens • Vinheta ou quadradinho, • Os balões de fala e de pensamento; • A legenda.
	Matemática	<p>Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diferentes Utilizar diversas estratégias para efetuar um cálculo. Explicitar oralmente e representar por escrito os passos seguidos ao efetuar um cálculo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Adição • Subtração • Multiplicação • Divisão • Problemas do quotidiano
	Estudo do Meio	<p>Reconhece a importância da evolução tecnológica e implicações da sua utilização na evolução da sociedade. Identifica as diferentes fases da lua Distingue os satélites, planetas e estrelas Reconhece a lua como satélite da terra Realização de registos e de medições simples utilizando instrumentos e unidades adequados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estrela • Planeta • Satélite • As fases da Lua <ul style="list-style-type: none"> - Lua nova - Lua cheia - Quarto crescente - Quarto minguante

Fonte: adaptado do dossier de Estágio do 1º ciclo do Ensino Básico


Apêndice II

Síntese da Prática de Ensino supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico

Quadro 2.1. Síntese da PES de Ciências da Natureza no 5ºC

	Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca	Professora supervisora: <i>Doutora Eduarda Ferreira</i>	Professora Cooperante: <i>Graciete Paixão</i>
		Professor Estagiário: <i>Sérgio Mendes</i>	Ano de Escolaridade / Turma: 5º C
Data	Duração	Objetivos pedagógicos / metas de aprendizagem	Conteúdos
29/05/2012	90 min	Prova Global de Ciências da Natureza	
31/05/2012	45 min.	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o processo de combustão; • Reconhecer a existência de gases comburentes e incomburentes; • Identificar os gases constituintes do ar; • Distinguir as diferentes camadas da atmosfera; <p>Localizar na troposfera a existência de uma mistura de gases que mantem a temperatura em níveis relativamente estáveis</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Constituintes do ar: <ul style="list-style-type: none"> - Oxigénio (comburente) - Azoto (incomburente) e ainda <ul style="list-style-type: none"> - Vapor de água - Dióxido de carbono - Gases raros • Atmosfera <ul style="list-style-type: none"> - troposfera - estratosfera - outras camadas • Propriedades dos constituintes do ar <ul style="list-style-type: none"> - incolores - inodores - invisíveis
05/06/2012	90 min.	Visita de estudo ao Parque Ecológico de Gouveia e ao Museu do Pão, em Seia.	


Quadro 2.2. Síntese da PES de Ciências da Natureza no 6ºB

	Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca	Professora supervisora: <i>Doutora Eduarda Ferreira</i>	Professora Cooperante: <i>Graciete Paixão</i>
		Professor Estagiário: <i>Sérgio Mendes</i>	Ano de Escolaridade / Turma: 6ºB
Data	Duração	Objetivos pedagógicos / metas de aprendizagem	Conteúdos
24/04/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar a importância das plantas para o mundo vivo; • Identificar produtos florestais que são usados como matérias-primas para fins diversos (exemplo: mobiliário, medicamentos, alimentação, tintas,...) e como fontes de energia; • Reconhecer a importância da fotossíntese na elaboração de substâncias de reserva para a planta; • Identificar as substâncias de reserva que se acumulam nas plantas. 	As matérias-primas fornecidas pelas plantas; Os alimentos fornecidos pelas plantas; A acumulação de reservas; A influência das plantas na qualidade do ar: <ul style="list-style-type: none"> • Fotossíntese • Transpiração
27/04/2012	45 min.	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar a importância das plantas para o mundo vivo; • Identificar os principais fatores responsáveis pela alteração da qualidade do ar; • Explicar medidas de proteção e preservação florestal; • Identificar produtos florestais que são usados como matérias-primas para fins diversos (exemplo: mobiliário, medicamentos, alimentação, tintas,...) e como fontes de energia; • Analisar informação sobre a existência de atividades de exploração e transformação de recursos (exemplos: pedreiras, minas...). 	Os alimentos fornecidos pelas plantas; A influência das plantas na qualidade do ar: <ul style="list-style-type: none"> • Fotossíntese • Transpiração • Respiração • Estomas As matérias-primas fornecidas pelas plantas: <ul style="list-style-type: none"> • Matéria-prima • Celulose • Resina • Latex
29/05/2012	90 min	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a composição dos órgãos reprodutores das plantas com flor; • Explicar os processos de polinização, fecundação e frutificação; • Distinguir frutos com pericarpo carnudo e seco; • Reconhecer os agentes de disseminação; • Distinguir a reprodução das plantas com flor da das plantas sem flor; • Identificar o modo de reprodução dos musgos e dos fetos. 	Constituintes do Estame <ul style="list-style-type: none"> • Antera, Filete Constituintes do Carpelo <ul style="list-style-type: none"> • Estigma, Estilete, Ovário Polinização <ul style="list-style-type: none"> • Autopolinização, Cruzada Fecundação <ul style="list-style-type: none"> • Zigoto Frutificação <ul style="list-style-type: none"> • Fruto (semente e pericarpo) Geminação Disseminação <ul style="list-style-type: none"> • através do vento, da água, dos animais • através da autodisseminação


			<p>Fetos e musgos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Esporo e esporângio • Protalo e protonema
05/06/2012	90 min	<ul style="list-style-type: none"> • Clarificar o conceito de microrganismo; • Enumerar patologias provocadas por micróbios; • Reconhecer a existência de microrganismos uteis para o ser humano; • Usar fontes de informação diversificadas; • Conhecer condições favoráveis ao desenvolvimento de microrganismos; • Identificar formas de prevenir doenças provocadas por microrganismos; • Usar vocabulário específico da disciplina. 	<p>Microrganismo</p> <p>Tipos de microrganismo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vírus, Bactérias, Protozoários, Fungos <p>Microrganismo úteis</p> <p>Antisséptico</p> <p>Higiene</p> <p>Desinfecção</p> <p>Vacinação</p> <p>Esterilização</p>
08/06/2012	45 min.	<ul style="list-style-type: none"> • Clarificar o conceito de microrganismo; • Enumerar patologias provocadas por microrganismo; • Reconhecer a existência de microrganismos uteis para o ser humano; • Usar fontes de informação diversificadas; • Conhecer condições favoráveis ao desenvolvimento de microrganismos; • Identificar formas de prevenir doenças provocadas por microrganismos; • Usar vocabulário específico da disciplina. 	<p>Tipos de microrganismo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vírus • Bactérias • Protozoários • Fungos <p>Antisséptico</p> <p>Higiene</p> <p>Desinfecção</p> <p>Vacinação</p> <p>Esterilização</p>

Fonte: adaptado do dossier de Estágio do 2º ciclo do Ensino Básico de Ciências da Natureza

Quadro 3.1. Síntese da PES de História e Geografia de Portugal no 5ºA


	Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca	Professora supervisora: <i>Dr.ª Ana Lopes</i>	Professora Cooperante: <i>Georgete Pereira</i>
		Professor Estagiário: <i>Sérgio Mendes</i>	Ano de Escolaridade / Turma: 5º A
Data	Duração	Objetivos pedagógicos	Conteúdos
19/03/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância da paz na alteração de comportamentos da monarquia portuguesa no século XIII; - Identificar o rei como autoridade máxima do reino; - Distinguir Cortes de corte; - Compreender a importância cultural da corte régia. 	<ul style="list-style-type: none"> • A vida quotidiana A vida quotidiana na corte
22/03/2012	45 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as causas da crise económica; - Reconhecer as causas da crise política; - Identificar as causas da crise social. 	A morte de D. Fernando e o problema da sucessão ✓ Tempos difíceis
23/04/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a crise social e económica que se vivia na época; - Identificar as causas do aumento da mortalidade no século XIV. 	Peste negra; Lepra; Maus anos agrícolas; Ausência de higiene
26/04/2012	45 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o problema da sucessão posto com a morte de D. Fernando; - Identificar as causas da não-aceitação de D. Beatriz como rainha, por parte das camadas populares e de alguns elementos da nobreza; - Distinguir os dois grupos que dividiam a população portuguesa; - Evidenciar o carácter revolucionário dos movimentos populares, relacionando-os com as difíceis condições de vida. 	Dinastia Crise sucessória Revolução
30/04/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as etapas da invasão castelhana; - Reconhecer a importância das cortes de Coimbra na legitimidade do novo rei e a ação de João das Regras; - Referir a ação do Mestre de Avis e de Nuno Álvares Pereira; - Evidenciar o carácter decisivo da batalha de Aljubarrota na resolução do conflito; - Reconhecer monumentos característicos deste período; - Reconhecer a revolução de 1383/1385 como um conjunto de acontecimentos que produziam mudanças significativas; - Reconhecer o Tratado de Windsor como a mais antiga aliança entre Estados independentes ainda em vigor. 	Cerco de Lisboa Cortes de Coimbra Batalha de Aljubarrota Dinastia de Avis Mosteiro da Batalha Tratado de Windsor

Quadro 3.2. Síntese da PES de História e Geografia de Portugal no 6ºA

	Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca	Professora supervisora: Dr.ª Ana Lopes	Professora Cooperante: Georgete Pereira
		Professor Estagiário: Sérgio Mendes	Ano de Escolaridade / Turma: 6º A
Data	Duração	Objetivos pedagógicos	Conteúdos
20/03/2012	45 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância da separação de poderes como grande da igualdade; - Identificar a Assembleia da República como órgão de soberania mais importante; - Reconhecer a preocupação da 1ª República com os jovens e as classes trabalhadoras. 	O Zé Povinho de Rafael Bordalo Pinheiro <ul style="list-style-type: none"> • A 1ª República: As novas leis: A Constituição.
23/03/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Identifica medidas adotadas na 1ª República para promover a alfabetização da população portuguesa; - Identifica medidas adotadas na 1ª República para promover uma maior proteção às classes trabalhadoras; - Reconhece o papel dos sindicatos na defesa dos direitos laborais; - Identifica formas de luta das classes trabalhadoras. 	A 1ª República As novas leis <ul style="list-style-type: none"> ✓ Alfabetização ✓ Sindicalismo
24/04/2012	45 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o significado dos conceitos de sindicato e greve; - Compreender a importância do movimento sindical na conquista de melhores condições de trabalho dos operários; - Reconhecer as razões que conduziram à participação de Portugal na 1.ª Guerra Mundial; - Salientar a importância da defesa dos direitos portugueses em África; - Caracterizar o clima de instabilidade social, económica e política que conduziu ao final da 1.ª República. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A ação militar no 5 de Outubro e a queda da monarquia ➤ A 1.ª República <ul style="list-style-type: none"> ▪ A Constituição Republicana ▪ As principais medidas no domínio da educação e do trabalho ▪ O movimento sindical ▪ A instabilidade governativa
27/04/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer diferentes formas e instrumentos de repressão/restrição das liberdades e direitos individuais dos cidadãos usados pelo Estado Novo; Compreender a importância do respeito pelos direitos e liberdades individuais dos cidadãos enquanto seres integrados numa sociedade; <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar e aceitar opiniões diferentes; - Identificar as consequências da guerra colonial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Salazar e o Estado Novo <ul style="list-style-type: none"> – As restrições às liberdades Censura Liberdade de expressão Oposição política • A Guerra Colonial
05/06/2012	45 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a evolução da população absoluta portuguesa; - Identificar fatores que influem na população absoluta; - Compreender o conceito de saldo fisiológico; - Reconhecer as principais causas da emigração; - Identificar períodos de forte emigração portuguesa. 	E – Portugal nos Dias de Hoje: Sociedade e Geografia Humana <ul style="list-style-type: none"> • A Evolução da população portuguesa - Censos / recenseamento - população absoluta; - natalidade; mortalidade; - emigração; - imigração.

Fonte: adaptado do dossier de Estágio do 2º ciclo do Ensino Básico de História e Geografia de Portugal


Quadro 4. Síntese da PES de Língua Portuguesa

	Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca	Professor supervisora: <i>Dr.ª Elisabete Brito</i>	Professora Cooperante: <i>Tânia Costa</i>
		Professor Estagiário: <i>Sérgio Mendes</i>	Ano de Escolaridade / Turma: <i>5º B</i>
Data	Duração	Descritores de desempenho	Conteúdos
14/05/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Expor o sentido global de um texto dramático, estabelecendo relações entre o texto e o desenvolvimento cénico; - Distinguir os constituintes principais da frase; - Explicitar a relação entre constituintes principais de frases e as funções sintáticas por eles desempenhadas; - Identificar diferentes realizações da função sintática de sujeito; - Explicitar as convenções do uso do vocativo em enunciados orais ou escritos; - Distinguir as funções sintáticas de constituintes selecionados e não selecionados pelo verbo; - Identificar a função sintática do constituinte à direita do verbo copulativo e os grupos que o podem constituir. 	<p>Texto dramático:</p> <ul style="list-style-type: none"> • componentes; organização estrutural: ato, cena, fala, indicações cénicas. <p>Os intervenientes numa peça de teatro</p> <p>Frase e constituintes da frase</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grupo nominal (GN); • Grupo verbal (GV); <p>Funções sintáticas: Sujeito; Predicado.</p> <p>Sujeito: nulo</p> <p>Complemento: direto, indireto; oblíquo;</p> <p>Predicativo do sujeito</p> <p>Vocativo</p>
21/05/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer uma leitura que possibilite: <ul style="list-style-type: none"> ➢ confirmar hipóteses previstas. - Detetar informação relevante, essencial e acessória; - Explicitar o sentido global do texto; - Explicitar os temas dominantes e características formais de poemas. 	<p>Texto poético:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ plurissignificação ➢ estrutura compositiva: estrofe, rima <p>Texto literário:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ em verso <p>Recursos retóricos</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ de natureza sintática – Enumeração ➢ de natureza semântica: Comparação; Metáfora <p>Personificação</p>
28/05/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Prestar atenção ao que ouve, de modo a tornar possível indicar a intenção do locutor e o essencial da informação ouvida; - Usar da palavra de modo audível, com boa dicção e num débito regular; - Explicitar os temas dominantes e características formais de poemas; - Fazer uma leitura que possibilite explicitar o sentido global de um texto; - Ler em voz alta com fluência e expressividade; - Ler em público, em coro ou individualmente; - Fornecer um contributo eficaz para o trabalho coletivo, na turma ou grupo, em situações mais formais. 	<p>Ouvinte</p> <p>Texto literário: em verso (prosa poética; verso livre)</p> <p>Texto poético:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ plurissignificação ➢ estrutura compositiva: estrofe, rima e esquema rimático ➢ recursos retóricos <ul style="list-style-type: none"> ▪ de natureza sintática: Enumeração ▪ de natureza sintática: Onomatopeia ▪ de natureza semântica: Comparação; Metáfora <p>Personificação</p> <p>Articulação, acento, entoação, pausa</p>

30/05/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Definir uma orientação de leitura e fixar-se nela; - Detetar informação relevante, essencial e acessória; - Explicitar os temas dominantes e características formais de poemas; - Redigir com correção enunciados para responder a diferentes propostas de trabalho. - Escrever textos, experimentando novas configurações textuais, com marcas intencionais de literariedade. 	<p>Texto literário:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ em verso (prosa poética; verso livre) <p>Texto poético:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ plurissignificação ➤ estrutura compositiva: estrofe, rima e esquema rimático <p>Recursos retóricos</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Personificação ➤ Comparação ➤ Metáfora
04/06/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Prestar atenção ao que ouve, de modo a tornar possível: <ul style="list-style-type: none"> ○ responder a perguntas acerca do que ouviu; ○ explicitar o assunto, tema ou tópico. - Ler de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de atividades ou tarefas. - Detetar o foco da pergunta ou instrução, de modo a concretizar a tarefa a realizar; - Redigir com correção enunciados para responder a diferentes propostas de trabalho - Identificar o tipo de frase; - Utilizar diferentes processos de negação em enunciados e frases; - Ler de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de atividades ou tarefas. 	<p>Texto oral e texto escrito</p> <p>Texto poético:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ plurissignificação ➤ estrutura compositiva: estrofe, rima <p>Relações entre palavras</p> <p>Tipos de frase</p> <ul style="list-style-type: none"> • Declarativo; Interrogativo; Exclamativo; Imperativo <p>Frase afirmativa e frase negativa</p> <p>Horários de autocarros</p>
06/06/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Ler de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de atividades ou tarefas; - Usar com precisão um repertório de termos relevantes para o assunto que está a ser tratado; - Redigir com correção enunciados para responder a diferentes propostas de trabalho; - Prestar atenção ao que ouve, de modo a tornar possível: responder a perguntas acerca do que ouviu; explicitar o assunto, tema ou tópico; - Identificar o discurso conversacional numa entrevista. 	<p>Comunicação e interação discursiva:</p> <ul style="list-style-type: none"> - emissor/destinador; - recetor/destinatário. <p>Tipologia textual: conversacional – entrevista.</p> <p>Ouvinte; discurso, universo de discurso; contexto</p>
08/06/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Localizar a informação a partir de palavra ou expressão chave e avaliar a sua pertinência; - Detetar o foco da pergunta ou instrução, de modo a concretizar a tarefa a realizar; - Fazer um guião do texto: organizar e hierarquizar a informação; - Respeitar princípios reguladores da atividade discursiva: na colocação de perguntas; - Utilizar produção de enunciados unidades linguísticas com diferentes funções na cadeia discursiva: marcação conversacional ou fática; - Respeitar princípios reguladores da atividade discursiva na produção de enunciados de resposta. 	<p>Tipologia textual:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ conversacional – entrevista. <p>- Comunicação e interação discursiva:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ emissor/destinador ➤ recetor/destinatário. <p>- Princípios reguladores da interação discursiva:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ cortesia (formas de tratamento) ➤ e pertinência. <p>Texto oral</p>

Fonte: adaptado do dossier de Estágio do 2º ciclo do Ensino Básico de Língua Portuguesa

Quadro 5. Síntese da PES de Matemática

	Escola Regional Dr. José Dinis da Fonseca	Professor supervisor: <i>Doutor Pedro Tadeu</i>	Professora Cooperante: <i>Ana Catarina Castro</i>
		Professor Estagiário: <i>Sérgio Mendes</i>	Ano de Escolaridade / Turma: 5º C
Data	Duração	Objetivos específicos	Conteúdos
19/03/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Identifica frações equivalentes; - Dá exemplos de frações equivalentes a uma dada fração; - Utiliza estratégias de cálculo mental e escrito para aplicar as operações. 	- Números racionais: frações equivalentes.
22/03/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhece frações irredutíveis; - Dá exemplos de frações equivalentes a uma dada fração; - Demonstra capacidade de utilização de estratégias adequadas a cada situação; - Utiliza estratégias de cálculo mental e escrito para aplicar as operações. 	- Números racionais: frações equivalente e Frações irredutíveis.
23/03/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhece frações irredutíveis e redutíveis; - Demonstra capacidade de utilização de estratégias adequadas a cada situação; - Utiliza estratégias de cálculo mental e escrito para aplicar as operações. 	- Números racionais: Frações equivalentes.
23/04/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhece uma fração para representar parte de um todo; - Passa da forma de fração para a forma decimal; - Passa da forma decimal para a forma de fração; - Resolve problemas envolvendo números racionais no contexto de operador. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fração como razão; - Forma decimal; - Mínimo múltiplo comum; - Resolução de problemas.
27/04/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Utiliza uma fração para representar parte de um todo; - Passa da forma de fração para a forma decimal; - Passa da forma decimal para a forma de percentagem; - Escreve percentagens na forma de fração decimal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fração como razão; - Percentagens; - Resolução de problemas usando percentagens.
30/04/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Utiliza uma fração para representar parte de um todo; - Passa da forma decimal para a forma de percentagem; - Escreve percentagens na forma de fração decimal; - Calcula a percentagem. 	- Resolução de problemas usando percentagens.
31/05/2012	90 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Determina o perímetro de polígonos regulares e irregulares; - Deduz a fórmula do perímetro do círculo; - Resolve problemas envolvendo perímetros de polígonos e do círculo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Perímetro de polígonos; - π e perímetro do círculo.

Fonte: adaptado do dossier de Estágio do 2º ciclo do Ensino Básico de Matemática

Anexos

Anexo 1 - Culto do líder

1.1. Reportagem do *Diário de Notícias* do jogo Espanha vs. Portugal ocorrido em Vigo a 28 de Novembro de 1937

Atrás da tribuna central do lado do peão foi levantada uma torre e nela colocados dois painéis com as figuras prestigiadas do Dr. Oliveira Salazar e do generalíssimo Franco. A um toque de clarim da Falange Espanhola, a banda militar de Vigo executou a Marcha Real. A multidão descobre-se. Outro toque de clarim e ouve-se ‘A Portuguesa’. Terceiro toque, a que corresponde de novo a Marcha Real. Enquanto se executam os hinos a multidão conserva-se de braço estendido, saudando à fascista. Por último, um legionário português ergue a voz e grita: Salazar! Salazar! Salazar! Franco! Franco! Franco! Portugal! Portugal! Portugal! Viva Espanha! Viva Portugal!

(*Apud* Coelho & Pinheiro, 2002: 280)

1.2. Inauguração do Estádio Nacional

Recriação da inauguração do Estádio Nacional no dia 10 de junho de 1944 com base nas imagens e nas reportagens da época relativas ao acontecimento.

...depois da homenagem ao Chefe de Estado (o Presidente da República Marechal Carmona), foi a vez de agradecer ao Presidente do Conselho: ‘Salazar! Devemos-te a esperança! Devemos-te a paz! Devemos-te o presente! Mas a partir de hoje a nossa dívida tornou-se ainda maior! Devemos-te a certeza! Devemos-te a alegria! Devemos-te o futuro! Em nome de todos nós e em nome de todos aqueles que hão-de vir depois de nós, mais fortes e mais saudáveis, bem-haja Salazar! Por teres cumprido a promessa, obrigado pelos tempos fora! Obrigado para sempre! Viva Salazar!!! Viva!’ Ecoaram então palma prolongadas, que duraram vários minutos. Seguiu-se o hino nacional, ‘A Portuguesa’, cantado a plenos pulmões por 80 000 pessoas de braço direito estendido.

(Coelho & Pinheiro, 2002: 328)

1.3. Estádio Salazar, em Moçambique



Imagem 18 – Cartaz alusivo à inauguração do Estádio Salazar.

Disponível em <http://delagoabay.wordpress.com/2011/03/25/o-estadio-salazar-1968/>, acesso em 15 de junho de 2012.

Anexo 2 - A censura prévia

2.1. Primeiro hino do Benfica censurado pelo regime

Avante pelo Benfica

Todos por um
eis a divisa
do velho clube
Campeão,
que um nobre esforço
imortaliza
em gloriosa tradição.
olhando altivo
o seu passado,
podes ter fé
no seu futuro,
pois conservou
imaculado,
um ideal sincero
e puro.

Avante! Avante!
P'lo Benfica
que uma áurea triunfante
glorifica.
E vós, ó rapazes,
com fogo sagrado
honrai agora os ases
que nos honraram
no passado.

Avante! Avante!
P'lo Benfica
que uma áurea triunfante
glorifica.
E vós, ó rapazes,
com fogo sagrado
honrai agora os ases
que nos honraram
no passado.

Autoria: *Félix Bermudes*

Retirado de <http://videos.sapo.pt/C1bKtesmsZICZNcJkDGm> acesso a 15 de julho de 2012, acesso em 25 de maio de 2012.

2.2. A legitimação da censura

Eu compreendo que a censura moleste um pouco os jornais. É preciso reconhecer que quem governa tem em relação ao interesse nacional responsabilidades graves que não pode trespassar a outros e nos casos duvidosos tem fatalmente de prevalecer o seu juízo.

Os jornais devem, porém, compreender as suas limitações próprias, derivadas de muitas causas, mesmo estranhas à sua boa vontade e sacrifícios económicos, que algumas vezes são involuntários veículos de animosidades pessoais e não poderão fugir a uma espécie de empolamento que sofrem as coisas em letra redonda.

(*Apud* Alves, E., Ferrão, M. C. e Vieira, E. N., 2004: 159)

2.3. Cronologia da violência no futebol na década de 30

13 de junho de 1933 – O árbitro, Crisanto Orge, é agredido violentamente pelo jogador Jerónimo Pimentel, do Atlético de Braga. A Associação de Futebol de Braga aplicou ao jogador uma suspensão de um ano. (Coelho & Pinheiro: 261)

18 de maio de 1933 – após uma derrota por 8-0 frente ao F.C. Porto, num jogo referente aos quartos-de-final do Campeonato de Portugal no Estádio do Amial o presidente do Benfica, Manuel da Conceição Afonso, envolve-se numa discussão acesa com o delegado federativo ao encontro Laurindo Grijó. A alteração chamou a atenção dos jogadores benfiquistas que se envolveram na querela perseguindo o delegado. (*Ibidem*: 262)

6 de novembro de 1934 – A polícia avisa que os jogadores de futebol serão detidos e enviados a juízo caso se envolvam em desordens, mesmo que tal suceda em campo. (*Ibidem*: 264)

8 de novembro de 1936 – A Associação de Futebol de Braga, a exemplo do que fizeram outras congéneres, lamenta os incidentes *desagradáveis que se têm praticado nos campos de futebol*. (*Ibidem*: 277)

15 de outubro de 1939 – Tumultos levam a que o jogo entre o FC Porto e Académico fosse interrompido aos 43 minutos. Os incidentes violentos envolveram o público, jogadores e árbitros. Nos dias seguintes vários jogadores portistas foram suspensos devido a agressões a árbitros. (*Ibidem*: 293)

2.4. A imprensa realça boa atuação do árbitro e o bom comportamento dos intervenientes apesar dos lances polémicos

Campeonato de Portugal Sporting 3 – Belenenses 1, 05/07/1936

Acidentado e turbulento, foi o desenrolar do jogo entre “verdes-e-brancos” e “azuis”. (...) Após o intervalo, os adeptos do Restelo foram manifestando, em crescendo, o seu desagrado face à atuação do juiz da partida, até que à meia hora da segunda parte surgiu o tento de Pedro Piresa, que desempatava o prélio a favor do Sporting. Este tento foi motivo de contestação descontrolada por parte dos jogadores e adeptos do Belenenses, devido a um alegado fora-de-jogo de um elemento “verde-e-branco” no desenrolar da jogada em questão, o que levou à interrupção da partida. (...)

Notas finais para a boa atuação do árbitro José Travassos, apesar da contestação sofrida, e para a presença do Chefe de Estado, Marechal Carmona na tribuna do estádio (...). Não faltou (...) a saudação de braço estendido, com as equipas alinhadas a meio do terreno, antes do início do jogo. (...)

(Coelho & Pinheiro, 2002: 278-279)

...

Camp. de Portugal – FC Porto 3 vs Sporting 1 - Campo do Arnado, Coimbra 4/07/1937

...na marcação de uma grande penalidade, assinalada em circunstâncias pouco vulgares: o avançado portista Reboredo ajeitou a bola com mão na área e, no seguimento desta ação, o defesa sportinguista João Jurado segurou-a com ambas as mãos, pensando que o árbitro tinha visto a falta portista... Mas o juiz da partida não viu a infração do avançado, assinalando de imediato a falta (merecedora de grande penalidade) do defesa Jurado.

(...) segundo todas as crónicas, o jogo decorreu de uma maneira sadia, portando-se todos os intervenientes de forma desportiva e correta, contrariando a tendência dominante em finais anteriores.

(Coelho & Pinheiro, 2002: 282)

2.5. A influência indireta da censura na ação jornalística

Mas é o medo indeciso, flutuante, hesitante, vago, mole, contínuo... O medo supremamente desmoralizador. Por exemplo um jornalista está escrevendo calorosamente um artigo. Súbito, hesita, detém-se, arrefece: teve medo! Saíram-lhe umas frases sinceras que a Censura vai cortar; todo o seu artigo ficará truncado, em não sendo suprimido, por causa dessas frases sinceras; o diretor do seu jornal vai ficar aborrecido com ele por tais complicações... - tudo isto é o diabo! E o pobre jornalista *encolhe-se*, desiste da sua sinceridade.

(José Régio, «O recurso ao medo», *Depoimento contra Depoimento*)

Anexo 3 - A restrição de liberdades políticas

3.1. Considerações sobre o Tarrafal:

Manuel Maria Martins, o seu primeiro diretor

- Quem vem para o Tarrafal, vem para morrer, com jeito salva-se.

Esmeraldo Pais Pratas, médico do Tarrafal:

- Não estou aqui para curar, mas para assinar certidões de óbito,

João da Silva, seu segundo diretor sobre a Brigada Brava, grupo de presos obrigados à abertura de valas em morro rochoso:

- Cavando o dia inteiro, por vezes sob a temperatura de 40°, sem poderem levantar a espinha por um instante, impedidos de beberem água ou de urinarem mais do que uma vez e proibidos até de perderem tempo a enxugar o suor.

João da Silva, sobre a frigideira:

- No interior, nada. Apenas as paredes e o chão de cimento armado, nu e agressivo. Nem cama, tarimba, enxerga ou umas tristes palhas para o preso dormir. Nem janelas, nem luz artificial. Quatro paredes e um baço fio de luz coado pela pequena fresta gradeada que encima a porta de ferro e por onde entra o baço quente dos trópicos e, durante a noite, o mosquito do paludismo. Das 10 às 16 horas, o sol, ardentíssimo, concentra no interior uma temperatura que deve oscilar entre os 40° e os 60°. Um verdadeiro forno crematório.

(Simões, 2012: 144-145)

3.2. A justificação da ausência de democracia em África

Porque não é só por votos, expressos em quadrados de papel por eleitores analfabetos, ou quase, como seriam muitos dos nativos africanos, que se exprime uma vontade: a aceitação pacífica de uma autoridade, o convívio normal quotidiano sem dificuldades nem atritos (salvo os atritos naturais em toda a vida social) são significativos, e porventura mais ainda que as fórmulas democráticas, em povos que nem por tradição, nem por convicção sabem o que seja a democracia.

(Caetano. 1975: 32)

3.3. O futebol como expressão popular do agrado e aceitação da presença portuguesa em África

Para não fatigar VV Exas. com exemplos, vou limitar-me a um único, particularmente significativo pela multiplicidade e diversidade dos intervenientes.

Há uns doze anos a equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal foi jogar a Lourenço Marques e, no regresso, disputou em Joanesburgo um desafio com a seleção do Transval.

A um quarto de hora do final, o Sporting perdia por 1-4. Subitamente, o Sporting agigantou-se e em seguida fez 2-4 3-4 4-4 e no último minuto 5-4!

Assistiam ao desafio milhares de indígenas portugueses, das mais variadas tribos e dialetos desde o ajaua do Lago até ao landim do Lourenço Marques.

Durante todo o desafio, sofreram com a posição subalterna do Sporting, mas foram-se animando com o crescer deste, até que, com o golo da vitória, irrompeu uma explosão daqueles, milhares de indígenas, gritando bem da alma Portugal! Portugal! Não se compreendiam entre si nos respetivos dialetos, mas tinham no coração um sentimento comum e uma palavra comum para o expressar Portugal! E mal o árbitro dá o apito final, descem em torrente num delírio de exaltação, ignorando passagens ou recintos reservados a brancos e tomam aos ombros a equipa do Sporting perante a polícia pasmada, esquecida dos regulamentos do apartheid!

Contou-me isto um amigo estrangeiro que acrescentou "Havia tanta sublime grandeza na comunhão de sentimentos daquela multidão que me vieram as lágrimas aos olhos". Confesso que ao ouvi-lo narrar o sucedido, os meus também não estavam enxutos! E este juízo nos deve bastar.

E quem haveria de julgar da nossa política de assimilação? Os novos estados africanos, dominados por minorias desafricanizadas em longos estágios preparação nos países além da "cortina de terror"? Minorias dominadas pelos delegados políticos de Moscovo, Pequim ou de Cuba, como no Congo do Biassaville, que esmagam e expulsam as elites autenticamente africanas como as que apoiavam Tchombé e o abade Youlou, ou as chacinam, como sucedeu em Zarizibar?

A O N U onde a maioria das nações ocidentais dá o seu subserviente ámen àquelas minorias que três vezes por semana, numa caricatura de julgamento nos condenam por constituirmos uma ameaça à paz?

Não! Para mim, basta-me o juízo das populações do nosso ultramar. De resto, mesmo sem o juízo dos "etnólogos ou políticos, o ilustre colega Dr. Nazaré marcou claramente a sua concordância.

Eu não direi que está certo. Antes digo que se está em erro, compartilho deste por convicção arreigada há muitos anos. Perdoem-me VV Exas. que me transcreva, mas não posso de outra forma comprovar esta última afirmação.

Há mais de 30 anos escrevi, sobre o império colonial português e seus objetivos, quanto as populações nativas. Podemos, pois, definir os objetivos da nossa política imperial enquadrar no império a massa indígena tomada consciente e que embora africana de raça, seja portuguesa pelo espírito. E mais adiante, quanto à forma de enquadrar no império a massa indígena.

Trazer os indígenas à colaboração o mesmo é dizer valorizá-los, moralmente, para os elevar da sua barbárie à nossa civilização, economicamente, para que possam suportar os encargos que lhes, toquem o usufruir os benefícios materiais correspondentes aos sucessivos, graus que forem atingindo na escala da civilização.

As valorizações moral e económica do indígena têm de caminhar a par. Se predomina a primeira, criam-se revoltados por não poderem satisfazer as necessidades que lhes criámos. Se predomina a segunda, a melhoria material será empregada na satisfação de necessidades inferiores, ou melhor, dos hábitos inferiores, que os acorrentarão a sua barbárie. E continuava. Esta obra, longa de gerações e delicada de execução, tem de ser realizada por etapas. Não esqueçamos isto e não ignoremos os imponderáveis.

Gabriel Teixeira in Assembleia da República, *Diário das Sessões (edição on-line)*, legislatura IX, sessão leg. 02, número 064, data da sessão 1967-02-03, data do diário 1967-02-04, p.1166

Anexo 4 - Obras públicas

4.1. A inauguração do Estádio Nacional a 1 de junho de 1944

O que nos queremos é futebol!

Folheto lançado sobre a multidão que, a 11 de Março de 1945, assistia no Estádio Nacional, no Jamor, ao desafio de futebol entre as seleções de Portugal e da Espanha; o folheto abria com estas palavras:

No Estádio Nacional construído em Portugal durante a guerra, fruto precioso da Paz Portuguesa – defrontam-se hoje, dia 11 de Março de 1945, as equipas de futebol de Portugal e de Espanha. Como recordação deste dia oferecemos aos milhares de espectadores que aqui vieram esta lembrança.(...)

Em sossego e com inteira liberdade puderam deslocar-se até aqui, vindos da capital e de todos os pontos do país e até de Espanha (porque as fronteiras de Portugal estão abertas a todos!) dezenas de milhar de pessoas – dezenas de milhar de desportistas de todas as condições sociais, de todos os credos políticos, apenas irmanados pelo mesmo sentimento de entusiasmo pelas coisas do desporto e no mesmo desejo de aplaudirem o grupo representativo do seu país e de passarem ao ar livre este lindo domingo.

Todavia, e é isto que não podemos esquecer para que toda a sua grandeza se nos mostre a razão de ser da nossa gratidão aos que nos garantem momentos como este, quantos milhões de desportistas não estão, de há muito, privados de assistir às suas competições favoritas, pela impossibilidade de as realizarem os povos absorvidos em produzir material de guerra e em manter nas frentes de combate o maior número possível de soldados; quantos milhões de outros não perderam há muito a alegria de viver, cansados de serem máquinas, provados dos seus mais caros direitos, como seja o direito de viajar dum ponto para o outro, no seu próprio país, de viver onde mais gosta e convém, de ser dono do seu tempo e de si próprio? Quantos milhões de homens não tiveram e têm ainda de abdicar, por inteiro, da sua personalidade, ou porque exige o esforço de guerra do seu país ou em obediência a fatais doutrinas políticas? Quantos? (...)

Só se ouve falar na guerra, e tudo o mais, tudo o que dá perfume à vida e a torna digna de ser vivida, perdeu o seu lugar na Europa de hoje, nesses grandes países civilizados e cultos que ainda ontem, como nós hoje, se compraziam a assistir a préludios desportivos (...) E na Rússia Soviética? (...) Nem sequer são permitidas lá, grandes concentrações populares, como a que neste momento se realiza neste estádio, nem se autorizam às populações as viagens, as deslocações a grande distância ou os pequenos passeios senão por motivos oficiais. (...)

E, afinal, o que nós queremos é futebol – isto é, paz, alegria de viver, ordem nas ruas e nos espíritos, e podermos assistir, sem receios de alarme aéreo ou interrupções por ataques de viação, ao desafio todo; e o que não queremos, e isso muito sinceramente o devemos afirmar, é sacrificar as nossas vidas, o nosso sossego, a paz do nosso lar, a caprichos estranhos aos nossos interesses essenciais, a ideias que não podemos perfilhar nem compreender, por serem totalmente alheias à nossa maneira de ser de povo que ama a liberdade e quer ser dono de si mesmo, dispor do seu destino, o que se nos não permitiria, por exemplo, se vivêssemos sob outro regime que fosse igual ou parecido ao do comunismo soviético – arma da mais feroz e totalitária de todas as ditaduras.

4.2. A promoção do desporto através da edificação de obras públicas e da criação de legislação adequada

O Estado tem dado ao desporto, em todos os campos, tudo quanto lhe é necessário à sua propaganda e à sua expansão. A criação de campos de jogos espalhados por todo o País e de estádios monumentais; o auxílio prestado aos clubes para melhoria das suas instalações; a criação de fundos especiais e subsídios destinados às agremiações que deles necessitem; a presença de atletas em campeonatos internacionais; o envio de delegados a congressos realizados em países estrangeiros; a instalação de centros de medicina desportiva; a atualização de princípios e criação de organismos regulamentares e defensores da boa ética desportiva, como a Direcção-Geral dos Desportos e Saúde Escolar e o Instituto Nacional de Educação Física; a criação, com estatuto especial, da Mocidade Portuguesa, e tantas outras notáveis medidas tomadas em favor das novas gerações - esperança e futuro do Portugal de amanhã -, demonstram com eloquência e verdade a compreensão, a vontade e o esforço do Governo, que bem merece franco e sincero apoio da massa desportiva da Nação. E, fundamentando

eloquentemente as minhas afirmações, medite-se na grandeza do seu significado futuro e presente.

Urgel da Horta in Assembleia da República, *Diário das Sessões (edição on-line)*, legislatura VI, sessão leg. 02, número 055, data da sessão 1954-12-02, data do diário 1954-12-03, p.0027

4.3 A promoção das obras públicas em África

Foi assim, com centenas de carros e o povo em desvario, aclamando os seus ídolos, que o Benfica desfilou, do aeroporto «Craveiro Lopes» até ao centro de Luanda onde centenas de pessoas, de todas as raças, aclamaram vibrantemente os campeões europeus.

A Bola a 5 de Julho de 1962, p.1

Anexo 5 - A promoção do Nacionalismo e do ideal de Portugal, um país do Minho a Timor

5.1. O fatalismo português

...desde velho naco de terreno encostado à Espanha e debruçado sobre o Atlântico, na ponta ocidental de uma Europa cansada e esvaída, carregadinha de tradição e de cultura. Parece não ter importância, mas este caso ajuda a compreender toda a história de um povo que, implantado numa região de pequena superfície, pobre em recursos, com um vizinho do lado cinco vezes maior e mais poderoso, teve de se atirar aos mistérios dos mares sem fim e realizar, quase à força, segundo um evidente fatalismo geográfico, a epopeia sem par dos descobrimentos.

Vítor Santos em *A Bola*, a 28 de outubro de 1961

5.2. Orgulhosamente sós!

E recordando os assobios dedicados à equipa nacional, quando ela entrou em campo, e depois, durante vários períodos da partida, chegamos à conclusão que também no futebol estamos sós, orgulhosamente sós, em terras inglesas.

Carlos Pinhão em *A Bola*, a 25 de Junho de 1966

5.3. A legitimação do carácter miscigenador e civilizacional dos portugueses

...faltando à nossa gente o índice físico e a condição psíquica (...) dos povos de marcado espírito coletivista (...), nos está reservado um lugar entre os ‘intuitivos’ do futebol (...) por implicação da nossa realidade extracontinental, que nos permite a utilização do negro e do mestiço da África Portuguesa, a uma estranha maneira ‘euro-latina-africana’ que nos classifica como europeus menos europeus do Velho Continente.

Vítor Santos em *A Bola*, a 7 de Julho de 1966

...

O futebol português, com a ‘unidade rática’, de um país pluricontinental e plurirracial, será, na Europa, a expressão acabada da conciliação do praticante dos trópicos, com a sua habilidade congénita, com o praticante europeu, mais inteligente e metódico, (...) a termos como resultado uma simbiose, uma equipa nacional em que a linha técnica corre parelhas com a linha temperamental. Foi através desta fórmula mágica que se pode forjar um conjunto que, sem força bruta dos povos de grande gabarito físico-atlético, conseguiu através da destreza e do temperamento dos seus componentes jogar e lutar como os melhores.

Vítor Santos em *A Bola*, 4 de agosto de 1966

...

Comentário de Wolf Lyberg, jornalista do “IB-Idrotsbladet”, Outubro de 1962, após um jogo para a Taça dos Campeões Europeus:

Ficámos fascinados pela forma como esta equipa do Benfica se tornou numa mistura tão perfeita de Europa e África. Quatro jogadores da primeira categoria vieram do ultramar português.

(*Apud* Melo, A. 2005:105)

...

A equipa fornecia os elementos simbólicos que ilustravam um ideal: jovens da “Metrópole” e jovens das “Províncias Ultramarinas” a colaborarem em equipa, disciplinados na conquista de um objetivo comum. A equipa (...) simbolizava o colonialismo ideal.

(Santos., 2004: 91)

5.4. A comunhão do ideal português

Lourenço Marques – pois é, amigos! A menina pacata, pura, tímida, tão bela e colorida, que é esta cidade portuguesa (...) abandonou a pacatez; Motivo: a visita do Benfica, na pessoa dos seus famosos campeões europeus de futebol!

A Bola, 9 de Julho de 1962 p.1

5.5. Uma casa portuguesa

Promoção do provincianismo português defendido por Salazar através de do confronto entre quotidiano rural e conservador e a devassidão e os vícios decorrentes do mundo urbano

Em Picadilly (...) amontoam-se (...) eles e elas, embora a uma certa distância, se torne difícil saber quais são elas e quais são eles, todos de calças compridas e de cabelos quase tão compridos como as calças. Muito despenteados os cabelos. Muito amarrotadas as calças... E tudo, tudo muito porco, os cabelos, as calças, os camisolões, o que fazem e, muito provavelmente, o que dizem, a avaliar pelas atitudes. (...) Abençoada terra a nossa Lisboa, onde até os malucos são asseados (...). E lembrámo-nos também, alfacinhas facciosos como somos, de um comandante da Polícia, chamado, salvo erro, Ferreira do Amaral. Pelo que dele nos contaram, era para, em Picadilly, dar um banho de agulheta a todos aqueles “porcalhões de um povo.

Carlos Pinhão, em *A Bola* a 14 de Julho 1966

5.6. A inauguração do Estádio José de Alvalade, no dia da Raça, em 10 de junho de 1956



Imagem 19 - O Chefe de Estado, General Craveiro Lopes, na inauguração do Estádio José de Alvalade

Disponível em <http://www.centenariosporting.com/index.php?content=420>, acesso em 4 de maio de 2012.

Anexo 6 - As instituições de arregimentação social

6.1. Visão do desporto para a Mocidade Portuguesa

A vida sexual do bom filiado na Mocidade Portuguesa

(...) Com a higiene geral individual e a prática do desporto, do campismo com a sua encantadora vida ao ar livre em contacto constante com a natureza; evitando a vida excitante do cinema e do teatro, do baile, das leituras eróticas, cultivando altos ideais morais e religiosos, etc, pode-se conseguir, sem esforço e com redobrado proveito, a supressão das atividades genésicas e até o completo desenvolvimento do organismo.

É assim, constituindo um dia a sua Família, pleno de força, saúde e vigor, esse homem poderá dar à Pátria filhos sãos e robustos para um PORTUGAL MAIOR.

In Manual de Higiene (Lisboa, O. N. Mocidade Portuguesa, 1945, pp 185-188)

6.2. O futebol ao serviço da promoção da instituição militar e Eusébio como um exemplo a seguir

Eusébio na tropa. Este é o soldado recruta 1987/63 do RAAF de nome Eusébio da Silva Ferreira. Um novo capítulo que se abriu, ontem pela manhã, na vida do famoso moçambicano do Benfica.

A Bola, a 26 de Outubro de 1963

...

Comentário à vitória da seleção militar portuguesa sobre a sua congénere luxemburguesa, num encontro disputado no Estádio dos Barreiros a 6 de Janeiro de 1966:

Eusébio foi, mais uma vez, o grande «marechal» nesta cruzada inesquecível (...). Após o banquete de confraternização, (...) teve outra atuação não menos sensacional: aderiu ao «bailinho» e dançou com alegria e simplicidade.

(Melo, 2005: 193-94)

6.3. O futebol como exemplo da primazia do espírito de grupo em detrimento do individualismo

Não, não havia ali jogadores de vários clubes, nem adeptos de clubes vários, mas sim e apenas jogadores e adeptos de um só clube – “O CLUBE DE PORTUGAL” ...para grande honra e glória desse grande clube.

Vítor Santos, em *A Bola* a 9 de Julho de 1966

...

É claro que o desporto é a expressão e instrumento de certa forma de cultura, como o teatro o é de outra. E claro que se pode dizer que olhar o desporto como uma coisa a arrumar em ambiente que se não revista de grande dignidade corresponde a ter uma noção inadequada da sua essência e do seu valor educativo. E não olhar para o que há no futebol de fortemente educativo, de enormemente disciplinador; é não reparar que o futebol, como jogo de associação, é uma manifestação de atividade em que cada um, sobre o terreno, tem a consciência de que não vale nada a unidade senão no conjunto...

Mário de Figueredo in Assembleia da República, *Diário das Sessões (edição on-line)*, legislatura V, sessão leg. 01, número 037, data da sessão 1950-03-24, data do diário 1950-03-25, p.0613

Anexo 7 - A contestação social

7.1. 1969 – Antecedentes da Final da Taça de Portugal da contestação: Benfica 2 – Académica 1

Nesta temporada [1968-69] os jogos da “Briosa” estavam sempre carregados de símbolos de contestação. Os jogadores, nos encontros desportivos em que intervinham, continuavam a respeitar as regras do luto académico decretadas em Assembleia Magna. No primeiro jogo (...) das meias-finais frente ao Sporting, a Académica de Coimbra apresentou-se em Alvalade com o equipamento branco, fazendo-se assim ressaltar a atitude de luto que toda a Academia de Coimbra vivia. O uso de braçadeira negra na manga esquerda da camisola dos jogadores da “Briosa” levou a FPF a lançar um comunicado dias depois, onde se salientava que era “vedado aos restantes jogadores (que não ao capitão de equipa) apresentarem-se com braçadeiras de qualquer tipo ou tamanho”. No jogo de Coimbra, a Académica apresentou-se então de negro, mas em vez das braçadeiras, cada jogador apresentava a lista branca de luto sobre o emblema. O luto académico era assim mantido, contornando-se o obstáculo da disposição federativa que só permitia o uso de braçadeiras.

Depois de uma prometedora vitória (2-1) dos “estudantes” em Alvalade, o segundo jogo realizou-se no velho Estádio do Calhabé, que encheu por completo. Nesse dia preparou-se uma grande manifestação, dentro do Estádio, de apoio aos jogadores, de informação à cidade e de divulgação dos objetivos da luta académica, num ensaio do que, à escala nacional, se haveria de fazer na semana seguinte em Lisboa, na final da Taça. Milhares de comunicados foram distribuídos, em que se liam as principais reivindicações dos estudantes. Durante o jogo foram também exibidos cartazes de contestação. O desenrolar da partida ditaria a vitória da Académica por 1-0.

(Coelho & Pinheiro, 2002: 485-486)

7.2. Os jogos silenciosos

Num Portugal habituado a viver entre a mordaza e a sonolência, no início da década de 70 anunciava-se um período de grande agitação social, principalmente nas zonas periféricas das grandes cidades, onde se concentravam a indústria e milhares de trabalhadores, como era o caso do Barreiro, onde a CUF (Companhia União Fabril) empregava milhares de pessoas.

O clube de futebol da empresa tornara-se motivo de grande orgulho para os funcionários, que apoiavam entusiasticamente os seus “representantes” nos campos de jogo. Mas o futebol cumpria também outros objetivos: os domingos eram sempre esperados pelos trabalhadores com grande ansiedade, servindo de escape para quem vivia sob o medo e a repressão.

Os 90 minutos do jogo eram aproveitados para se desabafar... maldizendo os patrões, as injustiças sociais e o próprio Estado. O ambiente que se vivia nos estádios, em especial no Barreiro, assumiu tais proporções de contestação coletiva que o regime fascista decidiu que ninguém poderia gritar durante o decorrer dos desafios. Como forma de intimidação, cada vez que havia um jogo, um destacamento da Guarda Nacional Republicana instalava-se no estádio, enquadrando o retângulo de jogo com as metralhadoras nas mãos e de frente para o público. Estes jogos passaram a ser conhecidos como os desafios silenciosos, nos quais o público não se podia expressar livremente, nem de forma que pudesse ser considerada mais eufórica. As emoções eram controladas pela ameaça da metralhadora.

(Coelho & Pinheiro, 2002: 492)